



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**

**CENTRO DE HUMANIDADES**

**DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**NICOLLE DE ARAÚJO FONTES BARROSO**

**CORRELATOS PSICOSSOCIAIS DO COMPORTAMENTO DE *TROLLAGEM* NAS  
REDES SOCIAIS**

**FORTALEZA**

**2024**

**NICOLLE DE ARAÚJO FONTES BARROSO**

**CORRELATOS PSICOSSOCIAIS DO COMPORTAMENTO DE *TROLLAGEM* NAS  
REDES SOCIAIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Psicologia.

Área de Concentração: Psicologia

Linha de Pesquisa: Processos Psicossociais e Vulnerabilidades Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Walberto Silva dos Santos.

**FORTALEZA**

**2024**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

B285c Barroso, Nicolle de Araújo Fontes.  
Correlatos Psicossociais do Comportamento de Trollagem nas Redes Sociais / Nicolle de Araújo Fontes Barroso. – 2024.  
122 f. : il. color.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Fortaleza, 2024.  
Orientação: Prof. Dr. Walberto Silva dos Santos.

1. Trollagem Online. 2. Variáveis Psicossociais. 3. Personalidade. 4. Redes Sociais. 5. Comportamento Antissocial. I. Título.

CDD 150

---

NICOLLE DE ARAÚJO FONTES BARROSO

CORRELATOS PSICOSSOCIAIS DO COMPORTAMENTO DE *TROLLAGEM* NAS  
REDES SOCIAIS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Psicologia.

Área de Concentração: Psicologia

Linha de Pesquisa: Processos Psicossociais e Vulnerabilidades Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Walberto Silva dos Santos.

Aprovada em 29/01/2024.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Walberto Silva dos Santos (Orientador)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof. Dr. Alex Sandro de Moura Grangeiro  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof. Dr. Anderson Mesquita do Nascimento  
Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG)

Dedico esse trabalho aos meus avós, Maria do Carmo de Araújo Fontes e Francisco Arruda Fontes (*In Memoriam*) e aos meus pais, Mônica de Araújo Fontes e Paulo Ricardo Gurgel Barroso por serem inspiração e fontes de um amor incomensurável que é farol no meu caminhar. Vocês (ainda) sou eu.

## Agradecimentos

Chego ao fim de mais uma jornada árdua, extenuante, mas, ao mesmo tempo, bonita, engrandecedora e inexplicável com a Psicologia. Assim como no fim da graduação, vivo a certeza de que encontrei aquilo que amo fazer, e que esse encontro tão sublime deve ser sempre cheio de gratidão àqueles que caminharam ao meu lado. Foi através de vocês, que vivenciamos as trincheiras comigo, que pude enxergar mais longe.

Antes de iniciar, preciso dizer que as palavras existentes no mundo são pequenas e não conseguem expressar na íntegra o que o meu coração quer dizer.

Agradeço primeiramente a **Deus e a Nossa Senhora**, pela força, proteção, discernimento e fé, imprescindíveis à conclusão dessa dissertação. Constato sempre que tenho muita sorte e privilégio na vida, e sei, sem dúvidas, que são vocês abrindo os caminhos.

A sorte me acompanha desde que nasci, afinal, não poderia ter família melhor no mundo. Agradeço à minha mãe, **Mônica**, pelo amor desmedido e pela crença inabalável em mim. A sua certeza e o seu suporte possibilitam o meu crescimento e me incentivam a tentar ser sempre melhor. Sou feita da sua carne e, ousou dizer, que dividimos o mesmo coração. Sendo assim, se um dia eu for metade da mulher que você é, terei alcançado meu objetivo. Essa conquista, mais uma vez, é dedicada a você. Que enorme privilégio é tê-la como mãe!

Agradeço também ao meu pai, **Paulo**, pelo amor infinito, pela acolhida de volta em minha cidade natal, Fortaleza, e pela não mensuração de esforços para que eu pudesse entregar o melhor de mim nessa dissertação. Obrigada pelas longas conversas, conselhos, tentativas infinitas de aprimoramento do meu inglês, pelas caminhadas na Beira Mar, enfim, por tudo. Tem “dedo” seu nesse trabalho e eu tenho muito orgulho disso. A gratidão se estende também a sua esposa, Giselle, pela acolhida, suporte e cuidado de sempre.

À minha caçulinha, **Nathália**, a quem eu agradeço infinitamente por todo o suporte e amor. Sem você nos bastidores, Nath, nada disso seria possível. Obrigada por tornar a vida mais

leve, por sempre me arrancar boas risadas, por torcer e acreditar tanto em mim. É bom demais saber que partilho a vida com você. Assim como com minha mãe, ousou dizer que partilhamos, nós três, o mesmo coração. Você para mim é direção, alegria, vida e força. Te amo infinitamente! Essa conquista é nossa. Minha gratidão se estende ainda, ao meu cunhado maravilhoso, Rafael. Acho que você aprendeu com minha irmã a acreditar em mim. Pois, sempre que acho que não vou conseguir, surge sua voz dizendo “menina, já conseguiu”. Obrigada pela parceria, pelo cuidado, pela presença e pelo incentivo. Sou feliz demais por tê-lo em nossa família.

Agradeço aos meus avós, **Arruda e Maria do Carmo**, a quem este trabalho também é dedicado. Vocês são estrela guia da caminhada e intercessores no céu. Sem os valores que vocês plantaram nessa família, provavelmente, eu não seria a mesma pessoa.

Gratidão também aos meus tios **Antônio Augusto e Eduardo Fontes** (Dinho), que são torcedores fiéis e incentivadores de cada uma das minhas conquistas. Obrigada por se fazerem sempre presentes em minha vida. Sem vocês, provavelmente, eu não chegaria aqui. Agradeço também a **Cléo**, minha prima, por sempre trazer a luz e a alegria quando em nossa presença.

À minha Dinha, **Cristiane**, pelo seu amor infinito, que me acolheu, encheu de amor, cuidado e suporte. Obrigada Dinha, por sua dedicação, por todo o cuidado, por não medir esforços para tudo que preciso. Gratidão por seu olhar atento, por sua disponibilidade, por forrar os bastidores para que eu conseguisse entregar o meu melhor no desenvolvimento dessa dissertação.

Minha gratidão à minha tia avó, **Isabel**, que tanto acredita e incentiva a minha caminhada na carreira acadêmica. Tia Bel, obrigada por tudo! Por cada uma das suas palavras, por seu cuidado, por acreditar tanto em mim. Obrigada pela acolhida, pelas discussões, pelo amor, pelo exemplo. Amo você. Gratidão à minha tão amada tia avó, **Bemvinda**. Tia Bem, a sua alegria e positividade diante das maiores dificuldades, são o sol que ilumina as nossas vidas.

Obrigada por tantas vezes que você assumiu a função de minha avó. Eu te amo muito! Essa conquista é sua também!

Minha infinita gratidão ao meu querido orientador prof. Dr. **Walberto Silva dos Santos**. Tenho muita sorte de cruzar o caminho de pessoas como você. Obrigada por ter me recebido tão bem, por todo conhecimento compartilhado, pela paciência, pelas trocas no laboratório e pela crença no meu potencial. Quando eu não acreditava, você tinha certeza que ia dar certo. Espero que nos quatro anos que estão por vir, no Doutorado, estreitemos ainda mais os laços. Obrigada por ser o farol dessa caminhada.

Agradeço ao meu eterno orientador e membro da banca de defesa prof. Dr. **Alex Sandro de Moura Grangeiro**, a quem tenho a enorme honra e alegria de chamar de amigo. Alex, as palavras jamais alcançarão o tamanho da minha gratidão a você. Obrigada por continuar sendo farol, iluminando minha caminhada. Obrigada pelas longas conversas, pela escuta sempre atenta, os conselhos e pela amizade. Saiba que você é uma inspiração para mim e que é bom demais saber que com você eu reparto a ciência, a paciência e a esperança.

Gratidão também ao prof. Dr. **Anderson Mesquita do Nascimento**, membro da banca de defesa, pela disponibilidade, pelas ricas contribuições e reflexões. É uma honra tê-lo como avaliador dessa dissertação.

Gratidão a cada um dos meus amigos e amigas, na certeza de que quem tem um amigo tem tudo. Essa conquista é nossa:

**Zilma**, muito obrigada por todo seu amor, intercessão, companheirismo, amizade. Por me encher de certeza que ia dar certo, até nos momentos mais difíceis. Obrigada por ser sempre um ombro amigo e por me ajudar em tudo que preciso. É bom demais saber que posso contar com você.

**Eva**, que alegria é tê-la em minha vida. Tive a honra de ser sua aluna, e hoje, tenho a enorme dádiva de chamá-la de amiga e sócia. Obrigada por todo o suporte, pelo amor, pelas



enormes e boas risadas. Qualquer caminhada fica mais leve com você ao lado. Saiba que é uma grande inspiração para mim. E que se estou chegando ao fim desse mestrado, devo muito a você.

**Larissa e Priscylla**, minhas irmãs do coração, dupla que divide a vida comigo. Obrigada por caminharem ao meu lado, por suportarem a minha ausência e por me encherem de orgulho. Muito do que sou, aprendi com vocês. Minha gratidão infinita.

**Joara**, amiga de risadas longas, pelos motivos mais improváveis. Psicóloga competente e de um coração imenso. Obrigada por estar ao meu lado e sempre acreditar em mim. **Adriana**, minha eterna chefinha e símbolo da liderança transformadora que eu acredito. Obrigada por sempre acreditar no meu potencial, por me desafiar e fazer com que eu consiga ser mais e melhor. Você é inspiração para mim.

Agradeço imensamente, por fim, aos meus companheiros e amigos do Laboratório Cearense de Psicometria (LACEP). Com vocês aprendo cada dia mais. Obrigada por partilharem a caminhada comigo, pelas boas risadas e por tornarem esse caminho mais feliz. Cito aqui o nome de cada um, **Iohana, Jonatha, Yurih, Sarah, Isabele, Mariana, Luana, Tobias, Kennedy, Danton, Laura, João Neto, Duda**. Muito obrigada especialmente a Iohana, que fez todo o post de divulgação dessa pesquisa para as redes sociais, ao Jonatha e ao Yurih, que me auxiliaram com algumas análises dos dados.

Por fim, agradeço à **CAPES**, pelo financiamento dessa pesquisa. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

“Gente demais, com tempo demais, falando demais, alto demais. Vamos atrás de um pouco de paz.

A gente queima todo dia mil bibliotecas de Alexandria. A gente teima, antes temia. Já não sabe o que sabia.” (Gessinger & Iorczeski, 2016)

## RESUMO

O surgimento das redes sociais facilitou a comunicação entre os indivíduos, causando um profundo impacto em diversas esferas da vida. Para além das benesses trazidas, esse espaço também possibilitou a disseminação de comportamentos antissociais online. Nesse sentido, um desses comportamentos é denominado de trollagem. Ele se caracteriza pela publicação de comentários ou posts, utilizando-se de ações enganosas, destrutivas ou perturbadoras, cujo intuito é gerar discussões e irritar outros usuários. Considerando esse comportamento, a presente dissertação objetivou analisar a influência de variáveis psicossociais, especificamente traços de personalidade comuns, sadismo, psicopatia, suporte social, envolvimento com as redes sociais, potência social negativa, orientação para dominância social e a disposição para ridicularizar os outros (katageslaticismo), no comportamento de trollagem em redes sociais. Para tanto, contou-se 958 participantes, com idades entre 18 e 86 anos ( $M= 39,84$ ;  $DP =15,54$ ), predominantemente do gênero feminino, heterossexual, branca e pós-graduada. Os instrumentos utilizados foram: o *Social Rewards Questionnaire* (SRQ), a *Short Dark Tetrad* (SD4), a Phophikat-30, o *Big Five Inventory* -20, a Escala de Percepção de Suporte Social-Reduzida, a Escala de Exposição a Conteúdo Antissocial, a Avaliação Global de Trollagem na Internet – Reduzida e a Escala de Orientação à Dominância Social – Reduzida) e um conjunto de questões biossociodemográficas. Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal do Ceará – UFC (Parecer nº 6.274.913). Para a análise dos dados foram utilizados os softwares SPSS (versão 22), Factor (versão 12.4.5.0) e Jamovi (versão 2.4.11.0). Foram realizadas análises fatoriais exploratórias, além de correlações de Pearson, testes t para amostra independentes e regressões logísticas binárias. Os resultados demonstraram índices de qualidade de ajuste do modelo adequados e consistente estrutura fatorial para as escalas validadas para o Brasil, estando estas adequadas com relação a validade e precisão. Com relação aos testes das hipóteses, a psicopatia, o

sadismo e a exposição a conteúdos antissociais se mostraram como preditores do comportamento de trollagem. Já as demais variáveis investigadas, apresentaram correlações significativas com a trollagem, com exceção da extroversão, da conscienciosidade, da abertura e do suporte cognitivo emocional, e diferenças de médias significativas quando comparados trolls e outros usuários, com exceção da orientação para dominância social, da extroversão, da conscienciosidade e do suporte cognitivo instrumental. Mesmo diante de algumas limitações, a presente pesquisa atingiu os objetivos propostos, de forma que os dados encontrados contribuem significativamente para uma melhor compreensão teórica acerca desse comportamento em contexto nacional.

*Palavras-chave:* trollagem online, variáveis psicossociais, personalidade, redes sociais, comportamento antissocial

## ABSTRACT

The emergence of social networks facilitated communication between individuals, causing a profound impact on various spheres of life. In addition to the benefits brought, this space also enabled the dissemination of online antisocial behaviors. In this sense, one of these behaviors is called trolling. It is characterized by the publication of comments or posts, using misleading, destructive, or disturbing actions, whose purpose is to generate discussions and irritate other users. Considering this behavior, the present dissertation aimed to analyze the influence of psychosocial variables, specifically common personality traits, sadism, psychopathy, social support, involvement with social networks, negative social power, guidance for social dominance and the willingness to ridicule others (Katageslasticism), in the behavior of trolling on social networks. To this end, there was 958 participants, aged 18 and 86 years ( $M = 39.84$ ;  $DP = 15.54$ ), predominantly of the female, heterosexual, white and postgraduate. The instruments used were: Social Rewards Questionnaire (SRQ), Short Dark Tetrad (SD4), Phophikat-30, Big Five Inventory -20, the social-reduced perception scale, antisocial content exposure scale, global internet trolling assessment - reduced and the social - reduced dominance orientation scale) and a set of biosocodemographic issues. This research was approved by the Ethics and Research Committee of the Federal University of Ceará - UFC (Opinion No. 6,274,913). For data analysis the SPSS (version 22), factor (version 12.4.5.0) and Jamovi (version 2.4.11.0) software was used. Exploratory factor analyzes were performed, as well as pearson correlations, independent s sample T tests and binary logistics regressions. The results demonstrated adjustment quality indexes of the appropriate model and consistent factorial structure for the validated scales for Brazil, which are suitable for validity and accuracy. Regarding the tests of the hypotheses, psychopathy, sadism and exposure to antisocial contents proved to be predictors of trolling behavior. The other variables investigated showed significant correlations with trolling, with the exception of

extroversion, conscientiousness, openness and emotional cognitive support, and significant mean differences when comparing trolls and other users, with the exception of social dominance orientation, extraversion, conscientiousness and instrumental cognitive support. Even in the face of some limitations, this research has achieved the proposed objectives, so that the data found contribute significantly to a better theoretical understanding of this behavior in the national context.

*Keywords:* online trolling, psychosocial variables, personality, social networks, antisocial behavior

## Lista de Tabelas

### **Tabela 1**

*Resultado Análise Paralela (SRQ) ..... 62*

### **Tabela 2**

*Variância Explicada baseada no Valor Próprio (Eigenvalues) (SRQ)..... 63*

### **Tabela 3**

*Índices de qualidade de ajuste dos modelos propostos na SRQ ..... 65*

### **Tabela 4**

*Resultado Análise Paralela (SD4) – 4 Fatores ..... 65*

### **Tabela 5**

*Índices de qualidade de ajuste dos modelos propostos na SD ..... 68*

### **Tabela 6**

*Resultado Análise Paralela (Phophikat) ..... 68*

### **Tabela 7**

*Correlações de Person entre Trollagem Online e as Variáveis Intrínsecas ..... 72*

### **Tabela 8**

*Correlações de Person entre Trollagem Online e as Variáveis Extrínsecas ..... 73*

### **Tabela 9**

*Correlações de Person entre Trollagem Online e as Variáveis Mistas ..... 74*

### **Tabela 10**

*Diferença de Médias das Variáveis Antecedentes entre Trolls e Outros Usuários ..... 76*

### **Tabela 11**

*Estatísticas de Multicolinearidade ..... 78*

### **Tabela 12**

*Estatísticas dos Três Modelos Preditivos Testados..... 79*

**Tabela 13**

*Tabela de Classificações prevista pelos modelos de Regressão Logística Binária ..... 80*

**Tabela 14**

*Variáveis Predictoras de Trollagem Online ..... 81*



## Sumário

<b>Introdução .....</b>	<b>19</b>
<b>Seção 1 – Comportamento de <i>Trollagem Online</i> .....</b>	<b>23</b>
<b>Contexto histórico do desenvolvimento do conceito de <i>Trollagem Online</i> .....</b>	<b>23</b>
<b>Definição do comportamento de <i>Trollagem</i> .....</b>	<b>27</b>
<b>Diferenças entre a <i>Trollagem</i> e o <i>Cyberbullying</i> .....</b>	<b>33</b>
<b>Consequências Psicossociais das Vítimas dos <i>Trolls</i> .....</b>	<b>35</b>
<b>Seção 2 - Variáveis Psicossociais Associadas ao Comportamento de <i>Trollagem</i> .....</b>	<b>38</b>
<b>Nível Intrínseco .....</b>	<b>38</b>
<b>Nível Extrínseco .....</b>	<b>40</b>
<b>Nível Misto .....</b>	<b>42</b>
<b>Objetivos: Geral e Específicos .....</b>	<b>48</b>
<b>Objetivo Geral.....</b>	<b>48</b>
<b>Objetivos Específicos .....</b>	<b>48</b>
<b>Hipóteses.....</b>	<b>49</b>
<b>Método .....</b>	<b>51</b>
<b>Delineamento .....</b>	<b>51</b>
<b>Participantes .....</b>	<b>51</b>
<b>Instrumentos para Coleta de Dados .....</b>	<b>52</b>
<b>Procedimentos .....</b>	<b>55</b>
<b>Resultados .....</b>	<b>59</b>
<b>Tradução, Adaptação e Validação Semântica.....</b>	<b>59</b>

<b>Propriedades Psicométricas das Escalas.....</b>	<b>61</b>
<b>Questionário de Recompensa Social (SRQ).....</b>	<b>62</b>
<b>Tétrade Sombria Curta (SD4).....</b>	<b>65</b>
<b>Phophikat .....</b>	<b>68</b>
<b>Teste das Hipóteses .....</b>	<b>71</b>
<b>Hipóteses de Correlação .....</b>	<b>72</b>
<b>Prevalência da Trollagem Online, Diferenças e Semelhanças entre e Trolls e Outros usuários de Redes Sociais .....</b>	<b>74</b>
<b>Hipóteses de Predição .....</b>	<b>77</b>
<b>Discussões .....</b>	<b>82</b>
<b>Considerações Finais .....</b>	<b>93</b>
<b>Referências .....</b>	<b>96</b>
<b>Anexos.....</b>	<b>112</b>
<b>Anexo A: Social Reward Questionnaire (SRQ) .....</b>	<b>112</b>
<b>Anexo B: Short Dark Tetrad (SD4) .....</b>	<b>113</b>
<b>Anexo C: Escala Phophikat .....</b>	<b>115</b>
<b>Anexo D: Inventário dos Cinco Grandes Fatores da Personalidade .....</b>	<b>117</b>
<b>Anexo E: Escala de Percepção de Suporte Social (versão reduzida).....</b>	<b>118</b>
<b>Anexo F: Escala de Avaliação Global da Trollagem Online (GAIT-R) .....</b>	<b>119</b>
<b>Anexo G: Escala de Exposição a Conteúdo Antissocial Online (E-CAO).....</b>	<b>120</b>
<b>Apêndices.....</b>	<b>121</b>

<b>Apêndice A: Questões Sociodemográficas e de Caracterização do Tempo de Uso de</b>	
<b>Redes Sociais .....</b>	<b>121</b>
<b>Apêndice B: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) .....</b>	<b>122</b>

## Introdução

As redes sociais são plataformas digitais utilizadas para criação, consumo e compartilhamento de conteúdos com outros usuários por meio de publicações. Estas podem apresentar diferentes formatos de comunicação, tais como fotos, vídeos e textos (Chassiakos et al., 2016). A utilização desses meios de comunicação digital tem se popularizado nas últimas duas décadas, com grandes números de usuários que as utilizam frequentemente (O'day & Heimberg, 2021).

Conforme relatório global, publicado pela *We Are Social* em 2023, existem 4,76 bilhões de contas ativas em redes sociais em todo o mundo, quantitativo que representa 59,4% da população mundial (Datareportal, 2023). Em contexto brasileiro, estima-se em 152,4 milhões o número de contas atualmente ativas, total equivalente a, aproximadamente, 70,6% da população do país. Segundo o estudo, os usuários brasileiros utilizam, em média, 3 horas e 46 minutos diários nas redes sociais, tempo que classifica o Brasil como o segundo país em que as pessoas mais permanecem online nas plataformas de mídia sociais (Datareportal, 2023).

Mais especificamente, com relação ao uso das redes sociais no mundo, os aplicativos que se destacam entre os mais utilizados são, respectivamente, o Youtube, o Facebook, o Whatsapp e o Instagram. No Brasil, especificamente, plataformas como Tiktok, Facebook Messenger, Telegram, Kuaishou e Twitter também são elencadas entre aquelas com maior número de usuários. Além de terem muitos usuários no país, algumas são apontadas como as redes sociais favoritas, são elas: o Whatsapp, o Instagram, o Facebook, o Tiktok, o Kuaishou e o Twitter; para os usuários, os principais motivos pelos quais fazem uso dessas redes sociais são: manter-se em contato com os amigos e a família, passar o tempo livre, ler novas histórias, encontrar conteúdos, ver o que as pessoas estão comentando, encontrar inspirações de compras e de atividades para fazer, assistir transmissões ao vivo, compartilhar e discutir opiniões com outras pessoas e fazer novos contatos (Datareportal, 2023).

De fato, como afirmam Bentley e Cowan (2021), o sucesso dessas plataformas de comunicação, em grande parte, pode ser atribuído a possibilidade de interação social de indivíduos de diversas culturas e origens diferentes, possibilitando discussões e livre exposição de opiniões, sobre distintos tipos de conteúdo. Contudo, para além da emissão de comportamentos socialmente aceitáveis, como a troca de informações, fotos, vídeos e mensagens instantâneas e a promoção de espaços de relacionamentos, que aproxima as pessoas (Coles & West, 2016), essas plataformas também têm sido palco de crescente disseminação de comportamentos antissociais online (Bentley & Cowan, 2021). Tais comportamentos, em geral, são expressos a partir do compartilhamento de comentários ou conteúdos violentos, pejorativos e/ou hostis, que têm por propósito intimidar ou provocar outros usuários (Tsantarliotis et al., 2017).

De maneira geral, os usuários que buscam promover e fomentar comportamentos antissociais na internet, apenas por diversão, são nomeados de *trolls*; ao passo que os comportamentos por eles emitidos recebem a denominação de *trollagem*, nomenclaturas que foram, posteriormente, incorporadas nos estudos científicos do tema (Buckels et al., 2014; Sanfilippo, et al., 2018). Esses usuários, de uma forma geral, buscam chamar atenção com seus comportamentos e se divertir a partir do incômodo provocado em outros usuários (Buckels et al., 2014). Além disso, esses indivíduos apresentam desejo de quebrar as normas socialmente estabelecidas, independente das consequências que podem causar às vítimas (Tsantarliotis, et al., 2017).

Em uma pesquisa realizada por Hong e Cheg (2018), considerando três universidades do Taiwan, foi constatado que 74% da amostra já havia sofrido *trollagem* pelo menos uma vez na vida. No Brasil, a Central Nacional de Denúncias de Crimes Cibernéticos (CND), serviço oferecido pela Safernet Brasil, que é uma associação civil de direito privado cujo objetivo é promover e defender os direitos humanos na internet, fez um levantamento do número de

denúncias de comentários agressivos online, que podem ser elencados como crimes de ódio. Neste levantamento de dados, a empresa encontrou que houve um aumento de 67,7% das denúncias de crimes de ódio online entre 2021 e 2022. Eles categorizaram entre as principais denúncias as postagens e os comentários relacionados a misoginia, a xenofobia, a apologia a crimes contra a vida, o racismo, a LGBTfobia, a intolerância religiosa, entre outros. Os que tiveram principal aumento de denúncias, comparados aos dados de 2021, foram: a xenofobia (aumento de 874%), a intolerância religiosa (aumento de 456%) e a misoginia (aumento de 251%) (Safernet, 2023).

Vale mencionar que a ocorrência do comportamento de *trollagem* tem se destacado nos últimos anos, principalmente em postagens que envolvem política, acontecimentos atuais e preconceitos, passando a ser considerada um problema social, visto que pode ocasionar sérias consequências para a saúde mental das vítimas, a exemplo da ideação suicida e comportamentos de automutilação (Bentley & Cowan, 2021; Safernet, 2023).

Em virtude dessas e de outras consequências negativas, o comportamento de *trollagem* vem sendo discutido no âmbito acadêmico. Entretanto, ainda há pouca pesquisa empírica voltada para a compreensão do comportamento de *trollagem* no mundo (Sanfilippo et al., 2018). Nesse contexto, o Brasil, apesar de ser um dos países com a maior quantidade de horas gastas em redes sociais e de apresentar um alto indicador de outros tipos de ataques cibernéticos, como vazamento de dados pessoais, exposição de imagens íntimas, fraudes, golpes, e-mails falsos e cyberbullying, ainda apresenta poucos estudos acerca desse comportamento (Safernet, 2023; Santos et al., 2022).

Com base na compilação dos resultados vislumbrados em pesquisas anteriores, verifica-se que dentre os principais aspectos considerados na explicação desse fenômeno, destacam-se as investigações acerca dos traços de personalidade, sendo a busca por variáveis psicossociais ainda pouco explorada (Howard et al., 2019). Como apontam Bentley e Cowan (2021), o estudo

desse tema ainda está em fase inicial sendo necessário um maior aprofundamento acerca das características do perfil psicológico destes indivíduos para a adequada compreensão desse fenômeno.

Dessa forma, considerando as lacunas de conhecimento ainda existentes sobre o tema, buscou-se nessa dissertação, responder a seguinte pergunta de pesquisa: Qual o papel das variáveis psicossociais, especificamente traços de personalidade comuns, sadismo, psicopatia, suporte social, envolvimento com as redes sociais, potência social negativa, orientação a dominância social e disposição para ridicularizar os outros (katageslaticismo) para a compreensão do comportamento de *trollagem* em redes sociais?

Portanto, o objetivo geral foi analisar a influência de variáveis psicossociais, especificamente traços de personalidade comuns, sadismo, psicopatia, suporte social, envolvimento com as redes sociais, potência social negativa, orientação para dominância social e a disposição para ridicularizar os outros (katageslaticismo), no comportamento de *trollagem* em redes sociais. De modo específico, buscou-se (1) adaptar e avaliar as evidências de validade para o contexto brasileiro de três das escalas utilizadas nesse estudo, a saber: *Social Rewards Questionnaire (SRQ)*, *Short Dark Tetrad (SD4)* e a *Phophikat-30*; e (2) conhecer a prevalência do comportamento de *trollagem* na amostra pesquisada.

Para uma compreensão acerca da temática e pretendendo atender aos objetivos elencados, essa dissertação se estrutura da seguinte forma: no marco teórico são descritos, de modo aprofundado, o contexto histórico do desenvolvimento do termo *trollagem*, a definição desse comportamento, a diferença dele para o *cyberbullying* e as consequências psicossociais das vítimas dos *trolls*. Em seguida, são elencadas as variáveis psicossociais associadas ao comportamento de *trollagem*, sendo estas categorizadas em três níveis: nível intrínseco, extrínseco e misto. Após o marco teórico, são apresentados os objetivos, as hipóteses e o método utilizado. Em seguida, os resultados, a discussão e a conclusão do estudo.

## **Seção 1 – Comportamento de *Trollagem Online***

Nesta primeira seção serão abordados tópicos considerados essenciais para a compreensão do leitor no que se refere ao comportamento de *trollagem online*. Ela será subdividida em: Contexto histórico de desenvolvimento do conceito de *Trollagem Online*; Definição do comportamento de *Trollagem*; Diferenças entre *Trollagens* e *Cyberbullying* e, por fim, As Consequências Psicossociais das vítimas dos *Trolls*.

### **Contexto histórico do desenvolvimento do conceito de *Trollagem Online***

O desenvolvimento tecnológico e a emergência das redes sociais possibilitaram uma maior facilidade de comunicação entre os indivíduos (Antunes, 2019), fator este que teve um profundo impacto em muitas dimensões da vida humana (Hardaker, 2010), e consequentemente inúmeras consequências sociais, como a possibilidade do compartilhamento de conteúdos e mensagens de modo rápido. Entretanto, para além das benesses, este espaço também possibilitou o surgimento de comportamentos antissociais online, sendo aqueles indivíduos que praticam esses comportamentos conhecidos como *Trolls* (Olckers & Hattingh, 2022).

Este termo, antes de ser utilizado para descrever pessoas que realizam alguns comportamentos *online*, fazia referência a personagens folclóricos escandinavos que moravam sob pontes ou cavernas e faziam cobranças àqueles que passavam por lá. Era também utilizado para referir-se a uma estratégia de pesca, em que o pescador atirava a isca diversas vezes na água como forma de atrair a presa (Fragoso, 2015).

As pesquisas acerca da origem, da definição da *trollagem online* e de sua evolução não são uníssonas entre os estudos da área (Cook et al., 2018; Cruz et al., 2017; Sanfilippo & Yang, 2018). Apesar do crescimento no número de pesquisas acerca do tema nas últimas décadas por



diferentes áreas como o jornalismo (Binns, 2012), a comunicação social (Antunes, 2019), a linguística (Nascimento, 2022), a psicologia (Buckels et al., 2014; March, 2019), entre outros, muitas vezes ele sofre críticas acadêmicas por ser considerado por alguns como um construto confuso e atóxico, em que os pesquisadores utilizam diferentes critérios para descrever um único fenômeno (Cook et al., 2018).

Alguns estudos teóricos têm objetivado responder a essas críticas remontando a origem desse comportamento (Cruz, et al., 2017; Graham, 2019; Sanfilippo & Yang, 2018). Nesse sentido, serão apresentadas neste tópico algumas das principais pesquisas acerca da temática e das hipóteses que remontam a origem do comportamento alvo desse estudo e fortalecem sua compreensão e importância teórica.

Os primeiros relatos acerca do comportamento que atualmente é conceituado como *trollagem online* parecem ter origem no final da década de 80, entre usuários da Usenet, um espaço virtual onde os indivíduos publicam mensagens em fóruns que são subdivididos por assuntos de interesse (Schwartz, 2008). Em 1997, Michele Tepper, antropóloga cultural que estudava internet publicou uma pesquisa descrevendo essa nova prática como o comportamento de escrever informações erradas online, buscando chamar a atenção, para que algum outro usuário reaja corrigindo. Há época ela acreditava que esse seria um fenômeno obscuro que brevemente desapareceria com as mudanças da internet (Tepper, 1997).

Na mesma linha, em outro estudo, os autores afirmam que a origem da *trollagem* também foi na Usenet (Cruz et al., 2017). Entretanto, a descrevem como o comportamento de alguns indivíduos que começaram a realizar perguntas consideradas inúteis, ação relativamente inofensiva, cujo objetivo era identificar quem seriam os usuários que os levariam a sério.

Já em um artigo publicado por Graham (2019), apesar de concordar que sua origem remonta a Usenet, ele apresenta uma terceira perspectiva para a origem da *trollagem*. Para este

autor este termo foi empregado inicialmente para definir comportamentos que eram utilizados como forma de identificar *insiders* (membros) de comunidades e os diferir de outros usuários mesmo fora da comunidade, afastando pessoas que não pertenciam a estas.

Os usuários que utilizavam a internet no seu início consideravam-se exclusivos, sendo que esses comportamentos, muitas vezes hostis, marcavam uma sensação de pertencimento daqueles que conheciam os códigos secretos. Nesse sentido, o autor defende que desde o princípio o uso de hostilidade desempenhava um papel de poder e controle do ciberespaço que levavam a uma segregação entre *insiders* e *outsiders* (Graham, 2019). Esse comportamento se perpetuou de modo destrutivo, com a comum utilização de misoginias e preconceitos em suas práticas (Graham, 2019). Desse modo, ganhou destaque nas grandes mídias que constantemente publica notícias e repercute informações acerca deste comportamento *online*, referindo-se a *trollagem* como comportamentos relacionados ao ódio, ao *cyberbullying*, ao machismo e a outros comportamentos preconceituosos, sem que haja distinção (Antunes, 2019).

Já em ambiente acadêmico a *trollagem* ganhou notoriedade, foi diferenciada de outros comportamentos e conceitualizada principalmente a partir de estudos sobre gênero e vitimização (Sanfilippo et al., 2018), como, por exemplo, o estudo de Herring et al. (2002) e o estudo de Cole (2015). No primeiro, o autor descreve *trollagem* como um comportamento comum no ciberespaço, principalmente em fóruns, que tem por objetivo causar perturbação nos membros do grupo, gerando consequências desfavoráveis para quem sofre a *trollagem* e entretenimento para quem a executa. Os autores analisam o comportamento de *trolls* em fóruns feministas e a ineficiência dos membros do grupo em contê-los (Herring et al., 2002). No segundo estudo citado (Cole, 2015), o autor discute acerca de *trollagens* misóginas contra feministas que utilizam as redes sociais como ferramenta de divulgação do que defendem e o

quanto a *trollagem* é utilizada, muitas vezes mascarada pelo humor, para propagar atos de violência contra mulheres, objetivando silenciar esse grupo.

Com a crescente do número de pesquisas e a dificuldade em definir operacionalmente *Trollagem*, em 2010, Claire Hardaker, publicou um dos estudos mais citados acerca do tema, em que ela propõe uma definição e estabelece critérios para a identificação do comportamento de *trollagem*. Nesta pesquisa a autora analisou cerca de nove anos de postagens de discussões de usuários comuns sobre o termo, avaliando mais de dois milhões de comentários, na tentativa de dirimir as discussões acerca da polissemia conceitual do que seria *trollagem* e operacionalizá-lo de forma concreta (Hardaker, 2010). Em sua conclusão, descreveu o *troll* como um usuário que objetiva verdadeiramente causar interrupção e/ou desencadear ou fomentar conflitos para seu próprio entretenimento (Hardaker, 2010).

Outro estudo fulcral na discussão da origem da *trollagem* e na descrição desse comportamento foi desenvolvido por Whitney Phillips (2015), pesquisadora de mídia e desinformação online, que publicou a obra “*This is Why We Can’t Have Nice Things – Mapping the Relationship between Online Trolling and Mainstream Culture*”, fruto de uma pesquisa etnográfica realizada em comunidades de *trolls*. Ela descreve neste livro que oficialmente a primeira utilização da terminologia *troll* para descrever um comportamento em contexto *online* foi entre 1992 e 1995 e cita um artigo publicado pelo Toronto Star, que descreviam o *troll* como indivíduos que “pescam por chamadas”, ou seja, fazem comentários ou publicações *online* buscando por respostas enfiadas (Phillips, 2015).

Apesar de existir relatos de *trollagens* desde a década de 80, Phillips (2015) destaca que em 2003, foi criado um *website* que funcionava como um fórum de discussão sobre diferentes conteúdos, chamado *4chan*, este logo após seu lançamento começou a atrair uma série de usuários que tinham suas próprias regras de comunicação e suas normas comportamentais, que

passaram a se autodenominar *trolls*. Era uma característica própria destes indivíduos a utilização de mensagens grosseiras, hostis, de conteúdo agressivo ou antissocial, visando perturbar outros usuários tanto do próprio *website*, como em outras redes sociais. Logo, foi a partir do *4chan*, principalmente de um de seus quadros denominado */b/*, que o comportamento de *trollagem* ganhou mais adeptos e se expandiu na internet (Phillips, 2015).

Desse modo, diante das pesquisas citadas, apesar de descreverem diferentes comportamentos como aqueles que se caracterizaram inicialmente como *trollagem*, parece haver uma similaridade entre elas: a de que estes usuários buscavam perturbar outros usuários, muitas vezes de modo hostil, chamando a atenção destes. As pesquisas acerca dessa temática, apesar de terem ganhado destaque a partir da sua relação com gênero e vitimização, envolvem diferentes temas relacionados a *trollagem*, a título de exemplo: política (Burroughs, 2013; Fichman & Rathi, 2023), marketing e consumidores (Golf-papez & Veer, 2017). Na Psicologia, especificamente, área de interesse dessa dissertação, os estudos acerca desse comportamento, em sua maioria, abordam o perfil de personalidade do *troll* (Buckels et al., 2014; March, 2019). A partir do conhecimento e das discussões acerca da origem do termo, discute-se a seguir, de modo mais específico, a definição do que é *trollagem*.

### **Definição do comportamento de *Trollagem***

O comportamento denominado *trollagem* teve origem na Usenet, em meados da década de 80 e evoluiu no decorrer das últimas décadas, ganhando relevância como um assunto importante de ser estudado por diferentes áreas do conhecimento (Graham, 2019; Hardarker, 2010; Phillips, 2015; Sanfilippo et al., 2018). Mas, de fato, qual a sua definição operacional e o que faz um comportamento ser classificado como uma *trollagem*? Este tópico buscará pôr luz sobre esta questão.

Conforme já destacado no subtópico anterior, há múltiplos conceitos que descrevem o que é *trollagem*, o que, por vezes, ocasiona que este termo seja considerado divergente e confuso (March & Marrington, 2019). Em um dos primeiros estudos acadêmicos realizados com o objetivo de conceitualizar *trollagem* a autora Hardaker (2010) define este comportamento como uma ação perturbadora *online*, em que o indivíduo busca propositalmente manter uma aparência de sinceridade ou inocência. Em seu estudo ela identificou quatro características que são próprias dos *trolls*: 1. Engano, que se refere ao fato desses usuários escolherem se apresentar nas redes sociais de modo distinto ao da sua realidade; 2. Agressão, em que esses indivíduos utilizam de insistentes provocações até que sua vítima reaja; 3. Perturbação, o principal desejo dos *trolls* é perturbar e chamar a atenção de quem ele está *trollando*; 4. Sucesso, a realização do *troll* dá-se a partir da reação da vítima, de forma que, quando ignorado, tende a intensificar as provocações ou ir em busca de um novo alvo (Hardaker, 2010).

Mesmo após a definição supracitada, ainda são feitas confusões com relação ao termo e a quais comportamentos podem ser elencados como *trollagem* (March & Marrington, 2019). Em estudos da área da Psicologia, os *trolls* são descritos como indivíduos que apresentam comportamentos antissociais em ambiente online, sendo comum, por exemplo, a realização de críticas cruéis e sarcásticas, a estimulação de discussões e a prática de manipulações sociais (Tsantarliotis, Pitoura & Tsaparas, 2017). Para Navarro-Carrillo, Torres-Marín & Carretero-Dios (2021) a *trollagem* é um comportamento antissocial que tem o intuito de realizar provocações intencionais, de modo agressivo, para o entretenimento daquele que o executa.

Em uma outra pesquisa realizada em 2019, as autoras March e Marrington (2019), especialistas na área da ciberpsicologia, tendo diversos artigos publicados acerca de comportamentos antissociais online (por exemplo: Brason et al., 2022; Furian & March, 2023; March et al., 2017; March, 2019; Marrington et al., 2023; Sest & March, 2016), realizaram

uma pesquisa qualitativa, em que entrevistaram 379 pessoas, para explorar o que seria *trollagem* no entendimento do público em geral. Esta pesquisa encontrou como resultado que a *trollagem* é reconhecida como um comportamento malicioso intencional que visa provocar outras pessoas, com o objetivo de gerar conflitos e emoções negativas na vítima. No referido estudo as cinco palavras que mais foram utilizadas para descrever esse comportamento foram: provocativo, intencional, reação, comentários e chateado (March & Marrington, 2019).

Nesse sentido, nesta dissertação, o conceito de *trollagem* segue a compreensão de Buckels et al. (2014) e Hardaker (2010), que descreveram este comportamento como uma ação antissocial realizada em espaços sociais *online*, caracterizada por comportamentos enganosos, destrutivos ou perturbadores, cujo objetivo é provocar e incomodar outros usuários, visando gerar conflitos, para o entretenimento do *troll*.

Em razão desses comportamentos, os *trolls* chegam a ser comparados ao personagem Coringa, clássico vilão dos filmes de super-herói, pois objetivam gerar o caos no ambiente virtual. Estes costumam utilizar-se de assuntos atuais e polêmicos, com o objetivo de fazer os demais usuários sentirem-se excessivamente emocionais ou “tolos” de alguma forma. Se um *Troll* identifica que um usuário caiu em sua “armadilha” e lhe deu alguma resposta ou atenção, ele intensifica de modo implacável seus comportamentos contra este usuário, pois isto lhe gera prazer e diversão (Buckels et al., 2014).

Alguns autores diferenciam tipos de *trollagens* (Bishopp, 2014, March & Marrington, 2019). Bishopp (2014) argumenta que existe o *troll flaming* (em chamas) e o *troll kudos*. O primeiro, refere-se a *trollagens* de conteúdo agressivo, que não deseja ser humorística. Por outro lado, o segundo descreve *trollagens* que frequentemente envolvem humor transgressivo, cujo objetivo é o entretenimento de outros. Em estudo realizado por March e Marrington (2019), mesmo considerando esses dois tipos de *trollagem*, as autoras concluíram que esse

comportamento é visto frequentemente pelo público no geral mais como um comportamento abusivo agressivo do que como um comportamento humorístico.

Uma forma de identificar *trolls* online pode se dá através das *hashtags* #LOL ou #LULZ. Os usuários utilizam essas palavras-chave como uma explicação, desculpa ou identificação de que estão fazendo uma piada (Phillips, 2015), em que #LOL significa rindo alto (Mantilla, 2013) e #LULZ refere-se a diversão a partir da angústia ou aflição de outrem (Kurek et al., 2019).

Alguns exemplos de *trollagens* são facilmente encontrados nas redes sociais. Em um dos casos mais famosos, um perfil memorial (página RIP) no *facebook* foi atacado por *trolls* que realizaram comentários e postagens de imagens abusivas acerca de Chelsea King, que faleceu em 2010 (Phillips, 2014). Phillips (2014) relata que comportamentos comuns dos *trolls* são publicações de fotos de crianças mortas em perfis de crianças que morreram, comentários e publicações em páginas de memorial RIP com o termo “LOL da sua morte”, entre outras ações semelhantes.

Em um estudo realizado por Cole (2015) foram investigadas *trollagens* contra feministas no Twitter, sendo apontado como exemplo o comentário de um *troll* encontrado no perfil de uma das mulheres: “Você deveria ser estuprada! LOL” (p. 357). Em um outro artigo escrito por Mantilla (2013), ela encontrou *trollagens* misóginas similares ao primeiro exemplo, tais como “é apenas amargurada porque é gorda demais para ser estuprada” (p.567).

Outro exemplo de *trollagens* comuns nas redes sociais são o uso de comentários e *memes* (imagens humorísticas) com conteúdo explicitamente racista, mas, que muitas vezes são justificados por quem o faz como brincadeiras (Phillips, 2015). Um *meme* divulgado com o rosto de Obama com a pintura do Coringa (Figura 1), nas eleições de 2008, foi considerado por Phillips (2015) como uma *trollagem* racista e política.

**Figura 1**

*Trollagem com o presidente Barack Obama*



*Nota.* Google imagem

A política também é um tema comum em *trollagens* (Sanfilippo et al., 2017). No Brasil, principalmente na corrida eleitoral de 2022, *trollagens* foram utilizadas constantemente, como estratégia discursiva de candidatos especialmente para alavancar discursos autoritários e conservadores (Nascimento, 2022). Além dos exemplos citados a homofobia e a xenofobia também são muito usuais em *trollagens* (Nascimento, 2022).

Vale destacar ainda outra característica marcante do *troll*: o seu comportamento, na maioria das vezes, é destinado a um grupo ou um indivíduo que lhe é desconhecido. Aqui reside uma das mais importantes diferenças entre a *trollagem*, o *cyberbullying* e o *cyberstalking*, visto que nesses dois últimos comportamentos, geralmente as vítimas são conhecidas de quem comete o ato (Gylfason et al., 2021), assunto este que será mais aprofundado no tópico *Diferenças entre a trollagem e o cyberbullying*.

Faz-se necessário, ainda, fazer uma consideração acerca do termo *hater* (*odiador*). No Brasil, o referido termo é bastante utilizado para denominar comportamentos que se assemelham ao conceito de *trollagem* e aos exemplos supracitados, sendo difícil distingui-los. Alguns estudiosos defendem que não há clareza se o ódio *online* se configura como um outro



fenômeno, desse modo, a necessidade ou até mesmo a viabilidade de uma definição distinta entre estes comportamentos não está claramente estabelecida (Malecki et al., 2021).

São escassas as pesquisas que buscam diferenciar o *hate online* de outros comportamentos agressivos. Entretanto, foi encontrado um estudo realizado por Malecki et al. (2021), que se propõe a fazer essa diferenciação. Os autores defendem que o objetivo principal do ódio online é manifestar publicamente uma atitude negativa com relação a uma pessoa ou um objeto, alcançando seu objetivo mesmo que não provoque nenhuma reação na vítima. Logo, diferencia-se, em intenção e propósito, de outros comportamentos agressivos online (*trollagem, cyberbullying, cyberstalking* etc). Mas, mesmo diferenciando-se teoricamente, os autores concluem que alcançar a intenção do comportamento em pesquisa científica é fato complexo e difícil, de forma que é um desafio para o desenvolvimento de estudos específicos sobre o termo (Malecki et al., 2021).

Em um outro artigo publicado por Gylfason et al. (2021), cujo título é “*Haters gonna Hate, Trolls gonna Troll: the Personality Profile of a Facebook Troll*”, embora o título indique que há diferença entre os termos, durante o manuscrito esta não foi encontrada. Adicionalmente, a estudiosa sobre *trollagem*, Phillips (2015), afirma que há uma necessidade dos *trolls* em conter núcleos de ódio em seu discurso. Assim, levando-se em conta a obscuridade na diferenciação entre os dois termos, na presente dissertação considerar-se-á que em *trollagens* podem ser encontrados comportamentos de *hate*.

É importante salientar que nacionalmente poucos são os estudos encontrados acerca da *trollagem*, e as iniciativas existentes são principalmente de áreas como a linguística (Nascimento, 2022) e a comunicação social (Antunes, 2019). Estes discutem especialmente acerca da *trollagem política*. Na psicologia, foi observada na revisão de literatura realizada, a dissertação de Santos (2022) e o artigo publicado por Santos et al. (2022), nestes os autores

validam a *Escala de Avaliação Global para Trollagem Online (GAIT-R)* para uso em contexto brasileiro e discutem acerca da relação entre a *trollagem*, a exposição a conteúdo antissocial, frequência de uso de redes sociais e gênero, propondo um modelo explicativo a partir dessas variáveis.

Nesse sentido, as pesquisas relacionadas ao comportamento de *trollagem* têm buscado principalmente caracterizar essa categoria de comportamento online malicioso e relacioná-lo a características de personalidade (Buckels et al., 2014; Gylfason et al., 2021), mas estudos acerca dos fatores psicossociais que podem prever esse comportamento são relativamente escassos (Howard et al., 2019).

### **Diferenças entre a *Trollagem* e o *Cyberbullying***

Há alguns estudos que confundem a *trollagem* com o *cyberbullying* (Sest & March, 2017), tendo em vista que os dois são concebidos como problemas sociais similares (Zezulka & Seigfried-Spellar, 2016). Apesar de haver uma correlação entre eles, como encontrado na pesquisa realizada por Kircaburun et al. (2018) que indicou correlação positiva de 0,57 ( $p < 0,001$ ) entre a *trollagem* e o *cyberbullying*. É importante ressaltar que há diferenças significativas entre esses dois comportamentos já evidenciadas na literatura (March & Marrington, 2019; Zezulka & Seigfried-Spellar, 2016). Com isso, este tópico buscará conceitualizar o que é o *cyberbullying*, explicar acerca da sua similaridade com a *trollagem* e, finalmente, diferenciá-los, destacando as consequências do *cyberbullying* para as vítimas.

O *Cyberbullying* é conceituado como um comportamento agressivo proposital, que é feito por um grupo ou por um indivíduo, realizado através do ambiente virtual, repetidamente por um período de tempo, contra uma vítima vulnerável (Hinduja & Patchin, 2008). Ele é considerado frequentemente como o mesmo comportamento do *bullying* tradicional, sendo que seu âmbito específico de ação é através da internet (Olckers & Hattingh, 2022).

Por ser realizado em espaço de interação virtual, o *cyberbullying* pode trazer piores efeitos negativos quando comparado ao *bullying* tradicional (Vaillancourt et al., 2017), pois pode acontecer a qualquer hora ou lugar e pode alcançar uma enorme exposição, causando um constrangimento ainda maior à vítima (Vaillancourt et al., 2017; Vismara, 2022). Pode ser realizado através de envio de mensagens de conteúdo maldoso, publicações ofensivas, depreciativas ou preconceituosas, ameaças e perseguições nas redes sociais direcionadas a um usuário (Giumetti & Kowalski, 2022; Wendt & Lisboa, 2020).

O *Cyberbullying* e a *Trollagem* são comumente confundidos, pois se utilizam de características similares, como agressões para atingir sua vítima (March & Steele, 2020). Nesse sentido, ambos são classificados como formas de assédio cibernético (Manuoğlu, 2020). Entretanto, é possível diferenciá-los, observando a forma, o contexto, a intenção e as consequências do comportamento (Buckels et al., 2018; Fichaman & Sanfilippo, 2016; Manuoğlu, 2020).

Os *trolls* utilizam-se, em grande parte dos casos, de uma comunicação lúdica e irônica, enquanto nos casos de *cyberbullying* a comunicação utilizada é mais violenta (Manuoğlu, 2020). Outra diferença entre estes comportamentos é que no *Cyberbullying* o agressor conhece o alvo do comportamento (Gylfason et al., 2021) e há um desequilíbrio de poder entre o perpetrador e a vítima, em que este primeiro pode deter maiores habilidades tecnológicas ou utilizar-se do anonimato para realização dos atos (Smith et al., 2008), o que consequentemente gera um aumento da dificuldade da vítima em se defender (Coles & West, 2016). Além disso, no *cyberbullying* o agressor prejudica repetidamente a vítima, enquanto a *trollagem* pode ocorrer como um evento pontual (Golf-Papez & Veer, 2017).

Em comparação com o comportamento alvo da presente dissertação o *cyberbullying* tem sido compreendido por alguns estudiosos como mais danoso que a *trollagem* tanto para o

agressor como para a vítima (Manuoğlu, 2020). Em uma revisão de literatura realizada por Wendt e Lisboa (2014) os autores concluíram que o *cyberbullying* pode ocasionar diversos e graves prejuízos sociais, emocionais e cognitivos nos agressores e nas vítimas, por ser atemporal e de amplo alcance.

De modo similar, em outra revisão realizada por Vismara et al. (2022) os autores observaram que as pesquisas sobre *cyberbullying* correlacionam esse comportamento à riscos à saúde mental e física das vítimas. Cabe ainda destacar que em meta-análise realizada por John et al. (2018) sugeriu-se que pessoas que sofrem *cyberbullying* estão mais propensas a comportamentos autolesivos e ideação suicida, assim como os perpetradores estão mais propensos a comportamentos suicidas. Ademais, também tem sido evidenciado a associação entre envolvimento em *cyberbullying* (vítimas, testemunhas e perpetradores) e aumento no risco de futuro uso de substância (Yoon et al., 2019).

Em pesquisa empírica, realizada no contexto brasileiro, com 367 adolescentes, de escolas públicas e privadas, os resultados destacaram que 72,7% da amostra sofreu pelo menos um incidente de *cyber* agressão e 75,6% afirmaram ter sofrido pelo menos um episódio de *cyber* vitimização, considerando os últimos seis meses. É relevante destacar que dentre os resultados encontrados, considerando os incidentes de *cyber* agressão, 50,8% ocorreram em forma de piadas sobre comentários em redes sociais, 33% referiram-se a exclusão das redes ou bloqueio de mensagens e 25,9% relataram insultos em fóruns. Especificamente em relação ao *cyberbullying*, os pesquisadores encontraram associação positiva e significativa entre este e sintomas de depressão (Wendt & Lisboa, 2020).

### **Consequências Psicossociais das Vítimas dos Trolls**

Conhecendo especificamente o conceito de *trollagem*, a relevância deste ser estudado e diferenciando do *cyberbullying* conforme foi abordado nos tópicos anteriores, é possível, por

consequente, que surja a dúvida: Quais são as consequências psicossociais daqueles que são vítimas de tais atos? É este aspecto que será abordado neste tópico.

Os comportamentos dos *trolls* têm a intenção de perturbar e hostilizar outros usuários, buscando gerar o caos no ambiente virtual (Buckels et al., 2014) e provocar emoções negativas, como frustração e raiva, em quem está sendo *trollado* (Cracker & March, 2016). As *trollagens* podem ocorrer de diferentes formas, alguns exemplos são: a utilização de discursos agressivos ou comentários dotados de ódio ou inflamatórios que objetivam intencionalmente incomodar outros usuários (Bentley & Cowan, 2021).

Esses comportamentos podem gerar consequências graves tanto para o perpetrador como para as vítimas (Marrington et al., 2023). Em casos de *trollagens*, que são consideradas ameaçadoras, ofensivas, assediadoras ou preconceituosas, os perpetradores podem enfrentar consequências legais (Marrington et al., 2023). No Brasil, podem ser enquadrados de algumas formas no ordenamento jurídico, por exemplo: respondendo a um crime de injúria racial ou enfrentando um processo de danos morais.

Além disso, de modo semelhante as vítimas de *cyberbullying*, aqueles que são alvos de *trollagens* também se referem a diversos efeitos psicológicos negativos consequentes, tais como angústia, baixa autoestima (Quandt & Frischlich, 2022; Thacker & Griffiths, 2012), automutilação e aumento da ideação suicida (Coles & West, 2016). Por exemplo, em pesquisa realizada por Thacker e Griffiths (2012), eles encontraram que da amostra de 125 participantes, um terço deles relataram ter diminuído sua autoconfiança e ficado abalado devido aos ataques sofridos por *trolls*. Em outro estudo qualitativo realizado por March e Marrington (2019) as vítimas de *trolls* relataram sentirem-se irritadas e chateadas como consequência da *trollagem*.

Portanto, considerando a alta frequência desse comportamento (Hong & Cheng, 2018) e o impacto que esse comportamento pode causar em suas vítimas, faz-se imprescindível

compreender quais variáveis psicossociais podem estar correlacionadas ou predizerem tal comportamento, tema este que será discutido na seção a seguir.

## Seção 2 - Variáveis Psicossociais Associadas ao Comportamento de *Trollagem*

A primeira seção abordou a origem do conceito de *Trollagem Online* e sua definição, diferenciou este comportamento do *cyberbullying* e destacou as consequências psicossociais das vítimas dos *trolls*. A partir disto, a segunda seção buscará elencar e discutir algumas variáveis psicossociais que possuem evidências de associação ao fenômeno da *trollagem*, considerando-as em três níveis distintos: Nível Intrínseco, em que serão consideradas variáveis de cunho interno do sujeito; Nível Extrínseco, no qual serão elencados fatores sociais que impactam na emissão dos comportamentos de *trollagem*; e Nível Misto, em que serão considerados fatores que são tanto de cunho interno, como social, e que estão associados a *trollagem*. Cada um dos níveis e suas variáveis serão pormenorizadamente descritos a seguir.

### Nível Intrínseco

Nos últimos anos, o interesse por identificar a causa desses comportamentos desviantes que ocorrem em ambiente online têm crescido. Em meados de 2014, os pesquisadores Buckels et al. (2014), foram pioneiros no estudo da relação entre os **traços de personalidade sombrios** (a saber: narcisismo, maquiavelismo, psicopatia e sadismo) e os comportamentos de *trollagem* na internet, encontrando evidências de predição entre eles, no qual a psicopatia e o sadismo foram apontados como os preditores mais fortes.

Os traços de personalidade sombrios destacam uma categorização de características de personalidade que se apresentam através de comportamentos desviantes, em que há manipulação de outras pessoas e insensibilidade. Eles foram definidos em quatro fatores, são eles: o narcisismo, o maquiavelismo, a psicopatia e o sadismo (Jones & Figueiredo, 2013). Pormenorizadamente, o narcisismo é o sentimento de superioridade com relação a outrem; O maquiavelismo se caracteriza pela tentativa de controle e manipulação de outras pessoas; A psicopatia, é um traço representado por comportamentos impulsivos aliados a falta

de empatia; E o sadismo, refere-se ao sentimento de prazer diante do sofrimento de outras pessoas (Buckels et al., 2013; Paulhus & Williams, 2002).

Os achados de Buckels et al. (2014) foram posteriormente corroborados em novas pesquisas acerca dos comportamentos de *trollagem* e os traços de personalidade sombrios, especificamente com usuários do Facebook (Cracker & March, 2016) e do Tinder (March, 2017). Além dos fatores sombrios de personalidade, outros estudos buscaram investigar o papel dos cinco grandes fatores de **personalidade** (extroversão, amabilidade, conscienciosidade, neuroticismo e abertura a mudança) (Gylfason et al., 2021) na predição do comportamento de *trollagem*. Em alguns estudos, tal como observado em relação a outros tipos de comportamentos antissociais, a prática de *trollagem* foi associada a maiores níveis de extroversão, menores níveis de amabilidade e de conscienciosidade, não diferindo em relação aos níveis neuroticismo e abertura a mudança apresentados (Gylfason et al., 2021). Já em outras pesquisas (Buckels et al., 2014; Howard et al., 2019), os autores encontraram correlação negativa entre a conscienciosidade e a *trollagem*, assim como, correlações positivas com o neuroticismo e esse comportamento.

Para uma melhor compreensão acerca dos fatores de personalidade destacados acima, é imprescindível uma breve explicação do modelo dos cinco grandes fatores, que atualmente é reconhecido como a teoria taxonômica mais aceita no mundo no que se refere aos estudos sobre personalidade (Junior et al., 2022). Este modelo descreve cinco traços, são eles: 1. Abertura à experiência, que se refere à curiosidade do sujeito acerca de aspectos intelectuais, de novidades, de variedades e à criatividade; 2. Conscienciosidade: traço que revela uma tendência a autodisciplina, ao comportamento cuidadoso, comprometido e em busca de excelência; 3. Extroversão, que diz respeito a sociabilidade; 4. Amabilidade, se refere a tendência a compassividade e a cooperação; 5. Neuroticismo, traço que descreve a tendência a vulnerabilidade emocional (Gouveia et al., 2021).



Além dos achados de pesquisa acerca dos traços de personalidade, especialmente os sombrios, e a *trollagem*, em um levantamento realizado por Craker e March (2016), foi identificado que uma parcela significativa de estudos também apresenta como preditor intrínseco dos comportamentos de *trollagem* nas redes sociais o gênero, demonstrando que os homens tendem a emitirem mais comportamentos de *trollagem* que as mulheres.

No estudo realizado por Sest e March (2017) elas traçaram o perfil padrão do *troll*: gênero masculino, possui altos indicadores de psicopatia e sadismo e baixos indicadores de empatia afetiva. Adicionalmente, encontraram também que os traços de psicopatia moderavam a relação entre empatia cognitiva e *trollagem*, de modo que empatia cognitiva era considerada um preditor positivo significativo de *trollagem* apenas quando o sujeito apresentava indicadores de níveis médio a alto de psicopatia. Para as autoras os *trolls* poderiam ser descritos como os mestres da manipulação online.

Entretanto, apesar dos estudos supracitados terem encontrado o gênero como um preditor na emissão dos comportamentos de *trollagem*, algumas outras pesquisas têm apresentado resultados divergentes (March, 2019). Esta divergência de resultados pode ser explicada pois, a diferença de gênero pode ser dependente do contexto em que o comportamento ocorre e devido a provável influência da composição da amostra nos resultados (March et al., 2017; March, 2019).

### **Nível Extrínseco**

Com relação ao nível extrínseco, um fator que tem demonstrado evidências de associação aos comportamentos de *trollagem online* é a baixa percepção de *suporte social percebido* nos *trolls* (Howard et al., 2019). O suporte social percebido está relacionado com experiências passadas pelo sujeito e mensura o quanto este acredita que receberá apoio de seus

familiares, amigos ou de outras pessoas, quando necessitar (Kim et al., 2010). Ele é conceituado como uma fonte importante de enfrentamento advinda das relações sociais, que auxilia no suporte a situações conflitantes, violentas e estressantes, atuando como fator protetivo nas possíveis consequências destas (Arató et al., 2021; Zimet et al., 1988).

Esse apoio pode ocorrer de diferentes formas, a saber: emocional, instrumental, informativo e de companheirismo (House & Kahn, 1985). A baixa percepção desse apoio social pelos sujeitos, também tem sido estudada como fator preditivo de outros comportamentos antissociais online, tais como o *cyberbullying* e a cibervitimização (Arató et al., 2021; Baldry et al., 2015; Howard et al., 2019).

Além da baixa percepção de suporte social, outra variável extrínseca a ser considerada na presente pesquisa é o *envolvimento com as redes sociais*, composto por fatores como frequência de uso de rede, o anonimato e a exposição a conteúdo antissocial; Tais fatores são considerados em razão de que o tempo de uso e algumas possíveis formas de utilização das redes sociais podem influenciar na emissão de *trollagem* (Santos et al., 2022). Segundo Coles & West (2016), esse comportamento pode ocorrer devido a fatores situacionais ou, ainda, circunstanciais, tais como o tédio, o desejo de chamar atenção, vingança, entre outros.

Em uma pesquisa realizada por Santos et al. (2022), a alta exposição a conteúdos antissociais foi correlacionada positivamente com uma maior emissão de comportamentos de *trollagem* online. Além disso, a frequência de uso de redes sociais também teve correlações positivas com o comportamento de *trollagem* em pesquisas anteriormente realizadas no Facebook (Cracker & March, 2016) e no Twitter (McVittie et al., 2021). Adicionalmente, o anonimato também se destaca como um fator a ser considerado, tendo em vista que em pesquisas anteriores ele esteve diretamente relacionado a emissão de comportamentos antissociais nas redes sociais (Nitschinsk et al., 2022; Santana, 2014) por diminuir a possibilidade de consequências negativas para o agressor. Como consequência, esse tipo de

comportamento pode ser compreendido por quem o faz como de baixo risco e muito recompensador (Santos et al., 2022).

### **Nível Misto**

Além das variáveis já citadas a serem consideradas nos níveis intrínseco e extrínseco, neste tópico também serão vislumbradas as variáveis de nível misto, ou seja, que possuem fatores de cunho interno e social dos sujeitos e que estão sendo apresentadas como fatores preditivos dos comportamentos de *trollagem*.

Nesse sentido, para a compreensão do comportamento do *troll*, faz-se necessário entender quais são os fatores motivadores para que as pessoas emitam esse tipo de comportamento. Segundo Craker e March (2016), a motivação para se comportar de determinada forma pode ser determinada pelos resultados advindos desse comportamento. Nesse sentido, estímulos sociais são reconhecidos como fatores que geram recompensas aos seres humanos. Por exemplo, visualizar imagens de pessoas sorrindo, estar com amigos ou pessoas que ama podem ativar áreas do cérebro que geram recompensas (Rademacher et al., 2013). Entretanto, segundo Foulkes et al. (2014), as capacidades de respostas aos estímulos de recompensa são diferentes em cada indivíduo, de forma que podem ser preditivas de diferenças individuais no comportamento em relação a diferentes estímulos.

Em pesquisas acerca da motivação do comportamento de *trollagem*, a **recompensa social**, especialmente um de seus fatores, denominado de potência social negativa tem sido estudado na literatura como preditor da *trollagem* (Craker & March, 2016; Gylfason et al., 2021; March, 2019; Wadsley et al., 2022). As recompensas sociais podem ser agrupadas em típicas e atípicas. As primeiras, são consideradas como pró-sociais, já as segundas são percebidas como formas de recompensa socialmente negativas (Foulkes et al., 2014).

Na pesquisa realizada por Foulkes et al. (2014) os autores estabeleceram seis fatores diferentes para as recompensas sociais. Cinco deles consideradas como típicos: Admiração, Passividade, Interações Pró-sociais, Recompensa Sexual e Sociabilidade; E um deles considerado como atípico: a potência social negativa. Como este último em especial tem sido associado ao comportamento de *trollagem* ele será mais bem descrito a seguir.

A potência social negativa é um fator que se refere a pessoas que se sentem motivadas a emitir alguns comportamentos que geram recompensas atípicas através, por exemplo, da irritação de outras pessoas. Com isso, indivíduos motivados por esse tipo de recompensa social, gostam de incomodar, gerando raiva e buscando discussões (March, 2016; March, 2019; Santos et al., 2022).

Outro fator também considerado na presente pesquisa será *o humor sombrio, a partir da disposição para ridicularizar o outro*. Este já têm sido incorporados na literatura como preditor de outros comportamentos depreciativos online, por exemplo o *cyberbullying* (Carrillo et al., 2021; Gylfason et al., 2021). Embora o humor e o riso sejam comumente valorizados como uma virtude, sendo tradicionalmente estudados dentro da perspectiva da psicologia positiva (Peterson & Seligman, 2004), existem diversos modos diferentes de expressá-los, incluindo a utilização desses com intenções agressivas ou negativas, buscando, por exemplo, a ridicularização de alguém (Kowalski, 2000).

Em 2003, Martin et al. (2003) propôs um modelo que distingue quatro estilos de humor: o (1) humor agregador, que se refere a utilização de piadas benignas para aumentar os laços sociais do indivíduo, e o (2) humor autodepreciativo, representado por comentários autodepreciativos com o objetivo de obter a aprovação social dos outros, descreviam estilos de humor social. Já o (3) humor de autorreforçador, descrito como uma visão humorística dos acontecimentos da vida para construir uma forma de resiliência e o (4) humor hostil, que se refere a utilização de piadas hostis como forma de se autovalorizar, estariam mais relacionados

a aspectos intrapsíquicos. O modelo ainda concebia esses quatro estilos de humor divididos em expressões de humor positivas (humor agregador e de autorreforçador) ou negativas (humor autodepreciativo e hostil).

Além dos estilos de humor descritos por Martin (2003), os autores Ruch e Proyer (2009) delinearam outros três tipos de humor que, estão correlacionados, mas podem ser compreendidos individualmente e estariam mais relacionados a aspectos sombrios, estes revelam disposições para ridicularizar (katageslaticismo), temor a ridicularização (gelotofobia) e disposição para ser ridicularizado (gelotofilia).

Diante disso, considera-se que os estilos de humor também podem ser preditores para comportamentos como os de *trollagem*, especialmente a disposição para ridicularizar (katageslaticismo), já que estes envolvem motivações de diversão a partir da ridicularização e da angústia de outras pessoas (Carrillo et al., 2021). No entanto, na literatura da área, são escassos os estudos relacionando os fatores de humor sombrio com os comportamentos de *trollagem*. Dentre as poucas iniciativas existentes, destaca-se o estudo recentemente conduzido por Carrillo et al., (2021). Nesse estudo, os referidos autores identificaram que *trolls* são mais propensos a sentir alegria ao rir dos outros (katageslaticismo) e a usar humor hostil em suas interações de vida diária (Carrillo et al., 2021). E o estudo conduzido por Sanfilippo et al. (2018) que destacou a existência de *trollagem* humorísticas, através de sátiras, que envolvem comportamentos sarcásticos e críticos acerca das vulnerabilidades de outras pessoas.

Adicionalmente, na literatura há evidências empíricas que validam a correlação entre indicadores altos de traços de personalidade nocivos e indicadores elevados de tendências para estilos de humor sombrios (Carrillo et al., 2021). Por exemplo, o estudo realizado por Veselka et al. (2010) demonstrou a correlação positiva entre o humor sombrio e inclinações para psicopatia e maquiavelismo, principalmente relacionados ao humor hostil. Outro estudo realizado por Torres-Marín et al. (2019) evidenciou uma forte correlação entre o

katageslaticismo e traços de psicopatia e maquiavelismo, podendo ser um preditor dos comportamentos de psicopatia.

Para além das questões relacionadas ao humor e a ridicularização de outrem, o comportamento de *trollagem*, comumente, utiliza-se de discursos preconceituosos e discriminatórios. O preconceito, segundo Allport (1954), refere-se a um padrão de hostilidade nas relações interpessoais, contra indivíduos ou grupos, sem razão suficiente; envolve sentimentos de desprezo, medo, aversão e comportamentos hostis, como falar mal de certas pessoas, realizar ações de discriminação contra elas ou atacá-las violentamente, a partir de um julgamento imotivado. Rodrigues et al. (2015, p. 199) destacam que o preconceito é formado por “atitudes ou comportamentos negativos direcionados a indivíduos ou grupos, baseados num julgamento prévio que é mantido mesmo diante de fatos que o contradigam”.

Como uma atitude, o preconceito envolve três componentes: a cognição, a afetividade e o comportamento (Allport, 1954). A cognição se refere as crenças que são estabelecidas acerca das características de grupos ou pessoas (estereótipos) e que fomentam as ações negativas em relação a estes. A afetividade abrange os afetos negativos com relação a esses grupos ou pessoas. Unidas, estas duas podem conseqüentemente culminar no componente comportamental, representado por atos de discriminação com relação a um grupo (Rodrigues et al., 2015).

Na investigação científica, a *Orientação à Dominância Social* (SDO), tem sido considerada como um importante preditor de comportamentos preconceituosos contra diferentes grupos (Vilanova et al., 2022). A SDO refere-se à preferência individual por hierarquização social e desigualdade entre grupos (Pratto et al., 1994). Esta teoria foi inicialmente descrita por Pratto et al. (1994), sendo, posteriormente, melhor desenvolvida no livro “Dominância Social” (Sidanius & Pratto, 1999) e testada em diversas amostras, países e contextos, obtendo nos estudos posteriores evidências consistentes de sua predição com relação

à diversas atitudes e fenômenos grupais que auxiliam no aumento ou na diminuição da hierarquização e da dominação entre diferentes grupos (Kteily et al., 2011).

Nesse sentido, pessoas com altos indicadores de SDO, tendem a ter comportamentos que contribuam com a manutenção da superioridade de grupos dominadores sobre os grupos oprimidos (Vilanova et al., 2022). Com isso, ela é utilizada para prever comportamentos preconceituosos tais como, o racismo, o sexismo, a xenofobia, o preconceito generalizado, entre outros (Kteily et al., 2011).

Nas redes sociais são comuns comentários preconceituosos direcionados a alguém ou algum grupo, com o intuito de gerar discussões e atingir esses indivíduos, comportamentos estes típicos aos *trolls*. Em uma pesquisa realizada pela Safernet (2023) acerca de denúncias de postagens e comentários agressivos que configurariam crimes cibernéticos, foi identificado que estas denúncias versavam acerca de conteúdos que envolviam misoginia, xenofobia, racismo, a LGBTfobia, intolerância religiosa, entre outros.

No Brasil algumas pessoas famosas, como a apresentadora Xuxa, a cantora Preta Gil, o ator Carmo Della Vecchia e alguns anônimos vieram a público, em uma matéria do programa jornalístico Fantástico, em 05 de setembro de 2021, relatar as agressões que sofriam diariamente em comentários de suas publicações, muitos deles com um estilo de humor agressivo, no intuito de ridicularizar a pessoa e com conteúdo preconceituoso, gerando discussões online (Fantástico, 2021).

Considerando a presença constante de preconceitos no comportamento dos *trolls*, em estudos prévios alguns autores (Por exemplo, Bentley & Cowan, 2021; Paananen & Reichl, 2019) investigaram a correlação entre a SDO e a *trollagem*. Estes encontraram que pontuações altas em SDO estavam correlacionadas à maior aceitação da *trollagem* online, assim como, indivíduos que pontuavam alto em SDO tinham maiores chances de já terem se envolvido anteriormente em comportamentos de *trolls* (Bentley & Cowan, 2021; Paananen & Reichl,

2019). Desse modo, a presente pesquisa também considerará a ***Orientação para Dominância Social*** como uma das variáveis mistas para a compreensão dos comportamentos de *trollagem* online.



## **Objetivos: Geral e Específicos**

### **Objetivo Geral**

Analisar a influência de variáveis psicossociais, especificamente traços de personalidade comuns, sadismo, psicopatia, suporte social, envolvimento com as redes sociais, potência social negativa, orientação para dominância social e a disposição para ridicularizar os outros (katageslaticismo), no comportamento de trollagem em redes sociais.

### **Objetivos Específicos**

Especificamente, buscou-se (1) adaptar e avaliar as evidências de validade para o contexto brasileiro de três das escalas utilizadas nessa dissertação, a saber: *Social Rewards Questionnaire (SRQ)*, *Short Dark Tetrad (SD4)* e a *Phophikat-30*; (2) conhecer a prevalência do comportamento de *trollagem* na amostra pesquisada.

## Hipóteses

Partindo dos objetivos e da revisão de literatura realizada, foram desenvolvidas as seguintes hipóteses de pesquisa<sup>1</sup>:

1. Como a *Trollagem* é um comportamento antissocial realizado em espaços sociais *online*, caracterizado por comportamentos enganosos, destrutivos ou perturbadores sem que haja razão para tal (Buckels et al., 2014) e que há evidências anteriores de sua correlação com a téttrade sombria da personalidade (Gylfason et al., 2021):

*H1. A Trollagem Online se correlacionará negativamente com a Amabilidade e com Conscienciosidade, e se correlacionará positivamente com Neuroticismo;*

*H2. A Trollagem online se correlacionará diretamente com o sadismo e com a psicopatia;*

*H3. Níveis altos de Sadismo e Psicopatia irão predizer o comportamento de Trollagem nas Redes Sociais.*

2. Dado que os *trolls* utilizam frequentemente discursos preconceituosos (Phillips, 2015):

*H4. O Anti-igualitarismo e a Dominância se correlacionarão positivamente com a Trollagem online;*

3. Ao mesmo tempo, como a *trollagem online* é comumente reconhecida como um comportamento agressivo com baixo risco, mas alta recompensa (Santos et al., 2022):

*H5. A potência social negativa, se correlacionará positivamente com a trollagem online;*

4. Quanto ao gênero, aponta-se o masculino como um relevante preditor (Craker e March, 2016). A *Trollagem online* ainda pode ocorrer devido a fatores situacionais ou

---

<sup>1</sup> É importante ressaltar que a literatura sustenta a possibilidade de correlação individual de cada variável com o fenômeno, entretanto, Com o intuito de tornar as hipóteses mais parcimoniosas, algumas delas agruparam mais de uma variável. Desse modo, no tópico resultados, onde elas serão testadas poderá haver três tipos de respostas: 1. Hipótese confirmada, 2. Hipótese confirmada parcialmente ou 3. Hipótese Refutada.

circunstanciais, tais como tédio, desejo de chamar atenção, vingança, entre outros (Coles & West, 2016), podendo a frequência da exposição a publicações antissociais online influenciar a adoção de crenças e comportamentos semelhantes (Santos et al., 2022). Nessa direção:

*H6. O gênero masculino irá predizer o comportamento de trollagem;*

*H7. A frequência de uso das redes e o acesso a conteúdos antissociais se correlacionarão positivamente com a trollagem online;*

*H8. Ter perfil anônimo irá predizer o comportamento de Trollagem Online;*

5. Considerando que a baixa percepção de suporte social tem sido estudada como fator preditivo de outros comportamentos antissociais online, tais como o *cyberbullying* e a cibervitimização (Arató et al., 2021; Baldry et al., 2015; Howard et al., 2019):

*H9. O Emocional Cooperativo e o Cognitivo Instrumental irão se correlacionar negativamente com o comportamento de trollagem online;*

6. Por fim, uma vez que o *troll* utiliza constantemente conteúdos lúdicos, irônicos e humorísticos em seus comportamentos (Carrillo et al., 2021; Manuoğlu, 2020; Phillips, 2015), e se divertem a partir do incômodo provocado em outros usuários (Buckels et al., 2014)

*H10. O katageslaticismo se correlacionará positivamente com a trollagem online;*

*H11. O katageslaticismo irá predizer o comportamento de trollagem online.*

O método utilizado para testar essas hipóteses e alcançar os objetivos propostos será descrito à seguir:

## Método

### Delineamento

Inicialmente, este estudo seguiu um delineamento do tipo instrumental, que permitiu adaptar e verificar se três dos instrumentos utilizados reuniam critérios psicométricos apropriados. Em seguida, para alcançar seu objetivo principal, seguiu-se um delineamento correlacional, de natureza *ex post facto*, considerando como principais variáveis: o comportamento de trollagem, variável critério; e os fatores intrínsecos (traços de personalidade, big-five, sadismo e psicopatia), extrínsecos (suporte social e nível de envolvimento com as Redes Sociais) e mistos (potência social negativa, katageslaticismo e orientação para dominância social), variáveis antecedentes.

### Participantes

A amostra foi de conveniência, composta por 958 pessoas, com idades entre 18 e 86 anos ( $M=39,84$ ;  $DP= 15,54$ ), predominantemente do gênero feminino (70,6%), solteira (34,3%), heterossexual (79,9%) e com renda familiar entre 3 e 6 salários-mínimos (27,9%). Quanto à escolaridade, a distribuição dos participantes foi a seguinte: pós-graduados (45,5%), ensino superior completo (23,8%), ensino médio completo (8,9%), ensino médio incompleto (0,8%) e ensino fundamental completo (0,4%).

Com relação a etnia os participantes se autodeclararam: brancos (64,4%), pardos (28,3%), pretos (6%), amarelos (1,3%) e indígenas (0,1%). Já no que se refere a religião, uma parcela significativa da amostra se identificou como católica (42%) ou não possuir religião (39,7%). Os demais se declararam evangélicos (9,2%), espírita (7,8%) ou se identificaram com outras religiões (7,1%). Participaram pessoas de 23 estados do Brasil e do Distrito Federal e duas pessoas de fora do país (0,2%). Os estados que contaram com o maior número de participantes foram: Ceará (35,7%), São Paulo (17,7%), Rio de Janeiro (8,1%), Rio Grande do

Sul (7,2%) e Santa Catarina (5,6%). É importante destacar que foram excluídos da amostra 16 participantes, 15 por possuírem idades menores que 18 anos e 1 por ter declarado ter 123 anos.

### ***Instrumentos para Coleta de Dados***

Para a realização de coleta de dados desse estudo, inicialmente, fez-se necessário realizar a tradução, adaptação e avaliação das propriedades psicométricas das três primeiras escalas descritas nesse tópico. As demais escalas apresentadas, já tinham sido adaptadas e validadas para uso em contexto nacional, mas os índices de confiabilidade ( $\omega$ ) apresentados a seguir são desse estudo.

- ***Social Rewards Questionnaire (SRQ)***: É uma medida de autorrelato que foi inicialmente elaborada em língua inglesa por Foulkes et al. (2014). Os autores no estudo de construção da escala estabeleceram a validade do construto e a confiabilidade teste-reteste do instrumento. Ela é composta por 23 itens, que avaliam recompensa social e são dimensionados em seis subescalas diferentes, a saber: admiração (Itens 1, 7, 11, 18;  $\alpha=0,82$ ), potência social negativa (Itens 3, 5, 8, 14 e 17;  $\alpha=0,87$ ), passividade (Itens 12, 21, 23;  $\alpha=0,78$ ), interações pró-sociais (Itens 2, 6, 16, 19, 22;  $\alpha=0,84$ ), relações sexuais (Itens 9, 13 e 20;  $\alpha=0,84$ ) e sociabilidade (Itens 4, 10 e 15;  $\alpha=0,77$ ). Esta deve ser respondida a partir de uma escala *likert* de 7 pontos, sendo (1) Discordo Fortemente e (7) Concordo Fortemente. Neste estudo, os indicadores de confiabilidade avaliados no processo de adaptação e validação, foram: Sociabilidade: Itens 4, 10 e 15 ( $\omega= 0,671$ ), Potência Social Negativa: Itens 2 (invertido), 3, 5, 8, 14, 16 (invertido), 17 e 21 (invertido) ( $\omega= 0,628$ ), Relações Sexuais: Itens 9, 13 e 19 ( $\omega= 0,759$ ), Admiração: Itens 1, 6, 7, 11, 18 ( $\omega= 0,813$ ) e Passividade: Itens 12, 20 e 22 ( $\omega= 0,728$ ).

- ***Short Dark Tetrad (SD4)***: Esta escala foi criada por Paulhus et al. (2020). Ela é composta por 28 itens que avaliam os quatro traços de personalidade sombria: narcisismo (Itens 9, 11, 15, 17, 22, 26 e 27;  $\omega=0,80$ ), psicopatia subclínica (Itens 1, 2, 5, 12, 20, 25 e 28;  $\omega=0,81$ ), maquiavelismo (3, 4, 6, 8, 13, 14 e 16,  $\omega=0,76$ ) e sadismo (Itens 7, 10, 18, 19, 21, 23 e 24;

$\omega=0,81$ ). Esta deve ser respondida a partir de uma escala *likert* de 5 pontos, sendo (1) Discordo Totalmente e (5) Concordo Totalmente. Neste estudo, os indicadores de confiabilidade avaliados no processo de adaptação e validação, foram: Maquiavelismo: Itens 3, 4, 6, 13 e 14,  $\omega=0,568$ , Psicopatia: Itens 1, 2, 7, 8, 10, 12, 16, 18, 19, 20, 21, 23, 24, 25, 26 e 28,  $\omega= 0,798$  e Narcisismo: Itens 9, 11, 15, 17, 22 e 27,  $\omega= 0,742$ .

- ***Phophikat-30***: Essa medida de autorrelato, composta por 30 itens, foi originalmente elaborada em língua inglesa por Ruck e Proyer (2009), sendo uma versão reduzida da escala original de 45 itens. Os itens dessa escala buscam operacionalizar as 3 dimensões da disposição para ridicularizar e ser ridicularizado, a saber: gelotofobia (medo de ser ridicularizado; Itens 1, 4, 7, 10, 13, 16, 19, 22, 25 e 28;  $\alpha=0,82$ ), gelotofilia (gostar de ser ridicularizado; Itens 2, 5, 8, 11, 14, 17, 20, 23, 26 e 29;  $\alpha=0,82$ ) e katageslaticismo (gostar de ridicularizar os outros; Itens 3, 6, 9, 12, 15, 18, 21, 24, 27 e 30;  $\alpha=0,79$ ). Esta deve ser respondida a partir de uma escala *likert* de 4 pontos, sendo (1) Discordo Totalmente e (4) Concordo Totalmente. Neste estudo, os indicadores de confiabilidade avaliados no processo de adaptação e validação para uso em contexto nacional, foram: Gelotofilia: Itens 2, 5, 10, 13, 16, 24 e 26,  $\omega=0,788$ ; Gelotofobia: Itens 1, 4, 7, 9, 15, 18, 21 e 23,  $\omega= 0,780$  e Katageslaticismo: Itens 3, 6, 11, 14, 17, 22, 25 e 27,  $\omega= 0,746$ .

- ***Inventário dos Cinco Grandes Fatores (BFI-20)***: Esta escala foi originalmente elaborada em língua inglesa por John et al. (1991) contendo 44 itens. Ela foi traduzida e adaptada para aplicação no contexto brasileiro e reduzida para 20 itens por Gouveia et al. (2021), devendo ser respondida através de uma escala *likert* que varia entre (1) Discordo totalmente à (5) Concordo Totalmente. Ela tem o objetivo de avaliar os fatores de personalidade, a partir do modelo de cinco grandes fatores, a saber: Neuroticismo (tendência a frequentemente vivenciar emoções negativas e a ter alta vulnerabilidade emocional; Itens 06, 15, 16 e 20;  $\omega=0,780$ ), Conscienciosidade (Tendência a mostrar autodisciplina, seguir normas e ser focada em suas

metas; Itens 02, 03, 10 e 13;  $\omega=0,725$ ) , Amabilidade (Tendência da pessoa desenvolver relações agradáveis e amistosas; Itens 04, 08, 09 e 19;  $\omega=0,718$ ), Abertura a Mudanças (Disponibilidade do indivíduo em vivenciar mudanças e novidades; Itens 05, 07, 14 e 18;  $\omega=0,794$ ) e Extroversão (Tendência a apresentar facilidade nas interações sociais, em exposição de ideias e em fazer amizades; Itens 01, 11, 12 e 17;  $\omega=0,837$ ). Os índices de confiabilidade relatados são do presente estudo.

**-Escala de Percepção do Suporte Social (EPSS):** Instrumento desenvolvido por Siqueira (2008), com o objetivo de avaliar a rede de suporte social percebida pelos indivíduos e era composta por 29 itens. Foi adaptada e validada para aplicação no contexto brasileiro por Ximenes et al. (2020), estudo que também reduziu a escala para 12 itens. Ela é composta por dois fatores, a saber: Suporte Emocional-Cooperativo (Está relacionada aos aspectos afetivos, a percepção de ter o suporte emocional de outro se necessário; Itens 8, 9, 10, 11 e 12;  $\omega = 0,871$ ) e Suporte Cognitivo-Instrumental (Refere-se ao incentivo, escuta e reforço positivo do indivíduo, assim como no fornecimento de instrumentos para a resolução de problemas e nas atividades da vida; Itens 1, 2, 3, 4, 5, 6 e 7;  $\omega =0,838$ ). Este instrumento deve ser respondido através de uma escala *likert* que varia entre (0) Nunca e (3) Sempre.

**- Global Assessment Of Internet Trolling Revised (GAIT-R):** Essa medida de autorrelato foi originalmente elaborada em língua inglesa por Buckels et al. (2014) e revisada por Sest e March (2017), tendo uma estrutura unifatorial, composta por 7 itens que buscam avaliar o comportamento de *trollagem*. Ela foi traduzida e adaptada para aplicação em contexto brasileiro por Santos et al., (2022). Nesse estudo ela apresentou confiabilidade de  $\omega=0,782$ . Devendo ser respondida através de uma escala *likert* que varia entre (1) Discordo Totalmente e (5) Concordo Totalmente.

- ***Antisocial Online Content Scale*** – Escala originalmente construída por Santos et al. (2021), de fator único ( $\alpha = 0,87$ ), é composta por sete itens que descrevem diferentes tipos de conteúdo, em que os participantes devem responder acerca da frequência de exposição nas mídias sociais aos conteúdos relatados nos itens, através de uma escala de seis pontos, que varia de (1) nunca a (6) várias vezes no dia. Neste estudo, foi realizada uma adaptação da escala, com a retirada de um item, a saber “Discussões em uma conversa de Whatsapp ou outro chat online”. Mesmo com a ausência desse item, a escala apresentou índices de qualidade de ajuste do modelo adequados, a saber: NFI= 0,985 (IC 95%:0,983 e 0,986), RMSEA = 0,076 (IC 95%: 0,072-0,080), CFI = 0,991 (IC 95%: 0,990 – 0,992) e não alterou seu índice de confiabilidade ( $\omega=0,87$ ).

- ***Escala de Orientação à Dominância Social (Versão Reduzida)***. Esta escala foi originalmente desenvolvida por Ho et al., (2015), composta por 16 itens e baseada na teoria de Orientação à Dominância Social (Sidanius & Pratto, 1999). Ela foi adaptada e reduzida para uso em contexto brasileiro por Vilanova et al. (2022). É constituída por 8 itens, sendo quatro deles pertencentes ao fator Dominância (itens 1, 2, 3 e 4;  $\omega = 0,788$ ), que investiga preferência por hierarquias grupais, envolvendo opressões à grupos minoritários e os outros quatro itens referentes ao fator Anti-Igualitarismo (itens 5, 6, 7 e 8;  $\omega =0,737$ ), que avalia predileção pela desigualdade social, tendendo a se opor a políticas afirmativas e a aceitar crenças sutis que fortalecem hierarquias sociais.

- **Questões biossociodemográficas**. Essa última parte do questionário, conta com questões de caracterização da amostra (por exemplo, idade, gênero) e do uso de redes sociais.

### ***Procedimentos***

***Aspectos Éticos***. A presente pesquisa obteve aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal do Ceará (UFC) (Parecer nº 6.274.913; CAAE: 70182123.2.0000.5054) e obedeceu aos critérios estabelecidos pelas resoluções 466/12 e



510/16 do Conselho Nacional de Saúde (Brasil, 2012, 2016), seguindo as Orientações para Procedimentos em Pesquisa Online pautadas no Ofício Circular nº 2/2021 da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (Comissão Nacional de Ética em Pesquisa [CONEP]; Ministério da Saúde, 2021).

**Coleta de dados.** De posse das versões adaptadas das escalas foi construído um questionário online, através da plataforma LimeSurvey. Esse questionário foi divulgado nas redes sociais, a saber Instagram, Whatsapp, X (Twitter), Facebook e Reddit, por meio de um link de convite para participar do estudo. O post de divulgação da pesquisa foi patrocinado no Instagram, no valor de R\$ 375,00, do dia 8 ao dia 27 de novembro de 2023 e alcançou 47.150 contas. Além disso, o link também foi enviado a um influenciador digital com mais de 40 mil seguidores, que relata sofrer com comentários agressivos em seu perfil. A ele, através de mensagem particular, foi explicado o objetivo da pesquisa e realizado o pedido para colaborar, de modo voluntário, divulgando a pesquisa. Através dessas duas estratégias de divulgação, foi possível alcançar uma amostra composta por diversos estados do Brasil.

Antes de proceder as respostas ao questionário, os participantes eram apresentados ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) que assegurava a estes a confidencialidade das informações que forneceram e informava os objetivos, benefícios e riscos da pesquisa, aqueles que aceitaram participar davam a sua anuência clicando em "próximo". Após a coleta dos dados, foram excluídos da amostra participantes menores de 18 ou acima de 100 anos, que totalizaram 16 participantes.

**Análise de dados.** Para a realização das análises fatoriais exploratórias nas escalas Phophikat-30 (Ruck e Proyer, 2009), Short Dark Tetrad (SD4; Paulhus et al. 2020) e Social Rewards Questionnaire (Folkes et al., 2014), foi utilizado o software FACTOR (versão 12.4.5.0). Inicialmente foram calculados os coeficientes de correlação entre os itens, bem como avaliada a fatorabilidade da matriz de dados, por meio dos indicadores Kaiser-Meyer-Olkin

(KMO) e do Teste de Esfericidade de Bartlett. Para interpretação dos resultados, considerou-se que resultados de KMO superiores a 0,50 e Testes de Esfericidade de Bartlett significativos ( $p < 0,05$ ) revelam que os dados estão satisfatórios para a realização da Análise Fatorial (Hair et al., 2009).

Prosseguiu-se assim, para a realização das Análises Fatoriais Exploratórias, nas quais, nas três análises realizadas, foram utilizados a matriz de correlação policórica e o método *Robust Diagonally Weighted Least Squares* (RDWLS) (Asparouhov & Muthen, 2010). A decisão acerca do número de fatores a ser retido foi feita por meio da técnica da Análise Paralela com permutação aleatória dos dados observados (Timmerman, & Lorenzo-Seva, 2011). Quando o resultado da técnica supracitada divergiu do número de fatores da escala original, foi analisado também o Critério de Kaiser (ou Critérios dos Valores Próprios). Apesar desse critério ser considerado menos robusto (Laros, 2012) quando comparado a Análise Paralela, ele também oferece suporte para a decisão do número de fatores da escala, a partir dos pressupostos teóricos do instrumento. Nele, os valores próprios (*Eigenvalue*) devem estar iguais ou superiores a 1 para serem considerados como um fator (Hair, 2009). A rotação escolhida foi a Robust Promin (Lorenzo-Seva & Ferrando, 2019).

Os índices de ajuste utilizados para avaliação da adequação do modelo fatorial foram o *Root Mean Square Error of Aproximation* (RMSEA), o *Comparative Fit Index* (CFI) e o *Non-Normed Fit Index* (NFI). É importante ressaltar que resultados de RMSEA devem ser menores que 0,08 e os de CFI e NFI devem estar acima de 0,90, ou de preferência acima de 0,95 (Brown, 2006).

Após esse momento, o *software* Jamovi (Versão 2.4.11.0) foi utilizado para mensurar os coeficientes de consistências interna dos fatores resultantes das três escalas. A consistência interna objetiva indicar se os fatores de um instrumento mensuram a mesma característica (Souza et al., 2017). O coeficiente escolhido para o cálculo da consistência interna foi o Ômega

de McDonald ( $\omega$ ), por considerar a multidimensionalidade dos dados. Para interpretação desse resultado, semelhante às análises acerca do Alfa de Cronbach ( $\alpha$ ), os resultados devem ser preferencialmente acima de 0,70 para serem considerados precisos, mas, valores até 0,60 são considerados suficientes (Souza, Alexandre e Guirardello, 2017; Conselho Federal de Psicologia, 2022).

Além disso, o *software Statistical Package for the Social Sciences* (versão 22) foi utilizado na realização de estatísticas descritivas (tendência central e dispersão) para caracterização da amostra e para testar as hipóteses do presente estudo. No teste das hipóteses foram utilizadas correlações  $r$  de Pearson, objetivando investigar as relações entre as variáveis intrínsecas, extrínsecas e mistas e o comportamento alvo da dissertação. Para fins interpretativos das análises de correlações foram utilizados os seguintes parâmetros (Cohen, 1992): Nulas = 0,00, Fracas  $|0,10 - 0,30|$ , Moderadas  $|0,30 - 0,50|$  e fortes  $>0,50|$ .

Em um segundo momento, realizou-se uma comparação de médias entre um grupo formado por *trolls* e outro formado por outros usuários. Para a formação desses grupos observou-se os resultados da escala GAIT-R, específica para triagem de comportamentos de *trollagem*, nessa direção, considerou-se que todos aqueles que responderam 4 (concordo) ou 5 (concordo totalmente) em qualquer item do instrumento, concordavam que já teriam emitido algum comportamento de *trollagem*; aqueles que respondiam 3 (Nem concordo, nem discordo) foram considerados como omissos; e quem respondia 1 (Discordo Totalmente) ou 2 (Discordo) foram considerados como não tendo cometido *trollagens*. Nessa direção, considerando o grupo de *trolls* e de outros usuários, foi utilizado o teste  $t$  para amostras independentes para realização das comparações. Para interpretar os tamanhos de efeito, utilizaram-se os parâmetros apontados por Cohen (1988): Efeito pequeno entre 0,20 e 0,49; médio entre 0,50 e 0,79 e grande igual ou maiores que 0,80. Por fim, realizou-se também uma análise de regressão logística binária para testar a predição das variáveis antecedentes na variável critério. Nesta, foram utilizados o teste

de razão de verossimilhança e considerados os indicadores de ajustes de modelo:  $\chi^2$  (Qui-quadrado), a Estatística de Wald, a significância (p), o pseudo  $R^2$  de Nagelkerke e o coeficiente Exp (B) (Odds ratio ajustado).

## **Resultados**

O objetivo dessa dissertação é analisar a influência de variáveis psicossociais, especificamente traços de personalidade comuns, sadismo, psicopatia, suporte social, envolvimento com as redes sociais, potência social negativa, orientação para dominância social e a disposição para ridicularizar os outros (katageslaticismo), no comportamento de *trollagem* em redes sociais. Para alcançá-lo, a apresentação dos resultados foi organizada da seguinte forma: Inicialmente, é apresentado o processo de adaptação, validação e adaptação das propriedades psicométricas de três das escalas utilizadas nessa dissertação, a saber a SRQ, a SD4 e a Phophikat-30, que ainda não eram adaptadas e validadas para uso em contexto brasileiro. Após este momento inicial, são realizadas as descrições dos resultados das análises estatísticas utilizadas para testar as hipóteses estabelecidas acerca do construto investigado e outras análises adicionais, que foram realizadas para uma melhor compreensão dos resultados.

### **Tradução, Adaptação e Validação Semântica**

O processo de tradução e validação de três escalas teve o propósito de alcançar o primeiro objetivo específico, a saber: Adaptar e avaliar as evidências de validade para o contexto brasileiro das escalas *Social Rewards Questionnaire (SRQ)*, *Short Dark Tetrad (SD4)* e *Phophikat-30*. Guiando-se pelas orientações descritas por Borsa, Damásio e Bandeira (2012) para a adaptação e validação de instrumentos psicológicos entre culturas, detalham-se brevemente os resultados a seguir.

Inicialmente, as três escalas, foram traduzidas por dois tradutores bilíngues, sendo um deles psicólogo, *expert* em avaliação psicológica e o segundo, *expert* em inglês e com experiência com traduções de textos do inglês para o português. De posse das duas traduções, foi realizada pela pesquisadora responsável uma análise dos itens de cada escala e feita uma síntese das traduções. Esta síntese foi enviada novamente para outros dois tradutores bilíngues, ambos *experts* em inglês, para realizarem o processo de *back-translation*.

Com as três escalas retraduzidas para o inglês, foi feita uma reunião com o tradutor *expert* em avaliação psicológica e avaliados novamente cada um dos itens das três escalas. Nesse momento, foram realizadas algumas modificações para melhor compreensão dos itens. Por exemplo, no processo de tradução inicial o item “*People see me as a natural leader*” pertencente a escala SD4, havia sido traduzido como “As pessoas me veem como um líder nato”. Para melhor compreensão desse item, neste segundo momento de análise, a frase foi reescrita para “As pessoas me veem como alguém que nasceu para ser líder”.

Após estas alterações, as três escalas foram encaminhadas para 9 juízes, todos eles com titulação de mestres e/ou doutores em Psicologia e com experiência com processos de adaptação de escalas para o contexto nacional. Todos avaliaram as três escalas com relação a clareza, pertinência e relevância, atribuindo uma nota de 1 a 5 a cada um desses três aspectos e deram sugestões de melhorias aos itens. Cinco dessas avaliações foram utilizadas para realização do cálculo de Coeficiente de Validade de Conteúdo (CVC), por ser a recomendação do número máximo de juízes para este cálculo (Pasquali et al., 2010). Já as demais quatro avaliações foram utilizadas para melhoria semântica dos itens das escalas. É importante ressaltar que o ponto de corte do CVC é 0,80 (Pasquali et al., 2010).

A escala SRQ obteve pontuações de CVC, quanto a clareza 0,98, quanto a pertinência 0,95 e quanto a relevância 0,95. O item 19 da escala original, pontuou baixo quanto a

pertinência e relevância, 0,72 e 0,64, respectivamente. Quando realizada uma média entre a pontuação de pertinência, relevância e clareza (0,92) desse item, obteve-se resultado abaixo de 0,80, por esse motivo, optou-se por excluí-lo da versão adaptada, que apresentou sua versão final com 22 itens. A escala SD4, obteve indicadores quanto a Clareza de 0,94, Relevância de 0,90 e Pertinência de 0,90. Mesmo que os itens “As pessoas geralmente dizem que estou fora de controle” e “Quem mexe comigo, sempre se arrepende depois” tenham pontuado 0,76 quanto a Pertinência e Relevância, quando calculadas as médias entre os três critérios avaliados, considerando a clareza (0,88 e 0,96, respectivamente), o resultado foi igual e acima de 0,80, por isso, optou-se por manter esses itens para ver como se comportariam na análise das propriedades psicométricas da escala.

Por fim, a escala Phophikat-30, pontuou 0,88 quanto a Clareza, 0,89 quanto a Pertinência e 0,87 quanto a Relevância. Nesta, os itens “Quando o assunto é fazer piadas ou comentários engraçados sobre outras pessoas eu sou mais "Olho por olho, dente por dente" do que "Se alguém lhe bater a face direita, ofereça-lhe a outra face”, “Eu tenho talento para ser comediante, artista de espetáculo ou palhaço” e “O risco de atrair atenção negativa ou parecer estranho para os outros é alto, especialmente quando sinto que estou relativamente despreocupado”, pontuaram <0,80 na média entre Clareza, Pertinência e Relevância por isso optou-se por retirá-los da escala, que ficou com 27 itens em sua versão adaptada.

### **Propriedades Psicométricas das Escalas**

Após esse processo de tradução e validação das três escalas, elas foram aplicadas à amostra total desse estudo ( $n = 958$ ), buscando alcançar o primeiro objetivo específico dessa dissertação, a saber: adaptar e validar para o contexto brasileiro as escalas *Social Rewards Questionnaire (SRQ)*, *Short Dark Tetrad (SD4)* e a *Phophikat-30*. Os resultados serão reportados individualmente a seguir. É importante ressaltar que não é o propósito dessa dissertação apresentar descrições detalhadas desses resultados, mas apresentar os principais

parâmetros para garantir a consistência e a qualidade dos instrumentos na mensuração das variáveis do presente estudo.

### ***Questionário de Recompensa Social (SRQ)***

Antes de proceder a AFE, foram observados os resultados do teste de esfericidade de Bartlett (10011,0,  $gl = 231$ ,  $p < 0,0001$ ) e o KMO (0,84), ambos obtiveram parâmetros adequados para a interpretação da matriz de correlação dos dados. O *Social Reward Questionnaire* ou Questionário de Recompensa Social, em sua versão original, é formado por seis dimensões, são elas: Admiração, Potência Social Negativa, Sociabilidade, Interações Pró-Sociais, Passividade e Relações Sexuais. É fulcral destacar que esses fatores são próximos entre si (Foulkes, 2014).

Nesse sentido, optou-se por realizar a análise fatorial considerando as seis dimensões da escala original. O resultado da AFE, considerando o critério de Análise Paralela sugeriu apenas dois fatores como mais representativos do construto (Tabela 1).

**Tabela 1**

*Resultado Análise Paralela (SRQ)*

<b>Fatores</b>	<b>Percentual de variância explicada dos dados reais</b>	<b>Percentual de variância explicada dos dados aleatórios (95% IC)</b>
1	27,9758*	10,2996
2	21,6209*	9,6639
3	7,5873	9,0846
4	6,3980	8,5022
5	6,0912	8,0407
6	4,3905	7,4580
7	3,6140	6,9607
8	3,0528	6,5050
9	2,8119	6,1811
10	2,4780	5,6533
11	2,2478	5,2844
12	2,0779	4,9004
13	1,8433	4,5235
14	1,7244	4,1367
15	1,5745	3,7659
16	1,4763	3,3780
17	1,2161	2,9260
18	0,9997	2,4805
19	0,4331	2,0438
20	0,3207	1,5575
21	0,0659	1,0585

*Nota.* Itens com \* referem-se ao número de fatores indicado na Análise Paralela.

Como este resultado diferenciava-se do modelo original, optou-se por analisar o critério de Kaiser. Desse modo, considerando esse segundo critério avaliado, foi indicada a existência de cinco fatores, estando um sexto fator marginal (*Eigenvalue* = 0,97569; Tabela 2).

**Tabela 2**

*Variância Explicada baseada no Valor Próprio (Eigenvalues) (SRQ)*

<b>Fatores</b>	<b><i>Eigenvalue</i></b>	<b>Variância Explicada</b>
1	5,56971	0,25317
2	4,32424	0,44973
3	1,60823	0,52283
4	1,35441	0,58439
5	1,22809	0,64021
6	0,97569	0,68456
7	0,75506	-
8	0,73535	-
9	0,62414	-
10	0,58900	-
11	0,55657	-
12	0,52601	-
13	0,45239	-
14	0,39811	-
15	0,37869	-
16	0,36385	-
17	0,32138	-
18	0,29734	-
19	0,26894	-
20	0,26208	-
21	0,22745	-
22	0,18327	-

Quando considerados os seis fatores originais a organização dos itens era confusa. O fator Interações Pró-Sociais, no instrumento original, agrupava 5 itens. Um desses itens foi excluído no processo de tradução. Quando realizada a AFE nesse estudo, esse fator agrupava apenas três itens, eram eles: o 16 (“Eu gosto de cumprir as promessas que eu faço”) e o 21 (“Eu gosto de fazer outra pessoa feliz”) e o 19 (“Eu gosto de ter uma vida sexual ativa”). Este último, pontuava em dois fatores, a saber na dimensão Relações Sexuais, com carga fatorial 0,640 e na dimensão Interações Pró-Sociais, com carga fatorial 0,388. Os demais itens obtinham carga



fatorial no fator Potência Social Negativa (Item 2 – “Eu gosto de tratar as pessoas de forma justa”, pontuando com carga fatorial negativa) e Admiração (Item 6 – “Eu gosto de me sentir conectado emocionalmente com outras pessoas”). Além disso, quando avaliado o ômega desse fator ( $\omega = 0,532$ ), ele apresentava indicadores abaixo de 0,600.

Desse modo, considerando o critério dos valores próprios e a confusa organização dos itens por fator quando considerados 6 fatores, optou-se por realizar uma nova análise fatorial, desta vez considerando cinco fatores. Nesta última análise, 3 itens (2, 16 e 21) que originalmente pertenciam ao fator Interações Pró-Sociais, pontuaram, com carga fatorial negativa, no fator Potência Social Negativa. Além disso, o item 6, “Eu gosto de me sentir conectado emocionalmente com outras pessoas”, também apresentou resultados divergentes do estudo original, e obteve carga fatorial 0,392 no fator Admiração, sendo assim, optou-se por mantê-lo nos itens desse fator. Nessa direção, os itens se estruturaram entre as dimensões da seguinte maneira:

**1. Sociabilidade:** Itens 4, 10 e 15 ( $\omega = 0,671$ ), com cargas fatoriais entre 0,481 (Item 10: “Eu gosto de fazer parte de grupos/clubes” e 0,806 (Item 4: “Eu gosto de ir a festas”); **2. Potência Social Negativa:** Itens 2 (invertido), 3, 5, 8, 14, 16 (invertido), 17 e 21 (invertido) ( $\omega = 0,628$ ), com cargas fatoriais entre - 0,700 (Item 16: “Eu gosto de tratar as pessoas de forma justa”) e 0,723 (Item 8: “Eu gosto de trapacear as pessoas”); **3. Relações Sexuais:** Itens 9, 13 e 19 ( $\omega = 0,759$ ), com cargas fatoriais entre 0,766 (Item 19: “Eu gosto de ter uma vida sexual ativa”) e 0,902 (Item 13: “Eu gosto de ter muitas experiências sexuais”); **4. Admiração:** Itens 1, 6, 7, 11, 18 ( $\omega = 0,813$ ), com cargas fatoriais variando entre 0,392 (Item 6: “Eu gosto de me sentir conectado emocionalmente com outras pessoas”) e 0,954 (Item 7: “Eu gosto quando outras pessoas me admiram”) e **5. Passividade:** Itens 12, 20 e 22 ( $\omega = 0,728$ ), com cargas fatoriais pontuando entre 0,699 (Item 22: “Eu gosto de seguir a regra dos outros”) e 0,844 (Item

12: “Eu gosto de deixar outras pessoas me dizerem o que fazer”). Por fim, é importante destacar que os índices de ajustes de qualidade do modelo proposto para a SRQ se apresentaram adequados em ambos os modelos testados:

**Tabela 3**

*Índices de qualidade de ajuste dos modelos propostos na SRQ*

<b>Modelos</b>	<b>NFI (IC 95%)</b>	<b>CFI (IC 95%)</b>	<b>RMSEA (IC 95%)</b>
SRQ (6 Fatores)	0,981 (0,980 – 0,985)	0,991 (0,990 – 0,995)	0,036 (0,027 – 0,036)
SRQ (5 fatores)	0,975 (0,974 – 0,983)	0,986 (0,985 – 0,990)	0,042 (0,035 – 0,042)

#### ***Tétrade Sombria Curta (SD4)***

Para a realização da AFE da SD4 também foram observados os indicadores de KMO (0,85) e o Teste de Esfericidade de Bartlett (9580,3,  $gl = 378$ ,  $p < 0,0001$ ), os quais demonstraram adequados para a interpretação da matriz de correlação dos dados. Esse instrumento foi desenvolvido baseado na teoria da Tétrade Sombria da Personalidade, perspectiva esta que inclui o Sadismo à teoria da Tríade Sombria (Paulhus e Williams, 2002): Psicopatia, Narcisismo e Maquiavelismo (Paulhus *et al.*, 2020). O modelo original do instrumento considera a investigação desses quatro fatores. Logo, a AFE foi realizada considerando 4 fatores (Paulhus *et al.*, 2020). O resultado da Análise Paralela, no entanto, demonstrou-se diferente do modelo original e indicou a presença de apenas três fatores, conforme pode ser observado na Tabela 4.

**Tabela 4**

*Resultado Análise Paralela (SD4) – 4 Fatores*

<b>Fatores</b>	<b>Percentual de variância explicada dos dados reais</b>	<b>Percentual de variância explicada dos dados aleatórios (95% IC)</b>
1	28,2585*	7,9464
2	10,3027*	7,3395
3	7,8402*	6,8771
4	5,7700	6,5547
5	4,9513	6,3029
6	4,6571	5,9981

7	3,7673	5,6914
8	3,3092	5,4511
9	3,0127	5,1716
10	2,8614	4,8937
11	2,5975	4,6625
12	2,4849	4,4351
13	2,3312	4,1628
14	2,2804	3,9649
15	2,1416	3,7481
16	2,0236	3,5432
17	1,7748	3,3136
18	1,6661	3,0721
19	1,5197	2,8362
20	1,3195	2,6040
21	1,2821	2,3981
22	1,1807	2,1427
23	1,0182	1,8912
24	0,6548	1,6556
25	0,4640	1,3718
26	0,4136	1,0867
27	0,1165	0,7910

*Nota.* Itens com \* referem-se ao número de fatores indicado na Análise Paralela.

Diante disso, ao analisar os itens divididos nos quatro fatores, os resultados ficaram confusos, principalmente com relação ao fator Sadismo. Neste, eram retidos os itens 18, 19, 20, 24 e 27, quando na escala original o item 20 (“Quem mexe comigo, sempre se arrepende depois”) pertencia ao fator Psicopatia e o item 27 (“Eu tenho um talento especial de convencer as pessoas”) ao fator Narcisismo. O item 13 (“É necessário planejamento para manipular uma situação”), também se apresentou problemático, pois obteve cargas fatoriais em dois fatores, a saber: Sadismo (0,393) e Maquiavelismo (0,354). Apesar de ter carga fatorial um pouco mais alta no Sadismo que no Maquiavelismo, na escala original ela pertencia ao fator Maquiavelismo. Além disso, os itens 7 (“Ver brigas com agressão física me anima”), 10 (“Já falei coisas que machucam nas redes sociais só por diversão”), 21 (“Eu gosto de assistir esportes violentos”) e 23 (“Eu gosto muito de filmes e vídeo games violentos”), que pertenciam ao Sadismo na escala original, obtiveram cargas fatoriais no fator Psicopatia. Nesse sentido, observando a teoria da tríade sombria, os resultados divergentes da Análise Paralela e das cargas fatoriais dos itens, optou-se por realizar uma nova AFE, considerando apenas três fatores.

Os resultados dessa segunda AFE foram mais coerentes com a teoria. A Análise Paralela confirmou a pertinência de 3 fatores e, aqueles itens que pertenciam ao fator Sadismo na SD4 original (a saber, itens 7, 10, 18, 20, 21, 23 e 27), agruparam-se, com cargas fatoriais acima de 0,30, no fator Psicopatia. É importante, no entanto, destacar alguns contrapontos. Alguns itens obtiveram cargas fatoriais nos fatores Psicopatia e Narcisismo, a saber: Item 20 (Psicopatia – 0,361 e Narcisismo – 0,307), item 21 (Psicopatia – 0,691 e Narcisismo – -0,304) e item 23 (Psicopatia – 0,695 e Narcisismo – -0,430). Nos três itens, optou-se por alocá-los no fator em que eles obtiveram carga fatorial mais alta. Além disso, o item 5 (“Eu tendo a entrar de cabeça nas coisas e só depois fazer perguntas”) não pontuou em nenhuma dimensão e já havia pontuado um pouco abaixo do ponto de corte (0,80) em clareza, pertinência e relevância (0,76) na análise dos juízes, por isso, optou-se por excluí-lo da escala.

Ademais, os itens 8 (“Bajular é uma boa forma de ter pessoas ao seu lado”) e 16 (“Eu adoro quando um plano traiçoeiro é um sucesso”) originalmente dispostos no fator Maquiavelismo, obtiveram carga fatorial 0,405 e 0,641, respectivamente, no fator Psicopatia. Assim como o item 26 (“Gosto de me exhibir de vez em quando”), que originalmente pertencia ao fator Narcisismo, na presente pesquisa, pontuou com carga fatorial 0,412 no fator Psicopatia. Dessa forma, os 27 itens se organizaram entre as dimensões da seguinte maneira:

**1. Maquiavelismo:** Itens 3, 4, 6, 13 e 14 ( $\omega=0,568$ ), com cargas fatoriais entre 0,447 (Item 14: “Independentemente do que for necessário, você tem que trazer as pessoas importantes para o seu lado”) e 0,567 (Item 3: “Evite o conflito com as outras pessoas, elas podem ser necessárias no futuro”); **2. Psicopatia:** Itens 1, 2, 7, 8, 10, 12, 16, 18, 19, 20, 21, 23, 24, 25, 26 e 28 ( $\omega=0,798$ ), com cargas fatoriais variando entre 0,347 (Item 18: Eu sei machucar as pessoas apenas com palavras) e 0,769 (Item 7: Ver brigas com agressão física me anima), ambos os itens de menor e maior carga fatorial neste fator pertenciam originalmente ao fator Sadismo; **3. Narcisismo:** Itens 9, 11, 15, 17, 22 e 27 ( $\omega=0,742$ ), com cargas fatoriais entre 0,

496 (Item 15: “As atividades de grupo tendem a ser sem graça sem a minha presença”) e 0,768 (Item 9: “As pessoas me veem como alguém que nasceu para ser líder”). Os índices de ajustes de qualidade do modelo proposto para a SD4 se apresentaram adequados, conforme pode ser observado na tabela 5:

**Tabela 5**

*Índices de qualidade de ajuste dos modelos propostos na SD*

<b>Modelos</b>	<b>NFI (IC 95%)</b>	<b>CFI (IC 95%)</b>	<b>RMSEA (IC 95%)</b>
SD (4 Fatores)	0,965 (0,980 – 0,985)	0,975 (0,985 – 0,989)	0,035 (0,010 – 0,050)
SD (3 fatores)	0,949 (0,949 – 0,956)	0,960 (0,960 – 0,966)	0,043 (0,010 – 0,050)

### ***Phophikat***

Antes de proceder a realização da AFE na escala Phophikat, assim como nas duas escalas anteriores, foram analisados os indicadores de KMO (0,86) e o Teste de Esfericidade de Bartlett (10904,7,  $gl = 351$ ,  $p < 0,0001$ ) e ambos indicaram adequação para a interpretação da matriz de correlação dos dados. Essa escala foi desenvolvida por Ruck e Proyer (2009), baseada na teoria do humor sombrio, que se refere a três fatores, a saber: Gelotofobia (medo de ser ridicularizado), Gelotofilia (Gostar de ser ridicularizado) e Katageslaticismo (gostar de ridicularizar os outros) (Ruck e Proyer, 2009). Com isso, a AFE foi realizada considerando essas três dimensões do instrumento original. A análise paralela, por sua vez, confirmou a existência de três fatores, conforme pode ser observado na tabela 6.

**Tabela 6**

*Resultado Análise Paralela (Phophikat)*

<b>Fatores</b>	<b>Percentual de variância explicada dos dados reais</b>	<b>Percentual de variância explicada dos dados aleatórios (95% IC)</b>
1	30,4019*	8,1276
2	15,7728*	7,5444
3	7,2315*	7,0901
4	5,3942	6,7330
5	4,0032	6,4388
6	3,9007	6,1626
7	3,6414	5,8745
8	3,4152	5,5750

9	3,0921	5,2950
10	2,7176	5,0361
11	2,5442	4,7777
12	2,3426	4,5118
13	2,1570	4,2827
14	1,8396	4,0243
15	1,7764	3,7953
16	1,4768	3,5325
17	1,4341	3,2810
18	1,3797	3,0144
19	1,1184	2,8264
20	1,0839	2,5084
21	0,9583	2,2968
22	0,7456	2,0172
23	0,6312	1,7431
24	0,6047	1,4716
25	0,2269	1,1565
26	0,1100	0,8049

**Nota.** Itens com \* referem-se ao número de fatores indicado na Análise Paralela.

Ao analisar as cargas fatoriais, observou-se que dois itens não alcançaram carga fatorial superior a 0,30 em qualquer fator, a saber: item 8 (“Para mim não há diferença se as pessoas riem de mim ou comigo”) e item 19 (“Eu não me importo se alguém enviar um vídeo meu em uma situação embaraçosa para um programa que transmite esses tipos de vídeos”), por isso, serão excluídos da escala adaptada e validada para uso em contexto brasileiro.

Além disso, retiraram-se os itens 12 (“Acho que passo, mesmo sem querer, uma impressão engraçada para os outros”) e 20 (“Certas pessoas fazem de tudo para serem palhaças”). O primeiro, pela conjectura de que a expressão “mesmo sem querer”, no contexto dessa amostra, parece não representar o medo de passar uma impressão engraçada para outras pessoas e, também, não representa gostar de ser ridicularizado, fator em que obteve carga fatorial mais expressiva. E o segundo, por saturar com carga fatorial baixa  $|0,30|$  e em fator distinto do preconizado originalmente (Katageslaticismo). Dessa forma, a versão adaptada da escala Phophikat se organizou da seguinte forma:

1. Gelotofilia: Itens 2, 5, 10, 13, 16, 24 e 26 ( $\omega=0,788$ ), com cargas fatoriais variando entre 0,491 (Item 16: “Eu gosto quando outras pessoas fazem piada comigo porque isso pode também ser um sinal de reconhecimento”) e 0,992 (Item 13: “Eu sou o(a) palhaço(a) no meu

círculo de amizade, sou eu quem diverte os outros, geralmente com piadas sobre mim mesmo”;

2. Gelotofobia: Itens 1, 4, 7, 9, 15, 18, 21 e 23 ( $\omega = 0,780$ ), com cargas fatoriais entre 0,450 (Item 15: “Eu me controlo muito para não atrair atenção negativa, dessa forma, eu não causo uma impressão ridícula”) e 0,783 (Item 23: “Leva muito tempo para me recuperar de uma situação em que riram de mim”);

3. Katageslaticismo: Itens 3, 6, 11, 14, 17, 22, 25 e 27 ( $\omega = 0,746$ ), com itens variando entre cargas fatoriais de 0,378 (Item 27: “Se estou em um grupo de pessoas e sou o único que percebe que alguém passou vergonha ou algo de vergonhoso aconteceu com ele, não hesito em contar para os outros sobre isso”) e 0,877 (Item 17: “Se for para entretenimento é justificável fazer piadas ou comentários engraçados que possam ser dolorosos ou ruins sobre outras pessoas”).

Por fim, é importante destacar que o instrumento apresentou índices de qualidade de ajuste do modelo adequados, a saber: NFI = 0,967 (IC 95%: 0,966 e 0,973), RMSEA = 0,043 (IC 95%: 0,0347– 0,0361), CFI = 0,975 (IC 95%: 0,973 – 0,979).

Após a adaptação e validação desses três instrumentos que foram discutidos anteriormente, o presente estudo prosseguiu com os testes das hipóteses estabelecidas. Destaca-se que, como já relatado anteriormente, o instrumento de investigação da téttrade sombria da personalidade (SD4) obteve uma estrutura confusa, agrupando apenas três fatores (maquiavelismo, psicopatia e narcisismo) ao invés de quatro, como no instrumento original. Com isso, para a realização de algumas análises de hipóteses, exclusivamente a título de pesquisa, foram considerados os itens do instrumento original para cálculo das dimensões sadismo e psicopatia de forma separada. Já com relação às outras duas escalas, SRQ e Phophikat, nas análises foram utilizados os itens resultantes da adaptação e validação para o Brasil.

### **Teste das Hipóteses**

Com base nos resultados das AFE dos três instrumentos adaptados e validados para uso no Brasil, observados no tópico anterior, foi possível constatar que eles apresentam índices de qualidade de ajuste e consistência interna adequados para investigação em pesquisas dos construtos Personalidade Sombria, Recompensa Social e Humor Sombrio. A partir disso, prosseguiu-se com a realização dos testes das hipóteses, buscando alcançar o principal propósito do estudo.

Como destacado, o objetivo dessa dissertação é analisar a influência de variáveis psicossociais, especificamente traços de personalidade comuns e sombrios, suporte social, envolvimento com as redes sociais, potência social negativa, orientação para dominância social e a disposição para ridicularizar os outros (katageslaticismo), no comportamento de *trollagem* em redes sociais. Visando alcançar esse objetivo, inicialmente, foram realizadas análises de correlação entre as variáveis de interesse. Para uma melhor observação e compreensão destas, optou-se por apresentá-las considerando a divisão apresentada na revisão teórica dessa dissertação: Variáveis Intrínsecas, Extrínsecas e Mistas.

Em seguida, para aprofundar as análises, foram realizadas comparações de médias entre os *trolls* e outros usuários de redes sociais, também considerando variáveis intrínsecas, extrínsecas e mistas. Por fim, considerando o tamanho do efeito dessas variáveis, aplicaram-se modelos de regressão logística binária, estimando quais e o quanto dessas variáveis conseguem prever a *trollagem online*. Os resultados encontrados serão descritos a seguir:



### Hipóteses de Correlação

**Variáveis Intrínsecas.** As hipóteses de correlação do presente estudo, apontavam para: uma correlação negativa entre *trollagem*, amabilidade e conscienciosidade, mas, uma correlação positiva entre *trollagem* e neuroticismo (H1) e uma correlação positiva entre a *trollagem*, o sadismo e a psicopatia (H3).

Tabela 7.

Correlações de Person entre *Trollagem Online* e as Variáveis Intrínsecas

Variáveis	1	2	3	4	5	6	7	8
1. <i>Trollagem Online</i>	1							
2. Amabilidade	-0,144***	1						
3. Neuroticismo	0,170***	-0,143***	1					
4. Conscienciosidade	-0,057	0,295***	-0,034	1				
5. Extroversão	-0,046	0,455***	-0,135***	0,310***	1			
6. Abertura	0,056	0,289***	0,008	0,252***	0,429***	1		
7. Psicopatia <sup>2</sup>	0,446***	-0,117***	0,225***	-0,072***	0,076*	0,120***	1	
8. Sadismo <sup>2</sup>	0,387***	-0,305***	0,244***	-0,157***	-0,206***	-0,041	0,488***	1
9. Psicopatia <sup>3</sup>	0,483***	-0,269***	0,276***	-0,160***	-0,094**	0,040	-	-

Nota 1. <sup>2</sup>Os fatores 7 e 8 agrupam os itens do instrumento Short Dark Tetrad Original.

Nota 2. <sup>3</sup>O fator 9 agrupa os itens do instrumento adaptado para o contexto brasileiro, que encontrou apenas três fatores no instrumento (Psicopatia, Maquiavelismo e Narcisismo). Os itens de sadismo do instrumento original, pontuaram no fator Psicopatia.

Nota 3. \* $p < 0,05$ , \*\* $p < 0,01$ , \*\*\* $p < 0,001$ .

Conforme pode ser observado (tabela 6), a primeira hipótese foi parcialmente confirmada, pois, apesar de fraca (0,10 – 0,30), há uma correlação negativa entre amabilidade e *trollagem* ( $r = -0,144$ ,  $p < 0,001$ ) e uma correlação positiva entre a *trollagem* e o neuroticismo ( $r = 0,170$ ;  $p < 0,001$ ). Entretanto, a correlação negativa entre o comportamento alvo e a conscienciosidade ( $r = -0,057$ ;  $p > 0,05$ ), não foi significativa.

Com relação a segunda hipótese, esta foi confirmada, apresentando correlações moderadas (0,30 - 0,50) e significativas ( $p < 0,001$ ) tanto entre a *trollagem* e os fatores de

sadismo ( $r=0,387$ )<sup>2</sup> e psicopatia ( $r=0,446$ )<sup>2</sup> do instrumento original, como entre a *trollagem* e a psicopatia ( $r=0,483$ ), considerando o fator psicopatia do instrumento adaptado para o contexto brasileiro.

*Variáveis Extrínsecas. Já com relação aos fatores extrínsecos, as hipóteses versavam sobre a correlação positiva entre a trollagem, a frequência de uso das redes e o acesso a conteúdos antissociais (Hipótese 7) e uma correlação negativa entre os fatores de suporte social (Emocional Cooperativo e Cognitivo Instrumental) e a trollagem (Hipótese 9). As correlações entre os fatores extrínsecos e a trollagem podem ser observadas na tabela 8:*

**Tabela 8**

*Correlações de Person entre Trollagem Online e as Variáveis Extrínsecas*

<b>Fatores</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>
<i>1. Trollagem Online</i>	<b>1</b>				
<i>2. Suporte Cognitivo Instrumental</i>	-0,042	<b>1</b>			
<i>3. Suporte Emocional Cooperativo</i>	-0,079**	0,746***	<b>1</b>		
<i>4. Exposição a Conteúdo Antissocial</i>	0,137***	0,080**	0,470	<b>1</b>	
<i>5. Frequência de Uso de Redes Sociais</i>	0,079**	0,033	0,031	0,137***	<b>1</b>

*Nota.* \* $p < 0,05$ , \*\* $p < 0,01$ , \*\*\* $p < 0,001$ .

A hipótese 7 foi confirmada, entretanto, é importante destacar que a correlação existente entre a *trollagem* e o tempo de uso de redes sociais, apesar de significativa, é muito fraca ( $r < 0,10$ ;  $p < 0,01$ ). Além disso, há fracas correlações entre o comportamento alvo e a exposição a conteúdo antissocial ( $r = 0,137$ ;  $p < 0,001$ ). Com relação a hipótese 9, esta foi confirmada parcialmente, pois, foram encontradas associações negativas muito fracas entre o fator cooperativo emocional (suporte social) e a *trollagem* ( $r = -0,079$ ;  $p < 0,01$ ), mas, não houve associação entre o suporte social cognitivo instrumental e este comportamento ( $p > 0,05$ ).

<sup>2</sup> Para algumas análises dos fatores psicopatia e o sadismo, foram utilizados os itens determinados pelo estudo original do instrumento para o teste das hipóteses.

*Variáveis Mistas. Com relação às variáveis mistas, esperava-se que os fatores de Orientação a Dominância Social (a saber, Dominância e Anti-igualitarismo) (H4), o fator Katageslaticismo (H10), da escala Phophikat e a potência social negativa (H5) iriam se correlacionar positivamente com a trollagem online. As correlações encontradas podem ser observadas na tabela a seguir (tabela 9).*

**Tabela 9**

Correlações de Person entre *Trollagem Online* e as Variáveis Mistas

<b>Fatores</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>
<b>1. Trollagem Online</b>	<b>1</b>				
<b>2. Dominância</b>	0,077*	<b>1</b>			
<b>3. Anti-igualitarismo</b>	0,108**	0,583**	<b>1</b>		
<b>4. Katageslaticismo</b>	0,337***	0,199**	0,215**	<b>1</b>	
<b>5. Potência Social Negativa</b>	0,258***	0,155***	0,157***	0,329***	<b>1</b>

Nota. \* $p < 0,05$ , \*\* $p < 0,01$ , \*\*\* $p < 0,001$ .

Conforme pode ser observado, todas as hipóteses foram confirmadas. Contudo, cabe destacar, que as correlações entre *trollagem*, dominância ( $r=0,077$ ;  $p < 0,05$ ) e anti-igualitarismo ( $r=0,108$ ;  $p < 0,01$ ), apesar de serem significativas, são consideradas, respectivamente, muito fraca ( $<0,10$ ) e fraca ( $0,10 - 0,30$ ). Além disso, também foi observada uma correlação fraca entre a potência social negativa e a *trollagem* ( $r=0,258$ ;  $p < 0,001$ ). Já com relação ao fator Katageslaticismo, que se refere a gostar de ridicularizar outras pessoas, a correlação observada foi significativa e moderada ( $r = 0,337$ ;  $p < 0,001$ ).

### ***Prevalência da Trollagem Online, Diferenças e Semelhanças entre e Trolls e Outros usuários de Redes Sociais***

Com o intuito de compreender de forma mais aprofundada o comportamento de trollagem online e visando responder ao objetivo específico da presente dissertação, a saber: conhecer qual o nível de prevalência para o comportamento de *trollagem* na amostra pesquisada, decidiu-se realizar mais algumas análises estatísticas.

Inicialmente, foram analisados os resultados da escala GAIT-R, específica para triagem de comportamentos de *trollagem*. Para conhecer a prevalência desse comportamento na amostra pesquisada (n=958), considerou-se que todos aqueles que responderam 4 (concordo) ou 5 (concordo totalmente) em qualquer item desse instrumento, concordavam que já teriam emitido algum comportamento de *trollagem*; aqueles que respondiam 3 (Nem concordo, nem discordo) foram considerados como omissos (14,1%); e quem respondia 1 (Discordo Totalmente) ou 2 (Discordo) foram considerados como não tendo cometido *trollagens* (48%). Logo, ao realizar a análise de frequência, a prevalência de *trolls* na amostra foi de 37,9%.

Após o conhecimento da prevalência de *trolls* na amostra, optou-se por realizar um teste *t* para amostras independentes, para comparar em que medida as variáveis antecedentes se diferem entre (a) *trolls* e (b) outros usuários, os resultados dessa análise podem ser visualizados na tabela 9. Para estes resultados foram calculados os tamanhos de efeitos, através do indicador *d* de Cohen (Cohen, 1988).

Tabela 10

Resultados Diferença de Médias das Variáveis Antecedentes entre Trolls e Outros Usuários

Variáveis	Grupos				<i>t</i>	<i>gl</i>	<i>p</i>	<i>d</i>
	a		b					
	M	DP	M	DP				
<b><i>Intrínsecas</i></b>								
Amabilidade	4,034	0,648	4,174	0,635	-3,102	769,83	0,002**	0,218
Neuroticismo	3,453	0,921	3,166	0,933	4,410	781,728	0,000***	0,309
Abertura	3,961	0,807	3,746	0,825	3,759	784,653	0,000***	0,263
Extroversão	3,504	0,973	3,463	1,008	0,592	788,56	0,554	0,041
Conscienciosidade	4,154	0,666	4,201	0,643	-1,016	764,48	0,310	0,073
Psicopatia <sup>2</sup>	1,852	0,601	1,468	0,393	11,023	821	0,000***	0,774
Sadismo <sup>2</sup>	1,985	0,645	1,594	0,522	9,611	821	0,000***	0,674
<b><i>Extrínsecas</i></b>								
Suporte Emocional Cooperativo	2,943	0,707	3,064	0,691	-2,462	769,002	0,014*	0,173
Suporte Cognitivo Instrumental	2,666	0,636	2,754	0,656	-1,950	787,153	0,052	0,136
Frequência de Uso de Redes Sociais	324,163	523,132	242,671	306,065	2,790	821	0,005**	0,195
Exposição a Conteúdo Antissocial	2,797	1,027	2,476	1,136	4,186	821	0,000***	0,294
<b><i>Mistas</i></b>								
Dominância	2,594	1,610	2,502	1,461	0,844	739,013	0,399	0,060
Anti-igualitarismo	2,582	1,517	2,427	1,340	1,546	821	0,123	0,109
Katageslaticismo	1,428	0,434	1,258	0,315	6,514	821	0,000***	0,457
Potência Social Negativa	1,553	0,519	1,378	0,416	5,341	821	0,000***	0,377

Nota 1. (a) Trolls, (b) Outros usuários;

Nota 2. \* $p < 0,05$ , \*\* $p < 0,01$ , \*\*\* $p < 0,001$ .<sup>2</sup> Para algumas análises dos fatores psicopatia e o sadismo, foram utilizados os itens determinados pelo estudo original do instrumento para o teste das hipóteses.

Os resultados apresentados demonstram que pessoas que realizam *trollagens*, apresentaram escores estatisticamente maiores que outros usuários em quase todas as variáveis antecedentes avaliadas, excluindo-se apenas dois fatores de personalidade comuns (extroversão e conscienciosidade) e os dois fatores de Orientação a Dominância Social (Dominância e Anti-igualitarismo) que não obtiveram resultados significativos ( $p > 0,05$ ). Cabe ressaltar que as diferenças de média com maiores tamanhos de efeito foram, o sadismo ( $d$  de Cohen=0,635) e a psicopatia ( $d$  de Cohen=0,728), os dois considerados tamanhos de efeito médio.

### ***Hipóteses de Predição***

Além das análises de correlação entre a *trollagem* e as variáveis intrínsecas, extrínsecas e mistas e comparação de médias entre *trolls* e outros usuários de redes sociais, objetivando aprofundar a investigação acerca da associação entre as variáveis critério e antecedentes, foi realizada uma regressão logística binária. Através dessa análise é possível mensurar se as variáveis antecedentes podem prever o aumento da probabilidade de um usuário cometer comportamentos de *trollagens* (Field, 2009).

Para a realização dessa análise, foram utilizadas como antecedentes as variáveis que tiveram correlação com a escala de *Trollagem* e tamanho de efeito ( $d$  de Cohen) maior que 0,20 (Cohen, 1988), a saber: 1. Variáveis Intrínsecas - Amabilidade, Neuroticismo, Psicopatia, Sadismo; 2. Variáveis Extrínsecas - Exposição a Conteúdo Antissocial; 3. Variáveis Mistas – Katageslaticismo e Potência Social Negativa. As hipóteses consideradas foram: Psicopatia, sadismo (H2), exposição a conteúdo antissocial, katageslaticismo (H11) e potência social negativa, atuam como preditores do comportamento de *trollagem online*.

Além dessas variáveis, também se utilizou a variável extrínseca ter perfil anônimo nas redes sociais (sim ou não) e a variável intrínseca gênero (masculino ou feminino). Para essas duas variáveis dicotômica, esperava-se que ter perfil anônimo nas redes sociais (H6) e ser do gênero masculino (H8) também seriam preditores do comportamento de *trollagem online*. Para

a realização dessa análise foram retirados da amostra pessoas que declararam gênero não binário (n=7; <1%).

Nesse sentido, foram testados três modelos: o primeiro incluía as variáveis intrínsecas, a saber: fatores de personalidade comuns (neuroticismo, amabilidade), dois fatores de personalidade sombrios (psicopatia e sadismo)<sup>1</sup> e gênero (masculino ou feminino); o segundo, as variáveis extrínsecas, a saber: envolvimento com as redes sociais (anonimato e exposição a conteúdo antissocial); e o terceiro com as variáveis mistas, especificamente: potência social negativa e katageslaticismo.

É importante ressaltar que antes de realizar a regressão logística binária para o teste das hipóteses, realizou-se o teste de colinearidade das variáveis, com o intuito de identificar se havia algum problema de multicolinearidade para a condução da regressão. Neste teste foram observados os valores do Fator de Inflação de Variância (FIV), este indicador informa se uma variável preditora tem relacionamento linear com outra, seu ponto de corte é a partir de 10. Além desse, também foi observado o valor de Tolerância, neste segundo indicador, valores abaixo de 0,20 apontam problemas sérios (Field, 2009). Conforme pode ser observado de modo específico na tabela 11, os resultados não apresentaram problemas de multicolinearidade.

**Tabela 11**

*Estatísticas de Multicolinearidade*

<b>Variáveis</b>	<b>FIV</b>	<b>Tolerância</b>
Amabilidade	1,190	0,840
Neuroticismo	1,132	0,883
Sadismo <sup>2</sup>	1,694	0,590
Psicopatia <sup>2</sup>	1,500	0,667
Gênero	1,113	0,899
Exposição a Conteúdo Antissocial	1,067	0,938
Perfil Anônimo	1,058	0,945
Katageslaticismo	1,408	0,710
Potência Social Negativa	1,336	0,749

<sup>2</sup> Para algumas análises dos fatores psicopatia e o sadismo, foram utilizados os itens determinados pelo estudo original do instrumento para o teste das hipóteses.

Dessa forma, em seguida, foi realizada a análise de regressão logística binária, utilizando-se o método *enter*. Todos os modelos testados foram estatisticamente significativos. Os resultados são apresentados na tabela 12.

**Tabela 12**

*Estatísticas dos Três Modelos Preditivos Testados*

<b>Modelos</b>	$\chi^2$	<b>GI</b>	<i>p</i>	<b>Nagelkerke <math>R^2</math></b>
<b>Modelo 1</b>	135,508	5	<0,0001	0,205
<b>Modelo 2</b>	142,524	7	<0,0001	0,214
<b>Modelo 3</b>	144,688	9	<0,0001	0,217

*Nota.* Modelo 1 – Variáveis Intrínsecas: Amabilidade, Neuroticismo, Sadismo, Psicopatia e gênero;

Modelo 2 – Todas as variáveis do modelo 1 + Exposição à conteúdo antissocial e perfil anônimo;

Modelo 3 – Todas as variáveis dos modelos 1 e 2 + Potência Social Negativa e Katageslaticismo.

Conforme pode ser observado, se comparado ao modelo 1, à medida que as variáveis extrínsecas e mistas foram acrescentadas, nos modelos 2 e 3, os aumentos foram irrisórios no poder de preditivo dos modelos testados, apesar de serem estatisticamente significativos. Especificamente, como pode ser observado na tabela 12, o modelo 1 demonstrou ser capaz de prever 67% dos casos (sendo 79% dos casos classificados de modo correto para quem não teve comportamentos de *trollagem* e 51,5% para quem apresentava comportamentos de *trollagem*). Já o modelo 2, foi capaz de prever 68,3% dos comportamentos de *trollagem* (sendo 80,1% dos casos classificados de modo correto para quem não teve comportamentos de *trollagem* e 53,2% para quem apresentava comportamentos de *trollagem*). Enquanto o modelo 3, que englobou as variáveis intrínsecas, extrínsecas e mistas, foi capaz de prever 68,4% dos casos (sendo 79,9% dos casos classificados de modo correto para quem não teve comportamentos de *trollagem* e 53,8% para quem apresentava comportamentos de *trollagem*).



**Tabela 13**

*Tabela de Classificações prevista pelos modelos de Regressão Logística Binária*

		Valores Preditos			
		Troll		Classificações corretas (%)	
Modelo 1	Valores Observados		Não	Sim	
	Troll	Não	362	96	79,0
		Sim	174	185	51,5
	Classificação correta (total)				67,0
		Valores Preditos			
		Troll		Classificações corretas (%)	
Modelo 2	Valores Observados		Não	Sim	
	Troll	Não	367	91	80,1
		Sim	168	191	53,2
	Classificação correta (total)				68,3
		Valores Preditos			
		Troll		Classificações corretas (%)	
Modelo 3	Valores Observados		Não	Sim	
	Troll	Não	366	92	79,9
		Sim	166	193	53,8
	Classificação correta (total)				68,4

*Nota.* Modelo 1 – Variáveis Intrínsecas: Amabilidade, Neuroticismo, Sadismo, Psicopatia e gênero; Modelo 2 – Todas as variáveis do modelo 1 + Exposição à conteúdo antissocial e perfil anônimo; Modelo 3 – Todas as variáveis dos modelos 1 e 2 + Potência Social Negativa e Katageslaticismo.

De todos os preditores, apenas Psicopatia ( $\exp(b) = 3.086$  [95% IC: 2.128 – 4.474]) e Sadismo ( $\exp(b) = 1.707$  [95% IC: 1.229 – 2.370]) tiveram impacto estatisticamente significativos ( $p < 0,05$ ; 95% IC acima de 1,2) no comportamento de *trollagem*. Demonstrando que um ponto no escore de Psicopatia aumenta em 3.08 vezes as chances de o sujeito apresentar comportamentos de *trollagem*, assim como, um ponto no escore de Sadismo aumenta em 1.70 essa chance. Apesar da variável exposição a conteúdo antissocial ( $\exp(b) = 1.154$  [95% IC: 1.002 – 21.329]), ter apresentado resultado significativo ( $p < 0,05$ ) como preditora, quando observado o intervalo de confiança de 95%, seu impacto pode ser nulo (Ver Tabela 14). Considerando esse aspecto, optou-se por não a considerar como uma variável preditora da *trollagem*.

**Tabela 14***Variáveis Predictoras de Trollagem Online*

Predictores	Wald	Gl.	Sig.	Exp(B)	95% IC para EXP(B)	
					Limite Inferior	Limite Superior
<b>Amabilidade</b>	0,246	1	0,620	0,936	0,720	1,216
<b>Neuroticismo</b>	0,639	1	0,424	1,073	0,903	1,275
<b>Psicopatia<sup>2</sup></b>	35,337	1	0,000*	3,086	2,128	4,474
<b>Sadismo<sup>2</sup></b>	10,176	1	0,001*	1,707	1,229	2,370
<b>Gênero</b>	1,355	1	0,244	0,810	0,567	1,155
<b>Perfil Anônimo</b>	3,052	1	0,081	1,456	0,955	2,219
<b>Exposição a Conteúdo Antissocial</b>	3,957	1	0,047*	1,154	1,002	1,329
<b>Katageslaticismo</b>	1,203	1	0,273	1,313	0,807	2,134
<b>Potência Social Negativa</b>	0,522	1	0,470	1,149	0,778	1,677
<b>Constante</b>	24,073	1	0,000*	0,020	-	-

*Nota.* Sig. =Significância; IC: Intervalo de Confiança.; \*p<0,05.

Desse modo, foi possível confirmar apenas a hipótese que dizia que o sadismo e a psicopatia iriam prever o comportamento de *trollagem online*, as demais hipóteses que se referiam a variáveis extrínsecas e mistas como predictoras foram refutadas. Esses resultados serão mais bem discutidos no tópico a seguir.

<sup>2</sup> Para algumas análises dos fatores psicopatia e o sadismo, foram utilizados os itens determinados pelo estudo original do instrumento para o teste das hipóteses.

## Discussões

Esta dissertação teve como principal objetivo analisar a influência de variáveis psicossociais, especificamente traços de personalidade comuns, sadismo, psicopatia, suporte social, envolvimento com as redes sociais, potência social negativa, orientação para dominância social e a disposição para ridicularizar os outros (katageslaticismo), no comportamento de trollagem em redes sociais. Após a apresentação dos resultados, fundamentados por meio das análises de correlações, de comparações de médias e de regressões, é possível afirmar que os objetivos foram atingidos e os dados encontrados permitem debates minuciosos acerca desse comportamento em contexto nacional.

Antes de discutir acerca das hipóteses estabelecidas, é preciso destacar que para a realização desse estudo foi necessário, inicialmente, desenvolver um processo de adaptação e validação de três instrumentos para o contexto nacional, assim como, avaliar suas propriedades psicométricas. Nessa direção, é fulcral discutir, ainda que brevemente, acerca dos achados desse processo.

No Questionário de Recompensas Sociais (SRQ), os resultados apresentaram estrutura fatorial diferente da original, composta por 6 fatores: Admiração, Sociabilidade, Relações Sexuais, Interações Pró-Sociais, Passividade e Potência Social Negativa (Foulkes et al., 2014). No presente estudo, a melhor estrutura encontrada, foi com cinco fatores. Nesta, a maioria dos itens de Interações Pró-Sociais obtiveram cargas fatoriais negativas na dimensão Potência Social Negativa.

É importante destacar que identificar e avaliar de modo empírico as recompensas sociais são um desafio para os estudiosos da área, pois, geralmente, este conceito é utilizado de modo impreciso, fato este que dificulta uma compreensão abrangente acerca desse construto e de seus fatores (Foulkes et al., 2014). Considerando esse desafio, na pesquisa de construção e validação da SRQ, os autores encontraram bons índices de ajuste, de confiabilidade e de validade do

construto com os 6 fatores. Além disso, indicaram que as correlações médias entre os itens foram aceitáveis ( $M = 0,56$ ,  $DP = 0,05$ ;  $IC = 0,51 - 0,65$ ), considerando que os fatores eram próximos entre si.

Embora os autores tenham encontrado indicadores positivos para validação e confiabilidade da escala com 6 fatores, um ponto de discussão no estudo original foi a oposição entre os fatores Potência Social Negativa e as Interações Pró-Sociais ( $r = -0,56$ ,  $p < 0,001$ ). Observando a definição de cada um deles, onde o primeiro é descrito como ser cruel, insensível e utilizar dos outros para obter ganhos individuais, já o segundo refere-se a ter relacionamentos recíprocos e gentis (Foulkes et al, 2014), não é estranha a compreensão destes como polos opostos. Mesmo que no estudo de Foulkes et al., (2014), os autores tenham defendido que estes fatores não são extremos de um mesmo conceito, em contexto brasileiro, empiricamente, os itens originalmente pertencentes ao fator Interação Pró-Social ficaram mais bem organizados quando considerados como invertidos no fator Potência Social Negativa (cargas fatoriais  $> -0,48$ ), melhorando, inclusive, seu indicador de confiabilidade.

O único item de exceção foi o 6 (“Eu gosto de me sentir conectado emocionalmente com outras pessoas”), que obteve carga fatorial positiva (0,392) no fator admiração. O fator admiração, refere-se a ser lisonjeado, apreciado e receber atenção positiva (Foulkes et al., 2014), de modo que, em contexto nacional, “sentir-se conectado emocionalmente”, pode indicar atenção positiva e apreciação por outra pessoa, optou-se, teoricamente, por deixar esse item no fator admiração.

Com relação a Tétrade Curta de Personalidade (SD4), o resultado da AFE também se apresentou divergente da estrutura fatorial original, que determinava 4 fatores: Psicopatia, Sadismo, Narcisismo e Maquiavelismo. Nessa dissertação, confirmou-se apenas três fatores, a

saber: Psicopatia, Narcisismo e Maquiavelismo. Todos os itens referentes ao fator sadismo, do instrumento original, obtiveram carga fatorial no fator Psicopatia.

Estes achados, principalmente no que se refere à separação dos itens de Sadismo e de Psicopatia, também foi destacado como um desafio da construção da escala original pelos autores Paulhus et al. (2020). Na pesquisa de construção do instrumento, para conseguir separar esses dois fatores, os autores precisaram reduzir consideravelmente os itens de sadismo físico (retratavam prazer em realizar violência física), pois, estes obtinham cargas fatoriais cruzadas com a psicopatia. Apenas assim, mantendo itens de sadismo vicário (prazer em assistir conteúdos violentos), conseguiram obter a separação entre os fatores (Paulhus et al., 2020). De modo contrário, na presente dissertação, esses resultados não se repetiram, por exemplo, o item 21 (“Eu gosto de assistir esportes violentos”) e o item 23 (“Eu gosto muito de filmes e vídeo fames violentos”), referentes a sadismo vicário na escala original, obtiveram carga fatorial de 0,643 e 0,645 no fator psicopatia.

Além disso, alguns itens de narcisismo (item 26) e de maquiavelismo (itens 8 e 16) dos instrumentos originais, também pontuaram no fator Psicopatia. Isto pode ser explicado, pois, apesar dessas três características de personalidade se diferirem entre si conceitualmente, elas apresentam correlações positivas entre si, sendo estas, por vezes, substanciais (Paulhus et al., 2020), de forma que, como os conceitos possuem altas correlações, pode haver confusões em alguns itens dos fatores. Corroborando com essa afirmação, no processo de validação e adaptação dessa escala para Portugal, a autora Rodrigues (2020), encontrou pontos de fragilidade para essa escala, sugerindo que a excessiva correlação entre os fatores, faz com que haja uma dificuldade em distinguir as dimensões em termos métricos. A autora encontrou ajustamento mais satisfatório considerando um modelo *bi-factor* (Rodrigues, 2020).

Outro ponto de discussão no processo de adaptação e validação desta escala foi o indicador de confiabilidade do fator maquiavelismo ( $\omega^2 = 0,568$ ), resultado este abaixo de 0,60. Esse resultado é semelhante ao encontrado em outros estudos que utilizam a SD4, como, por exemplo, no estudo de Rassin et al. (2024) e de Rodrigues (2020), que encontraram, respectivamente,  $\alpha^3 = 0,55$ ,  $\alpha^2 = 0,58$ , para esse fator. Mesmo diante desses indicadores, Rodrigues (2020) destaca que, ainda que apresente dificuldades em distinguir os quatro construtos de personalidade sombria, essa escala demonstra índices de ajuste adequados e pode ser útil para investigar traços de personalidade em indivíduos sem diagnósticos de transtornos de personalidade.

Por fim, a terceira escala submetida a adaptação e validação, denominada de Phophikat-30, apresentou resultados coerentes a estrutura original de três fatores (Ruch & Proyer, 2009), a saber: Katageslaticismo (disposição para ridicularizar), Gelotofobia (medo de ser ridicularizado) e Gelotofilia (gostar de ser ridicularizado). Estes apresentaram também bons índices de consistência interna ( $>0,70$ ). Assim como nesse estudo, os processos de adaptação e validação deste instrumento para a Itália (Lau et al., 2023) e para a Rússia (Stefanenko et al., 2016) também encontraram os três fatores e bons índices de confiabilidade para o instrumento. Em sua versão mais longa (45 itens), de onde a versão de 30 itens é derivada, a Phophikat já foi adaptada e validada para países como Espanha (Torre-Marín et al., 2019), China (Chen et al., 2011) e Turquia (Dursun et al., 2020). Nestes estudos foram, de modo semelhante a presente pesquisa, foram encontradas boas propriedades psicométricas e validade de construto para o instrumento.

---

<sup>3</sup> O ômega de McDonald ( $\omega$ ) e o Alpha de Chronbach ( $\alpha$ ) são utilizados como indicadores de confiabilidade. Seus parâmetros de interpretação são os mesmos, ou seja, fatores acima de 0,60 são considerados fatores confiáveis. Sendo resultados abaixo de 0,60 indicados para serem utilizados apenas em pesquisas.

No que se refere ao teste de hipóteses, a primeira, que considerava uma correlação negativa entre amabilidade, conscienciosidade e a *trollagem* e uma correlação positiva entre esse comportamento e o neuroticismo, foi parcialmente confirmada. Os resultados dessa dissertação, indicaram correlação negativa significativa com a amabilidade e correlação positiva significativa com o neuroticismo. Esses achados são semelhantes aos encontrados no estudo realizado por Gylfason et al. (2021).

Entretanto, diferindo-se de Gylfason et al. (2021), Howard et al., (2019) e de Buckels (2014) a correlação entre *trollagem* e conscienciosidade, apesar de negativa, não foi significativa, nem quando comparadas as médias entre *trolls* e outros usuários. Uma explicação para essa divergência é que considerando que a *trollagem* é, algumas vezes, um comportamento intencional que requer estratégia, sendo diferente de comportamentos reacionários e impulsivos, e que a conscienciosidade refere-se a essa característica de ser organizado e focado em suas metas, é compreensível que a baixa conscienciosidade possa não se relacionar com esse comportamento (March et al., 2023).

Ainda com relação às variáveis intrínsecas investigadas, foram confirmadas as hipóteses relacionadas aos traços de personalidade sombrios, estas referiam-se acerca de uma correlação direta entre o sadismo, a psicopatia e a *trollagem* (H2) e estabelecia essas duas variáveis de personalidade sombrias como preditoras desse comportamento (H3). Foi possível observar também que houve diferenças de médias significativas, com tamanhos de efeito médio, entre *trolls* e outros usuários quando avaliados quanto aos indicadores de sadismo e psicopatia.

Estes resultados corroboram outros estudos, correlacionais e preditivos, que relacionavam os traços sombrios de personalidade e o comportamento de *trollagem*. Nesses se destacam que a insensibilidade, o estilo manipulador, enganoso (psicopatia) e o prazer em ver os outros sofrer (sadismo), mostraram-se com correlações (médias e fortes) e como preditores

desse comportamento (March et al., 2023; Cracker & March, 2016; March et al., 2017; Gylfason et al., 2021).

Os altos indicadores de sadismo e psicopatia, somam-se a outras características apontadas por Sest e March (2017) acerca do perfil padrão desses usuários, como: o gênero masculino e baixos indicadores de empatia afetiva. Considerando essa descrição do *troll*, esse estudo hipotetizou que o gênero masculino seria um preditor desse comportamento.

Em um dos poucos estudos nacionais sobre o tema (Santos et al., 2022), os resultados corroboraram ao que já vinha sendo encontrado em algumas pesquisas internacionais: o gênero masculino predizia a *trollagem*. Este resultado, entretanto, não foi confirmado no presente estudo, sendo refutada a hipótese 6. Embora o gênero masculino já tivesse sido encontrado como preditor da *trollagem* em outros estudos (Sest & March, 2017; Lee & Soonah, 2023), este fator não era consensual entre as pesquisas da área. Um resultado semelhante ao dessa dissertação também já havia sido encontrado em outros estudos internacionais (March et al., 2017; March, 2019). De forma que a insignificância ( $p > 0,05$ ) do gênero masculino como preditor pode ter sido encontrada devido a possível influência da composição da amostra nos resultados e/ou a provável dependência do contexto em que o comportamento ocorre para a diferença de gênero (March et al., 2017; March, 2019).

Além das hipóteses acerca das variáveis intrínsecas que estariam relacionadas às *trollagens*, estabeleceu-se também suposições acerca da relação entre algumas variáveis extrínsecas e esse comportamento. Nesse sentido, as variáveis exposição a conteúdo antissocial e frequência de uso de redes sociais, se correlacionaram positivamente com o comportamento de *trollagem*, confirmando-se assim a hipótese 7. Além disso, essas duas variáveis obtiveram diferenças de médias significativas entre *trolls* e outros usuários.



Esse resultado corrobora alguns achados de um estudo nacional (Santos et al., 2022), que confirmou a correlação de variáveis situacionais com o comportamento de *trollagem*. De modo similar a essa dissertação, nesse estudo os autores também encontraram correlação entre a exposição a conteúdo antissocial, a frequência do uso das redes e a *trollagem* (Santos et al., 2022).

O conteúdo antissocial online, é definido como um formato de conteúdo ou de comunicação, realizado através de vídeos, imagens ou mensagens, que é disponibilizado *online* e objetiva causar danos, humilhações ou ataques para o usuário a quem se destina a publicação ou para demais usuários que a consomem (Santos et al., 2022). Em um estudo realizado por Anderson e Bushman (2018), os autores encontraram que a exposição recente ou repetida à conteúdos violentos online, pode causar um aumento de agressividade. No estudo realizado por Santos et al. (2022) em contexto nacional, os resultados apresentaram esta variável como preditora da *trollagem*. No presente estudo, entretanto, esse resultado não se confirmou, pois, apesar de ter encontrado resultado significativo ( $p < 0,05$ ) para a exposição a conteúdo antissocial como preditora do comportamento de *trollagem*, quando observado o intervalo de confiança de 95%, esta predição é praticamente nula. Mas, a correlação e a diferença de médias encontradas no presente estudo com relação a essa variável e a *trollagem*, destacam-na como uma variável extrínseca importante de ser estudada para a compreensão de sua influência no comportamento de *trollagem*. De forma que, como a *trollagem* pode envolver o envio de material polêmico, agressivo, preconceituoso ou violento para a vítima, objetivando incomodá-la, os *trolls* podem estar mais suscetíveis ao consumo desses conteúdos online (Sest & March, 2017; Santos et al., 2022).

Além da exposição a conteúdo antissocial e da frequência de uso, o anonimato também foi uma variável que compunha o envolvimento com as redes sociais. Nessa direção, foi formulada a hipótese que ter perfil anônimo iria predizer o comportamento alvo desse estudo

(H 8). No entanto, o resultado encontrado foi limítrofe ( $p = 0,081$ ), rejeitando essa hipótese. Este, vai na contramão da maioria das pesquisas (Griffiths, 2014; Nitschinsk et al., 2022; Santos et al., 2022). Realizando algumas análises adicionais, apesar do anonimato não ter sido considerado um preditor, pessoas com perfil anônimo ( $M=1,68$ ;  $DP = 0,74$ ) apresentaram escores estatisticamente maiores na GAIT-R do que pessoas sem perfil anônimo ( $M= 1,47$ ;  $DP =0,57$ ) ( $t(956) = 4,040$ ,  $p = 0,003$ ;  $d$  de Cohen=  $0,347$ ).

Alguns estudiosos defendem que o anonimato está relacionado a desinibição *online*, de forma que, pode levar a um aumento de emissão de comportamentos antissociais *online* (Nitschinsk et al., 2022; Santana, 2014). Entretanto, semelhante aos achados dessa dissertação, na pesquisa realizada por Lee e Soonah (2023), o anonimato não foi significativo como preditor do comportamento de *trollagem*. Dessa forma, considerando a amostra do presente estudo, parece que variáveis como a psicopatia e o sadismo parecem ser mais significativas na predição do comportamento de *trollagem*.

Um outro fator extrínseco investigado foi o suporte social. Essa variável investiga o quanto, a partir da história de vida da pessoa, o indivíduo acredita que receberia suporte social se necessário (Kim et al., 2010). O construto foi investigado através de um instrumento composto por dois fatores: Emocional Cooperativo e Cognitivo Instrumental. O primeiro, como esperado, se correlacionou negativamente com a *trollagem*, no entanto, o fator cognitivo instrumental, não se correlacionou de forma significativa com o comportamento estudado. Com isso, a hipótese 9 foi parcialmente corroborada. É importante destacar ainda que, com relação aos resultados de diferenças de médias entre *trolls* e outros usuários, os dois fatores de suporte social também obtiveram diferenças de médias significativas. O fator cognitivo instrumental, apresentou um indicador limítrofe ( $p=0,052$ ), com tamanho de efeito muito pequeno ( $d=0,136$ ).

A baixa percepção de apoio social é encontrada na literatura como preditiva de comportamentos agressivos como o *cyberbullying* e correlacionada negativamente com o comportamento de *trollagem* (Arató et al., 2021; Baldry et al., 2015; Howard et al., 2019). Os resultados encontrados nesse estudo corroboram a correlação negativa entre *trollagem* e suporte emocional cooperativo (Howard et al., 2019). Esse suporte se refere a percepção de suporte com relação aos aspectos afetivos e na necessidade do apoio emocional de outro alguém se necessário. Enquanto, o Suporte Cognitivo-Instrumental, está mais relacionado à reforço positivo, incentivo e escuta e, assim como apoio em questões financeiras (Ximenes et al., 2020). Uma explicação para o resultado encontrado, talvez seja que o apoio com relação aos aspectos emocionais seja mais significativo ao comportamento de *trollagem*, que o suporte relacionado a questões monetárias.

Por fim, os resultados se referem às variáveis classificadas no nível misto. Uma das hipóteses formuladas acerca dessas variáveis versavam sobre a correlação positiva do anti-igualitarismo e da dominância (orientação a dominância social) com a *trollagem online* (H4). A hipótese de correlação foi corroborada. Este resultado corrobora os achados de alguns estudos internacionais (Bentley & Cowan, 2021; Paananen & Reichl, 2019). No estudo realizado por Paananen e Reichl (2019), os autores encontraram que a orientação para dominância social estava correlacionada positivamente com atitudes de aceitação da *trollagem*. Esses autores ainda realizaram uma análise de regressão para avaliar o poder preditivo da SDO em *trollagens* de gênero. Os resultados encontrados, no entanto, não foram significativos (Paananen & Reichl, 2019).

Também foram realizadas comparações de média entre *trolls* e outros usuários, entretanto, os resultados encontrados para o anti-igualitarismo e para a dominância não foram significativos ( $p > 0,05$ ) e tiveram tamanho de efeito irrisório ( $d$  de Cohen  $< 0,02$ ). Diferente desses achados, Bentley e Cowan (2021), encontraram diferenças de médias significativas entre

*trolls* e outros usuários e, na contramão desse estudo e do realizado por Paananen e Reichl (2019), seus resultados demonstraram que indivíduos com indicadores mais altos de orientação para dominância social, possuem maior probabilidade de emitirem *trollagens online*.

Essa divergência encontrada demonstra que os resultados com relação a orientação a dominância social, apesar de apresentarem correlações significativas, são mistos com relação a diferenças de média e predição. É imprescindível destacar que fatores situacionais ou circunstanciais, tais como tédio, desejo de chamar atenção, vingança, entre outros podem ser fatores motivadores do comportamento de *trollagem* (Coles & West, 2016). De forma que é necessária uma investigação mais aprofundada acerca dos fatores situacionais da emissão de comportamento de *trollagem* e da motivação da escolha do alvo para ser *trollado* para entender melhor a associação desse comportamento, com a orientação a dominância social. Por exemplo, em Paananen e Reichl (2019) os autores discutem que o *trolling* de gênero estaria sobreposto com o *trolling* global, portanto, parecia que os *trolls* não discriminavam a escolha de suas vítimas a partir de uma perspectiva hierárquica ou de preconceito. De maneira que, escolhiam aqueles alvos que pareciam mais fáceis para provocar uma discussão e uma reação emocional e utilizavam-se de discursos agressivos e oportunistas para tal.

Nesse sentido, dado que a investigação acerca da motivação para o envolvimento em *trollagens* é essencial na busca pela compreensão aprofundada desse fenômeno (March, 2016). Outra hipótese confirmada foi que a potência social negativa, ou seja, sentir-se motivado a partir da irritação e prejuízo de outrem, se correlacionaria positivamente com a *trollagem* (H5). Somando-se a esse resultado, essa variável também apresentou diferenças de médias significativas entre *trolls* e outros usuários, com o 4º maior tamanho de efeito ( $d$  de Cohen = 0,377) entre as variáveis investigadas. Esse resultado é similar ao de outros estudos existentes acerca da associação entre essas variáveis (Carrillo et al., 2021; Torres-Marín et al., 2019). Desse modo, confirma-se que essa motivação atípica é uma variável de correlação importante

para a compreensão da *trollagem*, tendo em vista que esse comportamento é um comportamento antissocial cujo objetivo é realizar provocações intencionais, de modo agressivo, para a diversão do *troll* (Carrillo et al., 2021).

Como a *trollagem* também é descrita como uma forma de entretenimento para o *troll* (Torres-Marín et al., 2019), esse comportamento também tem sido associado em outras pesquisas com uma variável de humor sombrio, referente a disposição para ridicularizar, denominada de katageslaticismo (Carrillo et al., 2021). No presente estudo, essa correlação positiva entre a disposição para ridicularizar (katageslaticismo) e a *trollagem* (H10) foi confirmada. No entanto, esta variável não obteve resultados estatísticos significativos para ser considerada um preditor desse comportamento, rejeitando, dessa forma, a hipótese 11. Cabe ressaltar, que apesar de não ter sido significativo como preditor, o katageslaticismo obteve diferenças de média significativas entre *trolls* e outros usuários, com tamanho de efeito ( $d$  de Cohen = 0,457) menor apenas que a Psicopatia e o Sadismo.

Uma das poucas iniciativas existentes na investigação da associação entre o humor sombrio e a *trollagem* é a pesquisa desenvolvida por Carrillo et al. (2021). Nesta, os autores encontraram resultados semelhantes aos encontrados nessa dissertação com relação a correlação existente entre o katageslaticismo e a *trollagem*. Entretanto, no que se refere ao katageslaticismo como um preditor do comportamento de *trollagem*, em seu estudo, os autores encontraram essa variável como um preditor significativo (Carrillo et al., 2021). É importante notar que diferente da análise realizada no presente estudo, estes autores realizaram uma regressão hierárquica, objetivando excluir a possível sobreposição entre os fatores de humor e de personalidade sombrios. Com isso, descobriram como preditor apenas o katageslaticismo, o gênero e a psicopatia (Carrillo et al., 2021). Essa diferença entre as análises realizadas nesses dois estudos, é uma possível explicação para a divergência com relação a significância do

katageslaticismo como preditor do comportamento de *trollagem*. Pois, no presente estudo, o sadismo e a psicopatia apareceram como preditores mais relevantes.

Estes autores ainda foram além e realizaram análises de moderação, onde encontraram o katageslaticismo como um moderador da psicopatia nos comportamentos de *trollagem online* (Carrilo et al., 2021). Com isso, como pode ser visto nesse estudo, confirma-se que a disposição para ridicularizar os outros pode ser considerada como uma característica relevante para aqueles indivíduos propensos a se envolverem em *trollagens* (Carrilo et al., 2021).

Em resumo, considerando os três níveis de variáveis antecedentes investigados aquelas que apresentaram maior poder preditivo para o comportamento de *trollagem* foram a psicopatia, o sadismo, pertencentes às variáveis intrínsecas e a exposição à conteúdos antissociais, pertencente ao nível extrínseco. As demais variáveis investigadas apresentaram importantes correlações e diferenças de médias substanciais entre *trolls* e outros usuários. Com exceção de três fatores de personalidade comuns (extroversão, conscienciosidade e abertura) e do suporte cognitivo instrumental, nas análises de correlação; assim como, com relação as diferenças de médias entre *trolls* e outros usuários, em que a extroversão, a conscienciosidade, e a orientação a dominância social (anti-igualitarismo e dominância) não se mostraram significativas e o suporte cognitivo-instrumental mostrou-se limítrofe.

### **Considerações Finais**

Nesta dissertação foi realizada uma complexa análise acerca da associação de diferentes variáveis antecedentes e o comportamento de *trollagem online* no Brasil. Embora os objetivos tenham sido alcançados, essa pesquisa apresentou limitações. Cabe ressaltar os mais relevantes: a amostra alcançada foi por conveniência, ainda que tenha respondentes de 23 estados e do Distrito Federal, suas estatísticas descritivas demonstram que ela não é representativa da composição da maioria da população brasileira. A maior parte da amostra é formada por pessoas

pós-graduadas, que tem renda familiar entre 3 e 6 salários-mínimos (28%). Este fator, limita a generalização dos resultados. Outro fator limitante refere-se a escala utilizada para mensurar o comportamento de *trollagem online*, em que, a escala de resposta variava entre discordo totalmente e concordo totalmente, quando, talvez, a forma mais fidedigna de avaliar esse comportamento através do autorrelato seja por meio de uma escala de frequência em que a pessoa o realiza.

Outra limitação refere-se à escala utilizada para avaliação dos traços sombrios de personalidade. Como nesse mesmo estudo foram realizados os processos de tradução, adaptação e validação das escalas e o estudo correlacional, ainda que na AFE a escala Short Dark tenha encontrado apenas três fatores para a realidade brasileira, sendo o sadismo excluído, foi necessário utilizar os itens do instrumento original para testar as hipóteses estabelecidas com os fatores sadismo e psicopatia. Apesar dessas limitações, é importante ressaltar que os resultados aqui encontrados são válidos. Para futuras pesquisas, entretanto, sugere-se o controle desses apontamentos.

Como perspectiva de estudos futuros, sugere-se também que sejam investigadas evidências de validade convergente e realizadas análises de invariâncias das escalas validadas e adaptadas para o Brasil, além de realizar análises *bi-factor* para o instrumento SD. A avaliação das propriedades psicométricas descrita aqui foi necessária para evidenciar a adequabilidade dos instrumentos para utilização em contexto nacional. Logo, os procedimentos sugeridos não foram realizados no presente estudo, por não ser o objetivo principal dessa pesquisa.

Além disso, sugere-se a utilização de outras análises, tal como a análise de caminhos, para investigação dos modelos explicativos do comportamento de *trollagem*, considerando os diferentes níveis das variáveis investigadas no modelo. Embora os dados desse estudo permitam

a realização dessa análise, a investigação de todas as possibilidades ultrapassaria o escopo de uma dissertação.

Para além de contribuições teóricas acerca da temática, acredita-se que os resultados encontrados, também podem auxiliar a prática de psicólogos em intervenções com comportamentos *online*. Por exemplo, considerando os dados encontrados, a baixa percepção de suporte social, principalmente no que se refere a questões relacionadas aos aspectos afetivos e ao apoio emocional de outro alguém, é prejudicial ao indivíduo e está correlacionada ao comportamento de *trollagem*, assim como a outros comportamentos agressivos *online*, a exemplo do *cyberbullying*. Dessa forma, considerando que esses comportamentos causam sérios impactos às suas vítimas, o psicólogo pode intervir atuando tanto como fonte de suporte social, como buscando auxiliar a pessoa no desenvolvimento e no fortalecimento de outras possíveis fontes. Outro fator passível de intervenção do psicólogo refere-se à correlação existente entre a exposição a conteúdo antissocial e o comportamento de *trollagem*. De posse desses resultados, pais e educadores podem ser alertados para os riscos do consumo deste tipo de conteúdo pelos filhos, aprimorando o controle parental.

Em conclusão, nacionalmente estudos acerca da *trollagem online* são poucos, especificamente na Psicologia, esses ainda são mais escassos, portanto, acredita-se que este estudo contribui significativamente para uma melhor compreensão acerca desse comportamento antissocial *online*, assim como, pode extrapolar o ambiente acadêmico, e contribuir para o desenvolvimento de intervenções relacionadas à *trollagem online*.



## Referências

- Allport, G. W., Clark, K., & Pettigrew, T. (1954). *The nature of prejudice*. Longman Higher Education.
- Anderson, C. A., & Bushman, B. J. (2018). Media Violence and the General Aggression Model. *Journal of Social Issues*, 74(2), 386—413. <https://doi.org/10.1111/josi.12275>.
- Andrade, Josemberg Moura de (2008). *Evidências de validade do inventário dos cinco grandes fatores de personalidade para o Brasil*. [Tese de Doutorado em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações] - Universidade de Brasília. <http://repositorio.unb.br/handle/10482/1751>.
- Antunes, B. C. D. (2019). *A Polarização Política Nas Mídias Sociais: o Filtro Bolha e a Disseminação da Cultura Troll*. [Tese de Doutorado em Comunicação Social] - Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo. <http://tede.metodista.br/jspui/handle/tede/1983>.
- Arató, N., Zsidó, A.N., Rivnyák, A., Péley, B. & Lábadi, B. (2022). Risk and Protective Factors in Cyberbullying: the Role of Family, Social Support and Emotion Regulation. *Int Journal of Bullying Prevention* 4, 160–173. <https://doi.org/10.1007/s42380-021-00097-4>.
- Asparouhov, T., & Muthen, B. (2010). Simple second order chi-square correction. Unpublished manuscript. [https://www.statmodel.com/download/WLSMV\\_new\\_chi21.pdf](https://www.statmodel.com/download/WLSMV_new_chi21.pdf).
- Baldry, A. C., Farrington, D. P., & Sorrentino, A. (2015). “Am I at risk of cyberbullying”? A narrative review and conceptual framework for research on risk of cyberbullying and cybervictimization: The risk and needs assessment approach. *Aggression and Violent Behavior*, 23, 36–51. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2015.05.014>.

- Bentley, L. A., & Cowan, D. G. (2021). The socially dominant troll: Acceptance attitudes towards trolling. *Personality and Individual Differences*, 173, 110628.  
<https://doi.org/10.1016/j.paid.2021.110628>.
- Borsa, J. C., Damásio, B. F., & Bandeira, D. R. (2012). Adaptação e validação de instrumentos psicológicos entre culturas: algumas considerações. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 22, 423-432. <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2012000300014>.
- Branson, M., March, E., Marrington, J.Z. (2022). *Talkin' Bout My Generation: The Utility of Different Age Cohorts to Predict Antisocial Behaviour on Social Media*. In: Machin, T., Brownlow, C., Abel, S., Gilmour, J. (eds). *Social Media and Technology Across the Lifespan*. Palgrave Studies in Cyberpsychology. Palgrave Macmillan, Cham.  
[https://doi.org/10.1007/978-3-030-99049-7\\_3](https://doi.org/10.1007/978-3-030-99049-7_3).
- Brasil (2012). Conselho Nacional de Saúde. *Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012*.  
<https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>.
- Brasil (2016). Conselho Nacional de Saúde. *Resolução Nº 510, de 07 de abril de 2016*.  
<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>.
- Brown, T. A. (2006). *Confirmatory factor analysis for applied research*. New York: The Guilford Press.
- Buckels, E. E., Trapnell, P. D., & Paulhus, D. L. (2014). Trolls just want to have fun. *Personality and individual Differences*, 67, 97-102.  
<https://doi.org/10.1016/j.paid.2014.01.016>.
- Buckels, E. E., Trapnell, P. D., Andjelovic, T., & Paulhus, D. L. (2019). Internet trolling and everyday sadism: Parallel effects on pain perception and moral judgment. *Journal of personality*, 87(2), 328-340. <https://doi.org/10.1111/jopy.12393>.
- Burroughs, B. (2013). FCJ-165 Obama trolling: Memes, salutes and an agonistic politics in the 2012 presidential election. *The fibreculture journal*, (22 2013: Trolls and The

- Negative Space of the Internet). <https://twentytwo.fibreculturejournal.org/fcj-165-obama-trolling-memes-salutes-and-an-agonistic-politics-in-the-2012-presidential-election/?gt>.
- Chassiakos, Y. L. R., Radesky, J., Christakis, D., Moreno, M. A., Cross, C., Hill, D., Ameenuddin, N., Hutchinson, J., Levine, A., Boyd, R., Mendelson, R. & Swanson, W. S. (2016). Children and adolescents and digital media. *Pediatrics*, 138(5). <https://doi.org/10.1542/peds.2016-2593>.
- Chen, H. C., Chan, Y. C., Ruch, W., & Proyer, R. T. (2011). Evaluating the reliability and validity of a traditional Chinese version of the PhoPhiKat-45. *Psychological Testing*, 58(1), 119-145.
- Cohen, J. (1992). Quantitative methods in psychology: A power primer. *Psychological Bulletin*, 112(1), 155-159. <https://users.cla.umn.edu/~nwaller/prelim/cohenpowerprimer.pdf>.
- Cohen, J. (2013). *Statistical power analysis for the behavioral sciences*. Academic press.
- Cohen, S., Mermelstein, R., Kamarck, T., Hoberman, H. M., Sarason, I. G., & Sarason, B. R. (1985). Social support: Theory, research and applications. *Measuring the functional components of social support*, 24, 73-94.
- Cole, K. K. (2015). "It's like she's eager to be verbally abused": Twitter, trolls, and (en)gendering disciplinary rhetoric. *Feminist Media Studies*, 15(2), 356-358. <https://doi.org/10.1080/14680777.2015.1008750>.
- Coles, B. A., & West, M. (2016). Trolling the trolls: Online forum users constructions of the nature and properties of trolling. *Computers in Human Behavior*, 60, 233-244. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2016.02.070>.
- Conselho Federal de Psicologia (2022). *Resolução nº 31, de 15 de Dezembro de 2022*. <https://atosoficiais.com.br/lei/avaliacao-psicologica-cfp?origin=instituicao>.

- Cook, C., Schaafsma, J., & Antheunis, M. (2018). Under the bridge: An in-depth examination of online trolling in the gaming context. *New Media & Society*, 20(9), 3323-3340. <https://doi.org/10.1177/1461444817748578>.
- Costa, A. B., Bandeira, D. R., & Nardi, H. C. (2015). Avaliação do preconceito contra diversidade sexual e de gênero: construção de um instrumento. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 32, 163-172. <https://doi.org/10.1590/0103-166X2015000200002>
- Craker, N., & March, E. (2016). The dark side of Facebook®: The Dark Tetrad, negative social potency, and trolling behaviours. *Personality and Individual Differences*, 102, 79-84. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2016.06.043>.
- Cruz, A. G. B., Seo, Y., & Rex, M. (2018). Trolling in online communities: A practice-based theoretical perspective. *The Information Society*, 34(1), 15-26. <https://doi.org/10.1080/01972243.2017.1391909>.
- Datareportal (2022). *We Are Social - Digital 2022: Global Overview Report*. Disponível em: <https://datareportal.com/reports/digital-2021-global-digital-overview>. Acesso em: 07 de Julho de 2022.
- Dursun, P., Dalğar, İ., Brauer, K. et al (2020). Assessing dispositions towards ridicule and being laughed at: Development and initial validation of the Turkish PhoPhiKat-45. *Curr Psychol*, 39, p. 101–114. <https://doi.org/10.1007/s12144-017-9725-2>.
- Fantástico (2021). Fantástico conversa com haters e quer saber: o que faz alguém perder o tempo destilando ódio na internet?. <https://globoplay.globo.com/v/9832274/?s=0s>.
- Fichman, P., & Rathi, M. (2023). Trolling CNN and Fox News on Facebook, Instagram, and Twitter. *Journal of the Association for Information Science and Technology*. <https://doi.org/10.1002/asi.24753>.
- Fichman, P., & Sanfilippo, M. R. (2016). *Online trolling and its perpetrators: Under the cyberbridge*. Rowman & Littlefield. <https://books.google.com.br/books?hl=pt->



- A Short Version of the Big Five Inventory (BFI-20): Evidence on Construct Validity. *Revista Interamericana De Psicología/Interamerican Journal of Psychology*, 55(1), e1312. <https://doi.org/10.30849/ripijp.v55i1.1312>.
- Graham, E. (2019). Boundary maintenance and the origins of trolling. *New Media & Society*, 21(9), 2029-2047. <https://doi.org/10.1177/146144481983756>.
- Gylfason, H. F., Sveinsdottir, A. H., Vésteinsdóttir, V., & Sigurvinsdottir, R. (2021). Haters gonna hate, trolls gonna troll: the personality profile of a Facebook troll. *International journal of environmental research and public health*, 18(11), 5722. <https://doi.org/10.3390/ijerph18115722>.
- Hair, J. F., Black, W. C., Babin, B. J., Anderson, R. E., & Tatham, R. L. (2009). *Análise multivariada de dados*. Bookman editora. 6.
- Hardaker, C. (2010). Trolling in asynchronous computer-mediated communication: From user discussions to academic definitions. *Journal of Politeness Research*, 6(2), 215–242. <https://doi.org/10.1515/JPLR.2010.01>.
- Herring, S., Job-Sluder, K., Scheckler, R., & Barab, S. (2002). Searching for safety online: Managing" trolling" in a feminist forum. *The information society*, 18(5), 371-384. <https://doi.org/10.1080/01972240290108186>.
- Hinduja, S., & Patchin, J. W. (2008). Cyberbullying: An exploratory analysis of factors related to offending and victimization. *Deviant behavior*, 29(2), 129-156. <https://doi.org/10.1080/01639620701457816>.
- Ho, AK, Sidanius, J., Kteily, N., Sheehy-Skeffington, J., Pratto, F., Henkel, KE, Foels, R., & Stewart, AL (2015). A natureza da orientação de dominação social: Teorizando e medindo preferências para a desigualdade intergrupar usando a nova escala SDO<sub>7</sub>. *Jornal de Personalidade e Psicologia Social*, 109 (6), 1003–1028. <https://doi.org/10.1037/pspi0000033>.

- Hong, F.-Y., Cheng, K.-T. (2018). Correlation between university students' online trolling behavior and online trolling victimization forms, current conditions, and personality traits. *Telematics and Informatics*, 35(2), 397–405.  
<https://doi.org/10.1016/j.tele.2017.12.016>.
- House, J.S., & Kahn, R.L. (1985). Measures and concepts of social support. In: S. Cohen & S.L. Syme (Eds.), *Social support and Health*, p. 83-108. San Diego, California: Academic Press.
- Howard, K., Zolnierok, K. H., Critz, K., Dailey, S., & Ceballos, N. (2019). An examination of psychosocial factors associated with malicious online trolling behaviors. *Personality and Individual Differences*, 149, 309-314.  
<https://doi.org/10.1016/j.paid.2019.06.020>.
- John, A., Glendenning, A. C., Marchant, A., Montgomery, P., Stewart, A., Wood, S., Lloyd, K. & Hawton, K. (2018). Self-harm, suicidal behaviours, and cyberbullying in children and young people: Systematic review. *Journal of medical internet research*, 20(4), e9044. <https://doi.org/10.2196/jmir.9044>.
- John, O. P., Donahue, E. M., & Kentle, R. L. (1991). *The Big Five Inventory – Versions 4a and 54*. University of California, Berkeley, Institute of Personality and Social Research.
- Junior, P. R. S. R., da Silveira, D. X., Barbosa, P. C. R., dos Santos Torres, M. A., Junior, E. D. C. M., Areco, K. C. N., Oliveira, R. T. A. de, Tazitu, A. G., Fernandes, J.A.B., Fernandes, M. G. & Kasinski, S. K. (2022). Psychometric properties of the Brazilian version of the big five inventory. *Trends in Psychiatry and Psychotherapy*, Ahead of Print. <http://dx.doi.org/10.47626/2237-6089-2021-0458>.
- Kircaburun, K., Jonason, P. K., & Griffiths, M. D. (2018). The Dark Tetrad traits and problematic social media use: The mediating role of cyberbullying and cyberstalking.

*Personality and Individual Differences*, 135, 264-269.

<https://doi.org/10.1016/j.paid.2018.07.034>.

Kurek, A., Jose, P. E., & Stuart, J. (2019). 'I did it for the LULZ': How the dark personality predicts online disinhibition and aggressive online behavior in adolescence. *Computers in Human Behavior*, 98, 31-40. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2019.03.027>.

Laros, J. A. (2012) O Uso da Análise Fatorial: algumas diretrizes para pesquisadores. In Pasquali, L. (Ed.). *Análise fatorial para pesquisadores* (pp.193-196). LabPAM Saber e Tecnologia.

[https://www.researchgate.net/publication/233735561\\_O\\_Uso\\_da\\_Analise\\_Fatorial\\_Algumas\\_Diretrizes\\_para\\_Pesquisadores/citations#fullTextFileContent](https://www.researchgate.net/publication/233735561_O_Uso_da_Analise_Fatorial_Algumas_Diretrizes_para_Pesquisadores/citations#fullTextFileContent).

Lau, C., Chiesi, F., Fermani, A., Muzi, M., del Moral Arroyo, G., Bruno, F., Ruch, W., Quilty, L. C., Saklofske, D. H., & Canestrari, C. (2023). Measuring gelotophobia, gelotophilia, and katagelasticism in Italy and Canada using PhoPhiKat-30: A multidimensional item response theory and differential item functioning analysis. *European Journal of Psychological Assessment*. Advance online publication. <https://doi.org/10.1027/1015-5759/a000787>

Lee, G., & Soonah, A. (2023). Anonymity and Gender Effects on Online Trolling and Cybervictimization. *Journal of Cybersecurity Education, Research and Practice*, 2023(1), 5. <https://doi.org/10.32727/8.2023.14>.

Lima, D.C.N. de. *Música e Misoginia: Os Impactos de Curto Prazo nas Atitudes Frente à Mulher e na Agressão*. [Dissertação de Mestrado em Psicologia Social]. Universidade Federal da Paraíba. [https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/25179/1/D%c3%a9boraCristinaNascimentoDeLima\\_Dissert.pdf](https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/25179/1/D%c3%a9boraCristinaNascimentoDeLima_Dissert.pdf).



- Lorenzo-Seva, U., & Ferrando, P.J. (2019c). Robust Promin: a method for diagonally weighted factor rotation. Technical report, URV. Tarragona, Spain.  
<https://doi.org/10.24265/liberabit.2019.v25n1.08>.
- Malecki, W. P., Kowal, M., Dobrowolska, M., & Sorokowski, P. (2021). Defining online hating and online haters. *Frontiers in Psychology*, 12, 744614.  
<https://doi.org/10.3389/fpsyg.2021.744614>.
- Mantilla, K. (2013). Gendertrolling: Misogyny Adapts to New Media. *Feminist Studies*. 39(2), 563-570. <http://doi.org/10.1353/fem.2013.0039>.
- Manuoğlu, E. (2020). *Differences Between Trolling and Cyberbullying and Examination of Trolling from Self-Determination Theory Perspective*. [ Doctoral Thesis in Social Sciences] - Middle East Technical University, Ankara, Turkey.
- March, E. (2019). Psychopathy, sadism, empathy, and the motivation to cause harm: New evidence confirms malevolent nature of the Internet Troll. *Personality and Individual Differences*, 141, 133-137. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2019.01.001>
- March, E., & Marrington, J. (2019). A qualitative analysis of internet trolling. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, 22(3), 192-197.  
<https://doi.org/10.1089/cyber.2018.0210>.
- March, E., & Steele, G. (2020). High esteem and hurting others online: Trait sadism moderates the relationship between self-esteem and internet trolling. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, 23(7), 441-446.  
<https://doi.org/10.1089/cyber.2019.0652>.
- March, E., Grieve, R., Marrington, J., & Jonason, P. K. (2017). Trolling on Tinder®(and other dating apps): Examining the role of the Dark Tetrad and impulsivity. *Personality and Individual Differences*, 110, 139-143.  
<https://doi.org/10.1016/j.paid.2017.01.025>

- March, E., McDonald, L., & Forsyth, L. (2023). Personality and internet trolling: a validation study of a Representative Sample. *Current Psychology*, 1-4.  
<https://doi.org/10.1007/s12144-023-04586-1>
- Marrington, J. Z., March, E., Murray, S., Jeffries, C., Machin, T., & March, S. (2023). An exploration of trolling behaviours in Australian adolescents: An online survey. *Plos one*, 18(4), e0284378. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0284378>.
- McVittie C., Sambaraju R., Bain F. (2021). ‘I love James Blunt as much as I love herpes’ - ‘I love that you're not ashamed to admit you have both’: Attempted insults and responses on Twitter. *Language & Communication*, 76, 23–34. <https://doi.org/10.1016/j.langcom.2020.10.001>
- Ministério da Saúde (2021). *Orientações para procedimentos em pesquisas com qualquer etapa em ambiente virtual* [Ofício Circular N° 2/2021/CONEP/SECNS/MS]. Brasília. [https://conselho.saude.gov.br/images/Oficio\\_Circular\\_2\\_24fev2021.pdf](https://conselho.saude.gov.br/images/Oficio_Circular_2_24fev2021.pdf).
- Nascimento, M. A. do (2022). *O Acontecimento da Trollagem na Ordem do Discurso Político Brasileiro: Limites entre o Humor e o Discurso de Ódio*. [Dissertação de Mestrado em Linguística]. Universidade Federal da Paraíba.  
<https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/23528>.
- Navarro-Carrillo, G., Torres-Marín, J., & Carretero-Dios, H. (2021). Do trolls just want to have fun? Assessing the role of humor-related traits in online trolling behavior. *Computers in Human Behavior*, 114, 106551.  
<https://doi.org/10.1016/j.chb.2020.106551Get>.
- Nitschinsk, L., Tobin, S. J., & Vanman, E. J. (2022). The disinhibiting effects of anonymity increase online trolling. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, 25(6), 377-383. <https://doi.org/10.1089/cyber.2022.0005>.

- Nitschinsk, L., Tobin, S. J., & Vanman, E. J. (2022). The Disinhibiting Effects of Anonymity Increase Online Trolling. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, 25(6), 377-383. <https://doi.org/10.1089/cyber.2022.0005>
- O'Day, E. B., & Heimberg, R. G. (2021). Social media use, social anxiety, and loneliness: A systematic review. *Computers in Human Behavior Reports*, 3, 100070. <https://doi.org/10.1016/j.chbr.2021.100070>.
- Olckers, C., & Hattingh, M. (2022). The Dark Side of Social Media-Cyberbullying, Catfishing and Trolling: A Systematic Literature Review. *Proceedings of the Society*, 84, 86-99. <https://doi.org/10.29007/gh15>.
- Paananen, A., & Reichl, A. J. (2019). Gendertrolls just want to have fun, too. *Personality and Individual Differences*, 141, 152-156. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2019.01.011>.
- Pasquali, L. (2010). Instrumentação psicológica: *Fundamentos e práticas [Psychological instrumentation: Bases and practices]*. Porto Alegre: Artmed. ISBN: 978-85-363-2252-0.
- Paulhus, D. L., & Williams, K. M. (2002). The dark triad of personality: Narcissism, Machiavellianism, and psychopathy. *Journal of research in personality*, 36(6), 556-563. [https://doi.org/10.1016/S0092-6566\(02\)00505-6](https://doi.org/10.1016/S0092-6566(02)00505-6).
- Paulhus, D. L., & Williams, K. M. (2002). The dark triad of personality: Narcissism, Machiavellianism, and psychopathy. *Journal of research in personality*, 36(6), 556-563. [https://doi.org/10.1016/S0092-6566\(02\)00505-6](https://doi.org/10.1016/S0092-6566(02)00505-6).
- Paulhus, D. L., Buckels, E. E., Trapnell, P. D., & Jones, D. N. (2021). Screening for dark personalities: The Short Dark Tetrad (SD4). *European Journal of Psychological Assessment*, 37(3), 208. <https://doi.org/10.1027/1015-5759/a000602>.
- Phillips, W. (2015). *This is why we can't have nice things: Mapping the relationship between online trolling and mainstream culture*. Mit Press.

- Pratto, F., Sidanius, J., & Levin, S. (2006). Social dominance theory and the dynamics of intergroup relations: Taking stock and looking forward. *European review of social psychology*, 17(1), 271-320. <https://doi.org/10.1080/10463280601055772>.
- Pratto, F., Sidanius, J., Stallworth, L. M., & Malle, B. F. (1994). Social dominance orientation: A personality variable predicting social and political attitudes. *Journal of personality and social psychology*, 67(4), 741. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.67.4.741>.
- Quandt, T., Klapproth, J., & Frischlich, L. (2022). Dark social media participation and well-being. *Current Opinion in Psychology*, 45, 101284. <https://doi.org/10.1016/j.copsyc.2021.11.004>.
- Rassin, E., Roos, M. de, & Dongen, J. V. (2024). Dark personality traits and deception, and the short dark tetrad (SD4) as integrity screening instrument. *Scientific Reports*, 14(1), 311. <https://doi.org/10.1038/s41598-023-50968-7>.
- Rodrigues, J. I. R. R., (2020) *Adaptação Portuguesa da Escala Short Dark Tetrad (SD4) para a população adulta*. [Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde]. Universidade do Algarve. <http://hdl.handle.net/10400.1/15455>
- Ruch, Willibald & Proyer, René. (2009). Extending the study of gelotophobia: On gelotophiles and katagelasticists. *Humor-international Journal of Humor Research - HUMOR*. <https://doi.org/10.1515/HUMR.2009.009>.
- Safernet (2023). *Denúncias de crimes de discurso de ódio e de imagens de abuso sexual infantil e na internet têm crescimento em 2022*. <https://new.safernet.org.br/content/denuncias-de-crimes-de-discurso-de-odio-e-de-imagens-de-abuso-sexual-infantil-na-internet>.
- Sanfilippo, M. R., Fichman, P., & Yang, S. (2018). Multidimensionality of online trolling behaviors. *The Information Society*, 34(1), 27-39. <https://doi.org/10.1080/01972243.2017.1391911>.

- Sanfilippo, M., Yang, S., & Fichman, P. (2017). *Managing online trolling: From deviant to social and political trolls*. Proceedings of the 50th Hawai'i International Conference on System Sciences (HICSS-50). Los Alamitos: IEEE Press.  
<https://hdl.handle.net/2022/25089>.
- Santana A. D. (2014). Virtuous or Vitriolic. *Journalism Practice*, 8(1), 18–33. <https://doi.org/10.1080/17512786.2013.813194>
- Santos, I. L. S., Pimentel, C. E., & Mariano, T. E. (2022). Online Trolling: The Impact of Antisocial Online Content, Social Media Use, and Gender. *Psychological Reports*.  
<https://doi.org/10.1177/00332941211055705>.
- Santos, I. L. S., Pimentel, C. E., Mariano, T. E. (2021). Antisocial Content Online: A Psychosocial Analysis and Data from a Brazilian Sample. Roger Goulart Mello; Patricia Gonçalves de Freitas. (Org.). In *Ways of Digital Communication: Knowledge and Information* (pp. 93–102). e-publish. [\(PDF\) Conteúdo Antissocial Online: Uma análise psicossocial e Dados de uma Amostra Brasileira - Antisocial Online Content: A Psychosocial Analysis and Data from a Brazilian Sample \(researchgate.net\)](#).
- Santos, W. S. D., Gouveia, V. V., Navas, M. S., Pimentel, C. E., & Gusmão, E. É. D. S. (2006). Escala de racismo moderno: adaptação ao contexto brasileiro. *Psicologia em estudo*, 11, 637-645. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722006000300020>
- Schwartz, M. 2008. *The Trolls among Us*. The New York Times Magazine.  
[http://www.nytimes.com/2008/08/03/magazine/03trolls-t.html?pagewanted=all&\\_r=0](http://www.nytimes.com/2008/08/03/magazine/03trolls-t.html?pagewanted=all&_r=0).
- Sest, N., & March, E. (2017). Constructing the cyber-troll: Psychopathy, sadism, and empathy. *Personality and Individual Differences*, 119, 69-72.  
<https://doi.org/10.1016/j.paid.2017.06.038>.

- Sidanius, J., & Pratto, F. (1999). *Social dominance: An intergroup theory of social hierarchy and oppression*. New York: Cambridge University Press.  
<https://doi.org/10.1017/CBO9781139175043>.
- Smith, P. K., Smith, C., Osborn, R., & Samara, M. (2008). A content analysis of school Anti-Bullying policies: Progress and limitations. *Educational Psychology in Practice*, 24(1), 1-12. <https://doi.org/10.1080/02667360701661165>.
- Souza, A. C. D., Alexandre, N. M. C., & Guirardello, E. D. B. (2017). Propriedades psicométricas na avaliação de instrumentos: avaliação da confiabilidade e da validade. *Epidemiologia e serviços de saúde*, 26, 649-659.  
<https://doi.org/10.5123/S1679-49742017000300022>.
- Stefanenko E.A., Ivanova E.M., Enikolopov S.N (2016). Adaptation of the PhoPhiKat questionnaire of gelotophobia, gelotophilia and catagelasticism for adolescents. *Psychological Science and Education*, 21(4) p. 61–74.  
<https://doi.org/10.17759/pse.2016210406>.
- Tepper M. (1997) Usenet communities and the cultural politics of communication. In: Porter D (ed.) *Internet Culture*. New York: Routledge, pp. 39–54.
- Thacker, S., & Griffiths, M. D. (2012). An exploratory study of trolling in online video gaming. *International Journal of Cyber Behavior, Psychology and Learning (IJCBL)*, 2(4), 17-33. <https://doi.org/10.4018/ijcbl.2012100102>.
- Timmerman, M. E., & Lorenzo-Seva, U. (2011). Dimensionality Assessment of Ordered Polytomous Items with Parallel Analysis. *Psychological Methods*, 16, 209-220.  
<https://doi.org/10.1037/a0023353>.
- Torres-Marín, J., Proyer, R. T., López-Benítez, R., & Carretero-Dios, H. (2019). Assessing individual differences in the way people deal with ridicule and being laughed at: The

- Spanish form of the PhoPhiKat-45. *Current Psychology*, 1-17.  
<https://doi.org/10.1007/s12144-019-00503-7>.
- Tsantarliotis, P., Pitoura, E., & Tsaparas, P. (2017). Defining and predicting troll vulnerability in online social media. *Social Network Analysis and Mining*, 7(1), 1-15. <https://doi.org/10.1007/s13278-017-0445-2>.
- Vaillancourt, T., Faris, R., & Mishna, F. (2017). Cyberbullying in children and youth: Implications for health and clinical practice. *The Canadian journal of psychiatry*, 62(6), 368-373. <https://doi.org/10.1177/0706743716684791>.
- Vilanova, F., Almeida-Segundo, D. S. D., Duarte, M. D. Q., & Costa, Â. B. (2022). Evidências de Validade da Escala de Orientação à Dominância Social no Brasil. *Psico-USF*, 27, 437-449. <https://doi.org/10.1590/1413-82712024270303>.
- Vismara, M., Girone, N., Conti, D., Nicolini, G., & Dell’Osso, B. (2022). The current status of Cyberbullying research: A short review of the literature. *Current Opinion in Behavioral Sciences*, 46, 101152. <https://doi.org/10.1016/j.chbr.2021.100070>.
- Wadsley, M., Covey, J., & Ihssen, N. (2022). The Predictive Utility of Reward-Based Motives Underlying Excessive and Problematic Social Networking Site Use. *Psychological Reports*, 125(5), 2485–2516. <https://doi.org/10.1177/00332941211025271>
- Wendt, G. W., & de Macedo Lisboa, C. S. (2014). Compreendendo o fenômeno do cyberbullying. *Temas em Psicologia (Ribeirão Preto)*.  
<https://doi.org/10.9788/TP2014.1-04>.
- Wendt, G. W., & de Macedo Lisboa, C. S. (2020). Cyberbullying e depressão em adolescentes. *Psicologia para América Latina*, (34), 221-231.  
[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1870-350X2020000200012&lng=pt&tlng=pt..](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2020000200012&lng=pt&tlng=pt..)

- Ximenes, V. M., Nepomuceno, B. B., Moura Jr, J. F., Abreu, M. K. D. A., & Ribeiro, G. O. (2020). Propriedades psicométricas da versão reduzida da Escala de Percepção de Suporte Social. *Psico-USF*, 25, 371-383. <https://doi.org/10.1590/1413-82712020250214>.
- Yoon, Y., Lee, J. O., Cho, J., Bello, M. S., Khoddam, R., Riggs, N. R., & Leventhal, A. M. (2019). Association of cyberbullying involvement with subsequent substance use among adolescents. *Journal of Adolescent Health*, 65(5), 613-620. <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2019.05.006>.
- Zezulka, Lauren A., and Seigfried-Spellar, Kathryn C. (2016). Differentiating Cyberbullies and Internet Trolls by Personality Characteristics and Self-Esteem. *Journal of Digital Forensics, Security, and Law*.11(3). <https://doi.org/10.15394/jdfsl.2016.1415>.
- Zimet, G. D., Dahlem, N. W., Zimet, S. G., & Farley, G. K. (1988). The multidimensional scale of perceived social support. *Journal of Personality Assessment*, 52(1), 30–41. [https://doi.org/10.1207/s15327752jpa5201\\_2](https://doi.org/10.1207/s15327752jpa5201_2).



## Anexos

## Anexo A: Social Reward Questionnaire (SRQ)

**Instruções:** *Aqui está a lista de declarações sobre o que você gosta quando você interage com outras pessoas. As declarações se referem a todas as pessoas na sua vida, por exemplo: amigos, parceiros, família, colegas ou pessoas que acabou de conhecer. Analise como cada declaração se relaciona com você e marque a melhor resposta. Nota: se for algo que nunca aconteceu com você, imagine como você gostaria dessa situação.*

<i>Discordo Totalmente 1</i>	<i>Discordo 2</i>	<i>Discordo um pouco 3</i>	<i>Nem concordo, nem discordo 4</i>	<i>Concordo um pouco 5</i>	<i>Concordo 6</i>	<i>Concordo totalmente 7</i>
<b>Eu gosto...</b>						
1. estar com pessoas que me acham importante e interessante	1	2	3	4	5	6 7
2. tratar as pessoas de forma justa	1	2	3	4	5	6 7
3. deixar as pessoas com raiva.	1	2	3	4	5	6 7
4. ir a festas.	1	2	3	4	5	6 7
5. ser legal com os outros apenas se eu ganhar alguma coisa em troca.	1	2	3	4	5	6 7
6. me sentir conectado emocionalmente com outras pessoas.	1	2	3	4	5	6 7
7. quando os outros me admiram.	1	2	3	4	5	6 7
8. trapacear as pessoas	1	2	3	4	5	6 7
9. ter relações eróticas.	1	2	3	4	5	6 7
10. fazer parte de grupos/clubes	1	2	3	4	5	6 7
11. estar com pessoas que se impressionam com quem ou sou ou com o que eu faço.	1	2	3	4	5	6 7
12. deixar outras pessoas me dizerem o que fazer	1	2	3	4	5	6 7
13. ter muitas experiências sexuais.	1	2	3	4	5	6 7
14. envergonhar as pessoas	1	2	3	4	5	6 7
15. que muitas pessoas queiram me convidar para os seus eventos sociais.	1	2	3	4	5	6 7
16. cumprir as promessas que eu faço.	1	2	3	4	5	6 7
17. ver os outros se machucarem.	1	2	3	4	5	6 7
18. ter o reconhecimento das pessoas.	1	2	3	4	5	6 7
19. ter uma vida sexual ativa.	1	2	3	4	5	6 7
20. ter alguém tomando decisões por mim.	1	2	3	4	5	6 7
21. fazer outra pessoa feliz	1	2	3	4	5	6 7
22. seguir as regras dos outros.	1	2	3	4	5	6 7

### Anexo B: Short Dark Tetrad (SD4)

**Instruções:** Avalie o seu grau de concordância com as afirmações abaixo usando a escala de 5 pontos.

Discordo totalmente 1	Discordo 2	Neutro 3	Concordo 4	Discordo 5	
1. Eu já tive problemas com a lei.	1	2	3	4	5
2. Às vezes, eu me envolvo em situações perigosas.	1	2	3	4	5
3. Evite o conflito com as outras pessoas, elas podem ser necessárias no futuro.	1	2	3	4	5
4. Mantenha-se discreto se quiser ir longe.	1	2	3	4	5
5. Eu tendo a entrar de cabeça nas coisas e só depois fazer perguntas.	1	2	3	4	5
6. Não é inteligente deixar as outras pessoas saberem dos seus segredos.	1	2	3	4	5
7. Ver brigas com agressão física me anima.	1	2	3	4	5
8. Bajular é uma boa forma de ter pessoas do seu lado.	1	2	3	4	5
9. As pessoas me veem como alguém que nasceu para ser líder.	1	2	3	4	5
10. Já falei coisas que machucam nas redes sociais só por diversão.	1	2	3	4	5
11. Eu provavelmente vou me tornar uma estrela em alguma área.	1	2	3	4	5
12. Costumo ir contra autoridades e regras.	1	2	3	4	5
13. É necessário planejamento para manipular uma situação.	1	2	3	4	5
14. Independentemente do que for necessário, você tem que trazer as pessoas importantes para o seu lado.	1	2	3	4	5
15. As atividades de grupo tendem a ser sem graça sem a minha presença.	1	2	3	4	5
16. Eu adoro quando um plano traiçoeiro é um sucesso.	1	2	3	4	5
17. Eu tenho algumas qualidades excepcionais.	1	2	3	4	5
18. Eu sei machucar as pessoas apenas com palavras.	1	2	3	4	5
19. Algumas pessoas merecem sofrer.	1	2	3	4	5
20. Quem mexe comigo, sempre se arrepende depois.	1	2	3	4	5
21. Eu gosto de assistir esportes violentos.	1	2	3	4	5
22. Eu sei que sou especial porque as pessoas estão sempre me dizendo isso.	1	2	3	4	5
23. Eu gosto muito de filmes e vídeo games violentos.	1	2	3	4	5
24. É engraçado quando pessoas sem noção passam vergonha.	1	2	3	4	5
25. Eu já me envolvi em mais brigas que a maioria das pessoas da minha idade e gênero.	1	2	3	4	5
26. Gosto de me exibir de vez em quando.	1	2	3	4	5
27. Eu tenho um talento especial de convencer as pessoas.	1	2	3	4	5

---

<b>28.</b> As pessoas geralmente dizem que estou fora do controle.	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>
--	----------	----------	----------	----------	----------

---

### Anexo C: Escala Phophikat

**Instruções:** As seguintes declarações se referem aos seus sentimentos, ações e percepções em geral. Por favor, tente descrever o melhor possível seu comportamento habitual e atitudes marcando com um X em uma das quatro alternativas. Por favor, siga a escala abaixo. Por exemplo: Eu sou uma pessoa alegre. Se você concorda totalmente com essa assertiva, ou seja, em geral você é uma pessoa alegre, assinale o (4). Se você Discorda Totalmente, ou seja, você não é alegre de forma alguma, marque (1). Se você tem dificuldades em responder a pergunta, escolha a que mais se aproxima de você.

Discordo totalmente 1	Discordo moderadamente 2	Concordo moderadamente 3	Concordo Totalmente 4	
1. Quando riem em minha presença eu fico desconfiado.	1	2	3	4
2. Quando eu estou com outras pessoas, eu gosto de fazer piadas sobre mim mesmo para fazer os outros riem.	1	2	3	4
3. Eu gosto de expor as outras pessoas e fico feliz quando riem deles.	1	2	3	4
4. Eu evito aparecer em público porque eu tenho medo de que as pessoas percebam a minha insegurança e façam piadas comigo.	1	2	3	4
5. Não penso duas vezes antes de contar aos amigos ou conhecidos algo embaraçoso ou uma situação constrangedora que aconteceu comigo, mesmo tendo risco de riem de mim.	1	2	3	4
6. Em geral conflitos surgem por conta de comentários engraçados ou piadas que faço sobre outras pessoas.	1	2	3	4
7. Quando estranhos riem na minha presença eu geralmente penso que é de mim.	1	2	3	4
8. Quando as pessoas fazem comentários engraçados sobre mim, eu me sinto paralisado.	1	2	3	4
9. Eu gosto quando os outros riem de mim.	1	2	3	4
10. Já aconteceu de pessoas com pouco senso de humor terem desfeito a amizade comigo, ou ameaçado desfazer, porque eu exagerei quando os ridicularizei em uma situação embaraçosa ou constrangedora que aconteceu com eles.	1	2	3	4
11. Eu sou o(a) palhaço(a) no meu círculo de amizade, sou eu quem diverte os outros, geralmente com piadas sobre mim mesmo.	1	2	3	4
12. Se outras pessoas me ridicularizam, eu retribuo ridicularizando-as da mesma forma, mas mais forte.	1	2	3	4
13. Eu me controlo muito para não atrair atenção negativa, dessa forma, eu não causo uma impressão ridícula.	1	2	3	4
14. Eu gosto quando outras pessoas fazem piada comigo porque isso pode também ser um sinal de reconhecimento.	1	2	3	4
15. Se for para entretenimento é justificável fazer piadas ou comentários engraçados que possam ser dolorosos ou ruins sobre outras pessoas.	1	2	3	4

<b>16.</b> Quando acontece uma situação constrangedora comigo em algum lugar, eu evito voltar lá.	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>
<b>17.</b> Se alguém fez piada sobre mim no passado eu não consigo ficar à vontade com ela nunca mais.	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>
<b>18.</b> Como é só por divertimento, eu não vejo problema algum de comprometer os outros de uma maneira engraçada.	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>
<b>19.</b> Leva muito tempo para me recuperar de uma situação em que riram de mim.	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>
<b>20.</b> Para arrancar risadas, eu prazerosamente uso ao máximo as vergonhas e situações difíceis que aconteceram comigo dos quais outras pessoas se sentiriam envergonhadas.	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>
<b>21.</b> Rir dos outros faz parte da vida. Pessoas que não gostam que os outros riam delas deveriam apenas revidar.	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>
<b>22.</b> Eu gosto de contribuir para o riso dos outros contando situações constrangedoras ou difíceis que aconteceram comigo.	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>
<b>23.</b> Se estou em um grupo de pessoas e sou o único que percebe que alguém passou vergonha ou algo de vergonhoso aconteceu com ele, não hesito em contar para os outros sobre isso.	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>

### Anexo D: Inventário dos Cinco Grandes Fatores da Personalidade

**Instruções:** A seguir encontram-se algumas características que podem ou não lhe dizer respeito. Por favor, escolha um dos números na escala abaixo que melhor expressem sua opinião em relação a você mesmo e anote no espaço ao lado de cada afirmação. Vale ressaltar que não existem respostas certas ou erradas.

<i>Discordo Totalmente</i> 1	<i>Discordo</i> 2	<i>Nem Concordo Nem Discordo</i> 3	<i>Concordo</i> 4	<i>Concordo Totalmente</i> 5	
<b>Eu me vejo como alguém que...</b>					
1. É conversador, comunicativo	1	2	3	4	5
2. É minucioso, detalhista no trabalho, no que faz	1	2	3	4	5
3. Insiste até concluir a tarefa ou o trabalho	1	2	3	4	5
4. Gosta de cooperar com os outros	1	2	3	4	5
5. É original, tem sempre novas ideias	1	2	3	4	5
6. É temperamental, muda de humor facilmente.	1	2	3	4	5
7. É inventivo, criativo.	1	2	3	4	5
8. É prestativo e ajuda os outros.	1	2	3	4	5
9. É amável, tem consideração pelos outros.	1	2	3	4	5
10. Faz as coisas com eficiência.	1	2	3	4	5
11. É sociável, extrovertido.	1	2	3	4	5
12. É cheio de energia.	1	2	3	4	5
13. É um trabalhador de confiança.	1	2	3	4	5
14. Tem uma imaginação fértil.	1	2	3	4	5
15. Fica tenso com frequência.	1	2	3	4	5
16. Fica nervoso facilmente.	1	2	3	4	5
17. Gera muito entusiasmo.	1	2	3	4	5
18. Gosta de refletir, brincar com as ideias.	1	2	3	4	5
19. Tem capacidade de perdoar, perdoa fácil.	1	2	3	4	5
20. Preocupa-se muito com tudo.	1	2	3	4	5

**Anexo E: Escala de Percepção de Suporte Social (versão reduzida)**

**Instruções:** *Gostaríamos de saber com que frequência você recebe apoio de outra pessoa quando precisa. Dê suas respostas marcando a opção que melhor representa sua resposta, de acordo com a escala abaixo:*

<i>Nunca</i> <i>0</i>	<i>Poucas Vezes</i> <i>1</i>	<i>Muitas Vezes</i> <i>2</i>	<i>Sempre</i> <i>3</i>	<i>4</i>
		<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>
<b>1.</b>	Empreste algo que você precisa.			
<b>2.</b>	Dê sugestões sobre seu futuro.			
<b>3.</b>	Ouve com atenção seus problemas pessoais.			
<b>4.</b>	Empreste dinheiro a você.			
<b>5.</b>	Oriente suas decisões.			
<b>6.</b>	Compreenda suas dificuldades.			
<b>7.</b>	Substitua você em tarefas que não pode realizar no momento.			
<b>8.</b>	Esclareça suas dúvidas			
<b>9.</b>	Esteja ao seu lado em qualquer situação.			
<b>10.</b>	Forneça alimentação quando você precisa.			
<b>11.</b>	Ajude você a resolver um problema prático.			
<b>12.</b>	Preocupa-se com você.			

**Anexo F: Escala de Avaliação Global da Trollagem Online (GAIT-R)**

**Instruções:** *Responda as afirmativas a seguir utilizando a escala abaixo.*

<i>Discordo Totalmente 1</i>	<i>Discordo 2</i>	<i>Nem Concordo Nem Discordo 3</i>	<i>Concordo 4</i>	<i>Concordo Totalmente 5</i>			
			<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>
<b>1.</b> Eu já causei confusão comentando em uma postagem.							
			<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>
<b>2.</b> Eu já compartilhei material polêmico na internet apenas para me divertir com as reações das pessoas.							
			<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>
<b>3.</b> Eu gosto de irritar desconhecidos na internet.							
			<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>
<b>4.</b> Mesmo que algumas pessoas considerem minhas postagens ofensivas, para mim elas são engraçadas.							
			<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>
<b>5.</b> Eu falo o que quero na internet, e aqueles que se incomodam não sabem lidar com a verdade.							
			<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>
<b>6.</b> Quanto mais “perfeito” algo parece ser na internet, mais satisfatório é destruí-lo.							
			<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>
<b>7.</b> Eu já enviei sites perturbadores para alguém apenas para me divertir com sua reação.							



### Anexo G: Escala de Exposição a Conteúdo Antissocial Online (E-CAO)

<b>Instruções:</b> <i>Com que frequência você é exposto aos seguintes conteúdos em suas redes sociais ou em outros sites?</i>								
<b>Nunca 1</b>	<b>Menos de uma vez por mês 2</b>	<b>Duas a três vezes por mês 3</b>	<b>Algumas vezes por semana 4</b>	<b>Diariamente 5</b>	<b>Várias vezes ao dia 6</b>			
<b>1.</b> Fotos constrangedoras de conhecidos ou celebridades.			<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>2.</b> Comentários agressivos numa postagem.			<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>3.</b> Postagens preconceituosas e/ou contendo discurso de ódio.			<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>4.</b> Fotos ou vídeos íntimos “vazados”.			<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>5.</b> Vídeos retratando situações violentas (e.g. agressão, assalto, etc.)			<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>6.</b> Pessoas sendo ameaçadas e/ou agredidas virtualmente.			<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>7.</b> Discussões em conversa de Whatsapp ou outro chat online.			<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>

## Apêndices

### Apêndice A: Questões Sociodemográficas e de Caracterização do Tempo de Uso de Redes Sociais

**Por favor, indique o tempo médio diário que você passa utilizando cada um dos recursos tecnológicos descritos abaixo.**

Lembre-se de considerar o seu padrão de uso no último ano e exclua da contagem o tempo que você passa utilizando essas ferramentas para a realização de atividades de trabalho.

1. Qual o número aproximado de horas que você passa diariamente usando a **Internet** ? \_\_\_\_ horas e \_\_\_\_ minutos
2. Qual o número aproximado de horas que você passa diariamente usando o **Whatsapp** ? \_\_\_\_ horas e \_\_\_\_ minutos
3. Qual o número aproximado de horas que você passa diariamente usando o **Facebook** ? \_\_\_\_ horas e \_\_\_\_ minutos
4. Qual o número aproximado de horas que você passa diariamente usando o **Instagram** ? \_\_\_\_ horas e \_\_\_\_ minutos
5. Qual o número aproximado de horas que você passa diariamente usando o **Twitter**? \_\_\_\_ horas e \_\_\_\_ minutos
6. Qual o número aproximado de horas que você passa diariamente usando o **TikTok**? \_\_\_\_ horas e \_\_\_\_ minutos

**Para finalizar nossa pesquisa, solicitamos que você responda a esse questionário sociodemográfico, para que possamos saber um pouco mais sobre você. Lembre-se que todas as informações obtidas serão totalmente sigilosas e de conhecimento apenas da equipe de pesquisa responsável por esse projeto.**

1. Por favor, indique sua idade \_\_\_\_\_ anos.
2. Sexo:  Masculino  Feminino
3. Em qual cidade mora atualmente? \_\_\_\_\_
4. Com quem você mora atualmente?  Sozinho  Com os pais  Com amigos(as)  Com companheiro(a)  
 Outros: \_\_\_\_\_
5. Religião?  Católica  Evangélica  Espírita  Não possui  Outra: \_\_\_\_\_
6. Estado civil?  Solteiro  Casado  União Estável  Divorciado  
 Viúvo  Outro: \_\_\_\_\_
7. Tem filhos?  Sim  Não  Caso possua filhos, eles moram com você?  Sim  Não
8. Em comparação com as pessoas do seu país, você diria que a sua família é da:  
 Classe Baixa  Classe Média Baixa  Classe Média  Classe Média Alta  Classe Alta
9. Qual sua escolaridade?  
 Ensino Fundamental Incompleto  Ensino Fundamental Completo  Ensino Médio Incompleto  
 Ensino Médio Completo  Ensino Superior Incompleto  Ensino Superior Completo  
 Pós-graduação  Mestrado  Doutorado
10. Você possui algum perfil anônimo nas redes sociais?

**Apêndice B: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)****UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ****CENTRO DE HUMANIDADES****DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA****Termo de Consentimento Livre e Esclarecido****PESQUISA:** *Correlatos Psicossociais do Comportamento de Trollagem nas Redes Sociais*

Pesquisadora responsável: Nicolle de Araújo Fontes Barroso

**Prezado (a) colaborador (a),**

Você está sendo convidado como participante da pesquisa intitulada: “*Correlatos Psicossociais do Comportamento de Trollagem nas Redes Sociais*”. Você não deve participar contra a sua vontade. Leia atentamente as informações abaixo e faça qualquer pergunta que desejar, para que todos os procedimentos desta pesquisa sejam esclarecidos. Você é convidado(a) a participar desta pesquisa, que tem como finalidade analisar a influência de variáveis psicossociais, especificamente traços de personalidade comuns e sombrios, apoio social, envolvimento com as redes sociais, motivação, preconceito, estilos de humor e humor sombrio, no comportamento de *trollagem* em redes sociais.

**1. PARTICIPANTES DA PESQUISA:** Adultos, de ambos os sexos, que fazem uso de redes sociais. Esta será, inevitavelmente, amostra de conveniência, não-probabilística, participarão da pesquisa aqueles voluntários que, convidados a colaborar, concordem.

**2. ENVOLVIMENTO NA PESQUISA:** Ao participar deste estudo, o colaborador deverá responder a um questionário envolvendo questões sobre personalidade, estilos de humor, preconceito, apoio social, motivação e o uso de redes sociais. Você tem a liberdade de se recusar a participar e pode ainda interromper a participação em qualquer momento da pesquisa, sem nenhum prejuízo. Sempre que quiser, você poderá pedir mais informações sobre o estudo. Para isso, poderá entrar em contato com a coordenadora da pesquisa.

**3. RISCOS E DESCONFORTOS:** A participação nesta pesquisa não traz complicações; talvez, apenas, algum constrangimento que algumas pessoas sentem quando estão fornecendo informações sobre si mesmas. A fim de minimizar esses riscos, os participantes do estudo responderão individualmente a um questionário online e não será solicitado do respondente qualquer tipo de identificação, garantido a privacidade e anonimato do respondente. Os procedimentos utilizados nesta pesquisa seguem as normas estabelecidas pela Resolução 510/16 do Conselho Nacional de Saúde, e não oferecem risco à sua integridade física, psíquica e moral. Nenhum dos procedimentos utilizados oferece riscos à sua dignidade.

**4. CONFIDENCIALIDADE DA PESQUISA:** Todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Apenas os membros do grupo de pesquisa terão conhecimento das respostas, e seu nome não será usado em nenhum momento. Todos os dados serão

analisados em conjunto, garantindo o caráter anônimo das informações. Os resultados poderão ser utilizados em eventos e publicações científicas.

5. **BENEFÍCIOS:** Ao participar desta pesquisa, você não deverá ter nenhum benefício direto. Entretanto, espera-se que a mesma nos forneça dados importantes acerca do comportamento de *trollagem* online.

6. **PAGAMENTO:** Você não terá nenhum tipo de despesa por participar desta pesquisa. E nada será pago por sua participação. Entretanto, se você desejar, poderá ter acesso a cópias dos relatórios da pesquisa contendo os resultados do estudo.

**Endereço da responsável pela pesquisa:**

**Coordenadora: Nicolle de Araújo Fontes Barroso**

**Instituição: Universidade Federal do Ceará**

**Departamento de Psicologia**

**Endereço: Av. da Universidade, 2762 – Benfica**

**CEP: 60020-180 - Fortaleza, CE – Brasil**

**Telefones p/contato: (85) 3366-7661/ 7651**

**ATENÇÃO:** Se você tiver alguma consideração ou dúvida, sobre a sua participação na pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFC/PROPESQ:  
Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Ceará - Rua Coronel Nunes de Melo,1000.

Telefone: 3366.8344

Horário de funcionamento: 08:00-12:00 horas de segunda a sexta-feira

O CEP/UFC/PROPESQ é a instância da Universidade Federal do Ceará responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos.